

IMAGINÁRIO: CURRÍCULO PARA APREENDER A VIDA.
(OU A TESSITURA DE UMA BIBLIOTECA PARA CRIANÇAS)

por

Nanci Gonçalves da Nóbrega
(Universidade Federal Fluminense)

Dissertação apresentada à Escola de Comunicação da UFRJ/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, do CNPq, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Ciência da Informação.

Orientadora: Heloisa Tardin Christovão, PhD
(Pesquisadora Titular - CNPq/
IBICT)

Rio de Janeiro
1992

vol. 1

NOTA EXPLICATIVA (DA ESCRITA)

No "Prólogo" desta dissertação de Mestrado, tento, enunciando a metodologia, fazer valer minha escolha de que este instrumento significasse para o "mundo acadêmico" o que significa para mim: uma viagem. Assim, à semelhança dos viajantes, fiz um "diário de bordo", onde ficaram registrados os acontecimentos e reflexões cotidianos desta jornada.

E, por causa disso, a escolha radical de sua apresentação manuscrita.

E, para intensificar a parecerça, a inserção de icnografia que permitisse ampliar (?) o traçado da rota desta viagem.

NOTA EXPLICATIVA (DA ESCRITURA)

Na escritura desta dissertação, algumas decisões que preciso esclarecer:

a) Vai-se encontrar o termo "biblioteca" ora com maiúscula, ora com minúscula, representando, ora a instituição de um modo geral (a Biblioteca), ora aquela biblioteca em particular que obrija a experiência narrada (uma biblioteca). Porém, a bem da verdade, é preciso que se diga que, como no particular está sempre o geral — e vice-versa — a maiúscula "engole" a minúscula e, com certeza, aparecerá muito mais vezes, num quid pro quo denunciador do entendimento que tenho da questão (biblioteca pra mim é sempre maiúscula). Contudo, pois, a se olhar até "fogo" com oho de quem também quer jogar;

b) utilizo os tempos verbais como quem escreve um diário

— minha forma neolhida — de modo "dinâmico": um bem está no passado e já cresce com o presente. Nossa tradução transparente de que este trabalho marcou minha vida;

c) a contribuição das crônicas aparece com as seguintes formas: 1. quando é fala, oral, procuro traduzir seu modo de se expressar da forma mais fiel possível; 2. quando é escrita, deixo aparecer os "seguros" de grafia, pontuação etc. tentando um respeito ao seu discurso próprio; 3. muitas vezes também "explícito" detalhes pois que, ou se perderam, ou estavam por demais inadequados para reprodução;

d) intentei na cópia literal da linguagem dos diversos "estados" mencionados, mostrar a evolução profissional ganha com a sistematização das reflexões: linguagem "ingênua", se assim se pode chamar, para linguagem pensada, neolhida, "amadurecida" na labuta do "que fazer";

e) finalmente, precisei coragem para copiar algumas vezes da fala das crônicas (seja escrita, seja oral), o meu nome escrito. Na esperança de que — assim como eu — compreendam que ele no linguajar específico infutível é um substituto para o termo Biblioteca. Tenho fé, inclusive, que um sinônimo.

Intencionalmente dividiu-se o trabalho em 7 capítulos, dando-se ao capítulo 3 um peso maior, porque na metáfora utilizada da viagem, esta — aqui — melhor se identificaria. Ficou assim, então: no prólogo, a explicação da metáfora da viagem; na Introdução, a explícita-

ção do modelo de biblioteca para Oniueas; no capítulo 3, o âncuro, a propriamente dita jornada (o (re) encontro): contar o acontecido para melhor percebê-lo. Adicionadas a estes três itens iniciais, as "Notas", funcionando como explicação - reflexão - informação - demonstração constante (o ir e vir para, talvez, achar o melhor caminho; o dizer (-se) dizendo. Escolheu-se colocá-las ao final dos capítulos (e, não, como notas de rodapé) para que permitissem ou a leitura direta daquele capítulo, ou o exercício - físico e mental - de a elas recorrer. E, pois, a tentativa de facilitação organizando-as com as restantes partes num volume separado. No capítulo 4 chamou-se também "souvenirs" para, além da metáfora continuada, dizer do verdadeiro significado daquelas palavras - encaradas como avaliação: são como que certos portais de lugares visitados que eternamente lembrarão a viagem e constante vontade para pensar se valeu a pena. Na parte 5 conclui-se (!) o dito; na 6, convida-se a outras e outras viagens. A 7ª parte fica como um talvez arreumate do que, porventura, tenha ficado faltando.

A iconografia? Melhor não explicá-la, decidi. Já que é o único, o dizer (-se) não (se) dizendo. É o convite. São os símbolos. É o Sinaquário.

RESUMO

Apresentação de um modelo de Biblioteca para Crianças que utiliza os símbolos componentes do Imaginário infantil — veiculados na obra de ficção — como linha norteadora de trabalho. Sua dinâmica consiste em dividir a Literatura em chamados "mundos", que formariam os elementos propiciadores do "tema gerador de interesse de leitura". Esta metodologia é mostrada através de relato de experiência e explicação dos procedimentos adequados.

SUMÁRIO

• <u>NOTA EXPLICATIVA (DA ESCRITA)</u>	I
• <u>NOTA EXPLICATIVA (DA ESCRITURA)</u>	II
• <u>RESUMO</u>	V
• <u>SUMÁRIO</u>	VI
1. <u>PRÓLOGO (ou MAPA)</u>	5
<u>NOTAS E CITAÇÕES</u>	10
2. <u>INTRODUÇÃO (ou KINERÁRIO)</u>	14
<u>NOTAS E CITAÇÕES</u>	27
3. <u>HIPÓTESE? OBSERVAÇÃO. EXPERIMENTAÇÃO (ou DIÁRIO DE BORDO)</u>	44
3.1 <u>DESCULPE O TRANSTORNO, ESTAMOS EM OBRAS</u>	45
3.2 <u>ALRENTENDO A SER CRIANÇA (ou DANIEL, GUSTAVO E ÉRIKA)</u>	55
3.2.1 <u>DANIEL E A IRA</u>	72
3.2.2 <u>GUSTAVO E O DESEJO</u>	74
3.2.3 <u>ÉRIKA E A BUSCA</u>	80
3.3 <u>A MÁSCARA ZANGADA</u>	87
3.4 <u>O MUNDO DA FICÇÃO CIENTÍFICA</u>	93
3.4.1 <u>RE CARLOS E A MORTE</u>	132
3.4.2 <u>O FUTURO, APESAR</u>	134
3.4.3 <u>A FESTA ESPACIAL</u>	139
3.5 <u>O MUNDO DO TERROR</u>	148
3.5.1 <u>OS ELEMENTOS FORMADORES DO TEMA GERADOR</u>	155
3.5.2 <u>FRANKENSTEIN E OS PEDACOS</u>	164
3.5.3 <u>SLICE E O MEDO</u>	173
3.5.4 <u>VENCENDO OS MALDITOS E CALA A BOCA JÁ MORREU</u>	179
3.6 <u>O MUNDO DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA</u>	186
3.6.1 <u>OS MITOS, AS HISTÓRIAS, A HERANÇA</u>	200
3.6.1.1 <u>OS NORDESTINOS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA TRAGÉDIA A LA GREGA</u>	211

3.6.2 AS BIBLIOTECAS	288
<u>NOTAS E CITAÇÕES</u>	296
4. AVALIAÇÃO (OU SOUVENIRS)	485
4.1 O QUE AS CRIANÇAS DIZEM	499
4.1.1 ACERCA DA FICÇÃO CIENTÍFICA	499
4.1.2 ACERCA DO TERROR	504
4.1.3 ACERCA DA MITOLOGIA GREGA E ROMANA	510
4.1.4 ACERCA DO MISTÉRIO	512
4.1.5 ACERCA DO ROMANCE	518
4.1.6 ACERCA DE OUTROS TEMAS	519
4.1.7 ACERCA DA LEITURA	521
4.1.8 ACERCA DA BIBLIOTECA	522
4.1.9 ACERCA DO EDUCADOR	526
4.2 O QUE DIZEM OS ADULTOS	531
4.3 O QUE AINDA SE DIZ	532
<u>NOTAS E CITAÇÕES</u>	533
5. CONCLUSÕES (OU YIM DA VIAGEM) (?)	554
A) O tecido (ou a tuiá)	554
B) A linha (ou o nó)	556
C) A agulha (ou a tesoura)	564
D) O arremate (ou o alinhavo)	568
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS (OU PRÓXIMA PARADA: ...)	571
7. ANEXOS (OU BAGAGEM)	580

À minha orientadora - pela perseverança, os eufios e des-
seis empurrões e as emoções compartilhadas.

Às crianças do Bennett, para sempre no meu coração, e
a todos que fingindo aprender, ensinaram. Aos que
compartilha(ra)m.

À mamãe e ao papai que me ensina(ra)m a força
do despreendimento e da bondade.

Aos sonhos.

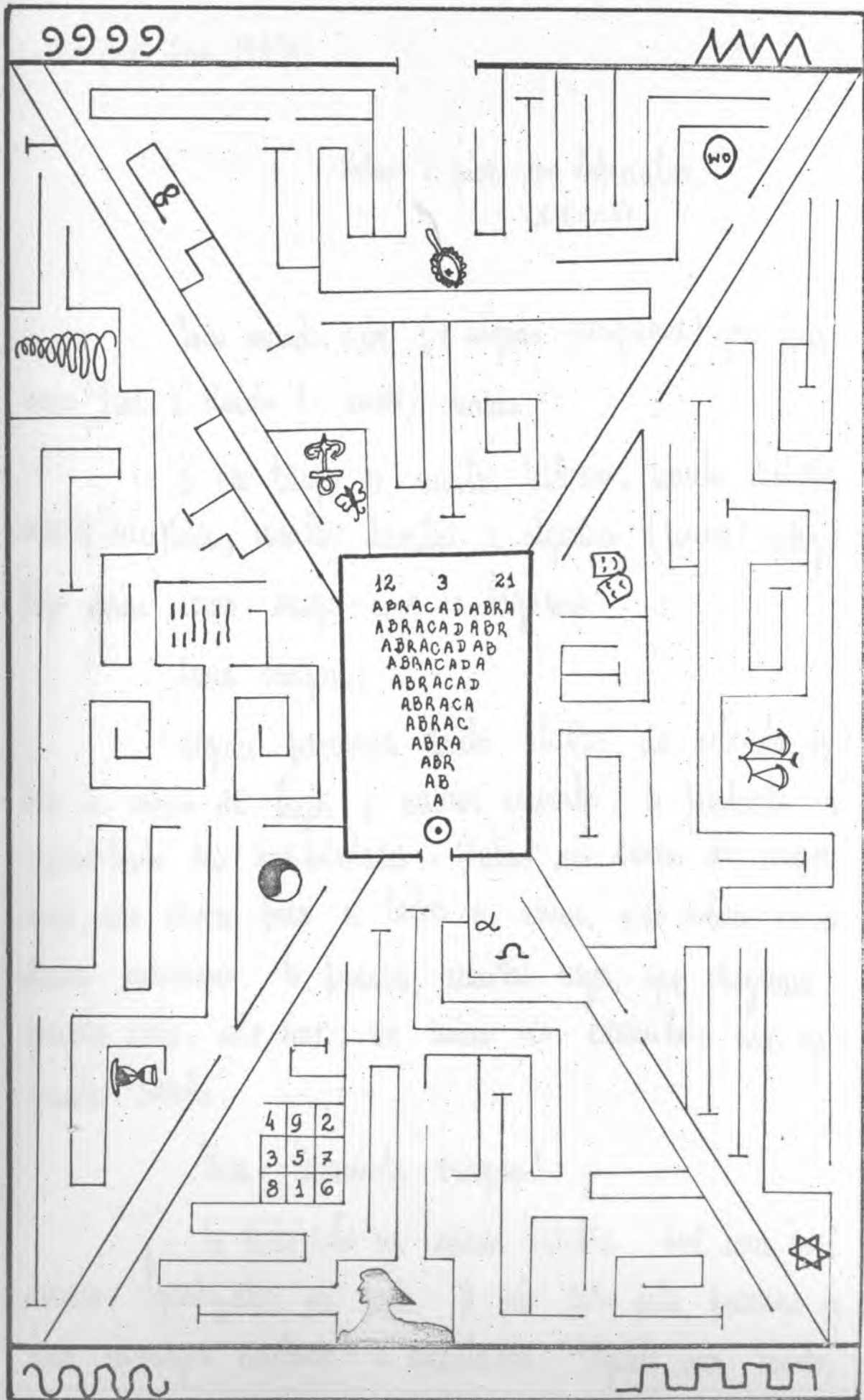
À Rapela.

Eu preparo uma canção que faça
acordar os homens e adormecer as
crianças...

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE



(Copiado, com interpretações, do baralho de Havelha - instrução de Tarot)



1. PRÓLOGO (ou MAPA)

Reta: o pior dos labirintos.
LEHINSKI

Todo mundo sabe (e alguns imaginam) que fazer uma tese é doído (e doído) demais.

É um tempo de muitas leituras, muita reflexão, muita disciplina, muitas dúvidas e algumas (poucas) certezas. Algo assim como sangue-euot-e-lóquias.

Uma viagem.

Alguns percorrem tantos atalhos na estrada, que vão, à espera de fazer o melhor esmiuço, se perdendo no emaranhado das possibilidades. Outros, em busca do lugar logo, não olham para os lados e, assim, não vêem os indícios ulteriores. E pensam, muitas vezes, que chegaram, quando estão, isto sim, no início do esmiuço. Ou na parada errada.

Dere: tremenda viagem!

É tudo isto na maior solidão. Você com você mesmo. Igualzinho ao parto. A não ser pela presença de uma invulgar criatura: o orientador. Aquela que sendo,

não é. "Tudo o que ele faz é ficar em pé com um espelho na mão, de preferência nas curvas fechadas, e fazendo careta. O orientando, que também tem esse nome somente, não é orientando. Ele é fazedor de algo que quer fazer, mas que tem medo. Por isso o orientador (que tem esse nome somente, de não orienta) faz carta dentro da curva perigosa. Ou o "orientando" fica com mais medo da carta do "orientador" do que do seu próprio medo, ou fica com mais medo (e acaba rindo) da própria cara ao vê-la refletida no espelho do que do seu próprio medo. E faz a tese..."(1)

Então, até aqui, a minha viagem.

Para mim, tanto quanto a de Ulisses (nos mares de fora de Homero ou nos mares de dentro de Joyce); tanto quanto a de Alice; tanto quanto a de Diadorim; tanto quanto a de Swan; tanto quanto a de Dante ou Eúrias; tanto quanto a de Onfeu, ou Gúliver, ou Perrival, ou Dorothy, ou Caronte, ou Drácula, ou Noé, ou a dos argonautas. Tanto quanto a de Bastian - Atréu, a minha viagem. (2)

Feita, como as verdadeiras viagens, de escolhas (e escolhos), me trouxe o impasse maior: que metodologia usar? Qual o caminho? Qual o método que permitiria dizer o indizível? Que revelaria o que, acredito agora,

continuará, de alguma forma, mistério? Quais as palavras a dizer que, em se dizendo, dizem o âmago das coisas tanto quanto possível? E, armadilhas que são, dizem, ao mesmo tempo, que tantos outros seus significados ainda estão abertos à investigação? Quais usar: palavras do raciocínio ou palavras do coração? Linguagem "acadêmica" - quase só substantivos -, ou a linguagem livre-livre-e-solta do coração - carregada de adjetivos?

Que método poderia, ao mesmo tempo, mostrar, dissecar até novo modelo (3) pretendido mas, nas entrelinhas, deixar entrever que há um ponto, em algum lugar, muito maior do que qualquer demonstração. É justamente este ponto que eu - definitivamente - quero salientar nesta tese, porque nele está a possibilidade de cada um; o parâmetro para a criatividade pessoal (tão vital no novo fazer, em qualquer fazer). Assim, enfrentar o julgamento acadêmico que refletirá: mas que modelo é este que se diz não se dizendo?

que viagem!

E porque toda viagem pressupõe um relato, escolho também a linguagem de "diário". (4) Um "diário de bordo" que conta a experiência vivida e, enquanto conta,

a refletir. Os fatos e a reflexão sobre eles. Porque assim os diários cumprem seu destino: ser a memória do passado e o aprendizado. Porque, é claro, assim registrando nossa vida, nós a vivemos mais do que uma vez.

E, porque diário, a escolha da 1ª pessoa do singular na linguagem desta tese. E, portanto, outra armadilha a enfrentar, outra pedra no caminho: o duelo entre a soberba (inimigo maior) e a falsa modestia (também inimigo poderoso). Saberei em palavras bem ditas para fazer perder o exato momento onde uma se movela com a outra e saberei separá-las, mas não deixar que qualquer saia vencedora maior? Ah! as palavras! Malditas! Porém, como contar minha experiência sem cair neste laço das palavras? Como contar, e pensar, sem enfrentá-las?

E, por fim, a escolha do "era uma vez". Já que é um diário escrito na 1ª pessoa do singular, e esta singular pessoa é - acho que como toda gente que trabalha com Educação - metade realidade e metade fantasia; metade no aqui e agora e metade no vir a ser. Por isso o "era uma vez": tempo-espaço circular, a fórmula mágica, o pó de pirulimpirim, o abraçadabra que nos permite olhar o real com olhos de ver. Porém que nos faz, a nós edu-

cadros, passageiros de uma eterna viagem (de um eterno soubo):
a de que mudará um dia o que é preciso ser mudado.

Viagem enfim acabada? Terrei chegado a algum
lugar? Eis um caminho certo? Eis umas palavras o um
mista?

de empresta o verso, poeta, e diz da minha
única grande certeza encontrada:

caminsente, no hay caminos
se hace el camino al andar. (5)

NOTAS E CITAÇÕES

1. Centésimo décimo sexto "empurrão" da minha orientadora, a Helô. Extraído da correspondência enviada entre nós na leitura desta tese.

2. Lizo o Dicionário de Símbolos (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, p. 951-3) que o "simbolismo da viagem, particularmente rico, resume-se no entanto na busca da verdade, da paz [...], da procura e da descoberta [...] É que, na realidade, essas viagens só se realizam no interior do próprio ser. [...] Com todas as literaturas, a viagem simboliza, portanto, uma aventura e uma procura, quer se trate de um tesouro ou de um simples enriquecimento, concreto ou espiritual." É verdade mesmo, falo por experiência própria. Foi no meu Jerúsolém e, trabalhando no rio, preciso fazer diariamente uma viagem. Foi nessa delas, dentro do ônibus, que me veio o "insight" que resultou na forma de apresentação desta tese. Afinal estou, nas viagens diárias do mundo de fora, marcando constantemente um encontro consigo mesma (o encontro que o cotidiano atrelado deste nosso laço mundo adia "ad infinitum") e, portanto, viajando sempre no mundo de dentro. Para somar, muitas leituras

que estive fazendo enquanto preparava este trabalho, fizeram um casal amigo e contribuíram pra esta decisão da forma, praticamente mostrando o caminho, uma prova pra mim definitiva de que, como avisa Herliuz, devemos tomar cuidado com nossos desejos, porque eles se realizam.

3. "Novo" na medida em que não obtive, enquanto realizei (o) a experiência e enquanto a refleti e registrei, nenhum indício de que já tenha existido. Há experiências sendo buscadas. Ouvintes que pelo meio do caminho ouviram e que alçaram vôo, à procura, eles mesmos.
4. Uma das leituras cômplexas mencionadas à nota 1 foi o Pequeno pedagógico (MAKARENKO, 1987). Conversando com minha orientadora pela centésima décima sexta vez sobre as armadilhas da forma, tinha muitas dúvidas sobre o melhor modo para esta tese. Foi aí que, apresentada de verdade ao Paulo Freire, ele me apresentou ao Makarenko. E eu disse: mas então dá pra fazer uma coisa muito bonita, científica, usando a narrativa na 1ª pessoa do singular! E, mulher de diários e diários, tomei coragem. Claro que olhando-me no espelho e sabendo que no reflexo

nito não estava o Hakareuko. Mas, só a coragem que ele me deu... Se qualquer jeito, agradeço a quem e ao que me avisaram dos perigos deste caminho. Afinal, são atalhos temerosos a encontrar.

5. Antonio Machado, poeta espanhol, em seus Proverbios y cantares.

2. INTRODUÇÃO (OU ITINERÁRIO)

É difícil de ler um rasto tão longo.
GUIMARÃES ROSA

A instituição BIBLIOTECA, ao longo de sua existência, tem sofrido uma visão distorcida de sua essência. Esta essência, que é a de trans-fer-uar (1), fica oculta pelos objetivos mais imediatamente aparentes de informar e formar.

A BIBLIOTECA PARA CRIANÇAS (2) tem sido vista, tradicionalmente, como mero auxiliar nos objetivos da Escola e/ou como espaço do lazer proporcionado pela leitura. Deste modo, opera como um apêndice e não como um organismo autônomo, capaz de ler, de ensinar, propulor de mudanças.

Poderá, entendendo-se a criança como ser humano em fase própria de desenvolvimento (assim como o adolescente, o adulto e o idoso estão, cada qual, em constante completar-se e ajustar-se (3)) e, nunca, como um pequeno "vir-a-ser" que só encontraria sua concretude na maturidade; entendendo-a como o ser humano que aprende a vida, por existência, pelo IMAGINÁRIO (4); entendendo-se a LITERATURA INFANTIL (5) como facilitadora para a compreensão deste Imaginário; e tentando de-
codificar o CÓDIGO SIMBÓLICO (6) do ser humano criança, perceber-se claramente a ausência de contato, de encontro, entre

esta e a Biblioteca. Não há exclusão. Há, muitas vezes, um duelo.

A biblioteca está, então, ausente do universo infantil. Não faz parte dele, assim como fazem o brinquedo, o brincar, o olhar o mundo, o desvendar a vida. Falta, essencialmente, a convivência entre a instituição e seu usuário.

Essa ausência é tanto mais grave porque é a partir de um elo de cumplicidade que a criança vai aceitar este "espaço" como parte integrante de si. A biblioteca (convertida no livro, na história) passaria a significar-lhe elemento comum, constante em sua vida tanto quanto a bola, a boneca, o animal de estimação, o amigo (do real-idade ou do real-imaginação), o desenho, o sonhar, a bruxa, a fada, a princesa, o dragão, o castelo, o olhar da professora, o campo de futebol, a torre, a lata de biscoito na prateleira do armário, a caixa de sapatos - lembranças da avó, o ligante esquentado do papai, a laçatixa - cou-o-nabo - amarrado - na - caixa - de - fósforos, o rubor na face, o choro, o guarda-chuva - espada - mágica do vó, o acalanto, o xix, a árvore proibida no quintal vizinho, o estar quieto no seu canto, o grito, o medo, o beijo da babá, a ausência, o roncô no estômago, os labirintos, o bater do coração, as histórias na voz da ma-

Mãe...

Passando a significar elemento do mundo infantil, a biblioteca deixaria sua máscara de "templo do saber" - saber intocável, indisputável e inutável (portanto enregelado, (pre)concebido, inaleveado) e assumiria sua persona verdadeira: o lugar possível. Lugar onde os enigmas da humanidade estão à espera para serem desvendados; onde os discursos do homem estão à espera de serem refletidos e recolhidos ou recriados; onde o espírito crítico se exercite; onde a expressão criadora se livre. Lugar onde as histórias aconteçam e se discutam. Onde as estantes, mais do que guardar, estendam as obras à investigação.

A biblioteca, no entanto, não é só um espaço criado de livros por todos os lados. Ela é, isto sim, a ação que acontece por causa deste espaço, que, móvel, derrubará paredes e acontecerá onde for possível contar uma história, ver um filme, assistir a uma peça teatral, perguntar sobre uma planta, ouvir um conto, sussurrar sobre um sonho... Um espaço estirante, convidativo, atraente. Tal qual uma mãe, esta biblioteca. Nela, o feio é prazer e, não, imposição.

Assim, uma proposta de MODELO DE BIBLIOTECA PARA CRIANÇAS transpõe uma diversão.

Porque, entendendo-se os modelos vigentes carregados de inoperâncias, em sua maioria (bibliotecas escolares que funcionam somente para atender "perquisas", para ficar com os alunos considerados indisciplinados, para empurrar acervos de livros impostos como leitura extra-classe; e bibliotecas infantis onde é comum, ou a plena ausência de leitores, ou esforços patéticos de incrementação de leitura através de excesso de brincadeiras, jogos, dramatizações etc., fazendo-as muito mais "circo" do que Biblioteca); sendo estes modelos quase nula, quase forma, tentar-se-á um outro parâmetro que não seja estático, nomeoso, subvergente, aborrecido, típicos. É que afasta, em lugar de atrair (7).

A biblioteca que deverá ser evidenciada aqui é aquela que faz de sua ação uma ação dominante, própria, única. Trabalha com outras ações e, não, para ou sob estas. É sujeito no seu fazer e, não, objeto de outros fazeres. Reflete (-se) (u) a criança.

Reflexo da criança, então, é alegre, cheia de vida, divãmica. Tem sua existência na ação de ser agente de transformação. Transformação do ser indivíduo e do ser social: labora com o EU, para que ele se (re) elabore e elabore

em si o ser social. E, como a cara e a coroa da mesma moeda, que são duas e uma ao mesmo tempo, paralelamente, labora com o social para que se elabore o ser individual. Assim, tendo seu ofício comprometida no binômio indivíduo/grupo, torna-os comprometidos em si e entre si, convidando-os a serem sujeitos da ação de estar no mundo, de ser no mundo.

Este modelo a ser desenvolvido aqui tem uma ação orientadora das atividades que serão, fundamentalmente, pedagógicas. Deverá trabalhar evitando miríades de eventos "para atrair o leitor". É baseada numa ação profunda, sedimentadora, que busca, passo a passo, a transformação dos que ali convivem.

Esta ação transformadora utilizará como "modus operandi" o Imaginário que vem sendo na obra de arte, especialmente a literária, que contém a concretude do imaginário humano e que atua como representação do mundo; que permite à criança o conhecimento e apreensão da vida, seu entendimento e a tentativa de inserir-se nela enquanto ser reflexivo. Imaginário/real, mundo possível a todos e a cada um. Histórias, personagens, espaços e tempos serão a argamassa deste trabalho.

Trabalhando-se em torno do Imaginário podemos, como num quebra-cabeça, depreender partes que formam um todo. O todo sendo o mundo, a vida (vvida e/ou imaginada), as partes seriam os elementos que possibilitam este mundo acontecer, esta vida ser. Trabalhando-se em torno do Imaginário, temos então o todo a obra de arte literária e suas partes/peças do jogo, os diversos "mundos" que a Literatura pode oferecer: o mundo da aventura, o mundo da fantasia, o mundo do riso, o mundo do mistério, o mundo do terror, o mundo da mitologia... Cada mundo/peça/parte será dissecado na sua aparência e existência para que, conhecendo-o, saibamos onde exatamente ele se encaixa para compor o todo (a Literatura (Imaginário)/a Vida (Real)). Como no processo científico, o investigar, o observar, o imaginar, o experimentar, o refletir serão os verbos empregados por esta Biblioteca para crianças, numa ação de descoberta, de redescoberta, de transposição.

No jogo do quebra-cabeça, onde se tem um todo ("a priori" conhecido ou desconhecido) desmembrado em pedaços, em peças, vamos analisando cada uma destas partes para, juntando-as em si, encaixá-las no universo que se quer.

(re) construir. Esta experimentação utiliza um fio condutor de raciocínio. Por exemplo, se há grande número de peças azuis, tentar-se-á pensá-las como um possível mar, ou céu, de uma - talvez - paisagem. Experimenta-se, então: as peças são colocadas embaixo (tentando compor-se um mar); ou em cima (tentando compor-se um céu). A seguir, vem a tentativa de encaixá-las entre si, agora que, juntas, podem ser mar, ou céu. É assim por diante.

Conduzidos, então, pelo " fio " - a cor azul (talvez aqui esteja um mar, talvez aqui esteja um céu, pois talvez aqui esteja uma paisagem) -, trabalhamos na tentativa da (re) montagem.

Assim também em relação ao Imaginário na Biblioteca para Crianças. Um fio condutor - que será intitulado neste trabalho de "TEMA GERADOR DE INTERESSE DE LEITURA" (8) - montará o processo de (re) construção do universo que é a obra de arte humana e, paralelamente, do universo que é a vida.

Desmembrada em " peças " (histórias, personagens, tempos, espaços, imagens, palavras, sons) a literatura (escrita, oral) é o universo a (re) montar. O " tema gerador de interesse de leitura", fio condutor, agrupará as peças confor-

me suas semelhanças para possibilitar a (re) construção. Por exemplo: se há tantas histórias onde a noção de tempo é a de um passado vago, abstrato, impreciso ("Era uma vez..."; "Houve um tempo..."); onde os personagens são incomuns, do ponto de vista da realidade (gigantes, bruxas, duendes, bichos que falam a linguagem humana...); onde o espaço é um lugar intangível ("No reino do Faz-de-Conta..."); onde a narrativa apresenta, quase sempre, uma estrutura única (introdução/desenvolvimento/anti-clímax/clímax/fim) etc.; se há tantas histórias assim, talvez devamos agrupá-las a fim de representar um bloco maior com peças coordenadas entre si (o possível mar ou o possível céu da possível paisagem, citados anteriormente). Chamemos a este bloco de "Mundo da Fantasia". E prossiguamos com a experimentação e acharemos outros blocos, outros "mundos".

Nesta forma, cada bloco assim configurado se encaixará, por sua vez, com outros, possibilitando, então, a (re) montagem do todo. Isto é, a apreensão do que seja este Imaginário humano falado, do que seja esta falada obra de arte literária, do que seja esta tão falada vida (9).

E, ainda, trabalhando-se em torno do Imaginário, neste processo semelhante ao fogo do quebra-cabeça, podemos

procurar - assim como o fizemos em relação às semelhanças - onde estão os elementos diferenciadores em cada mundo, já que tantas vezes são as diferenças que nos permitem perceber melhor a identidade; descobrir em cada um destes mundos percorridos como são vistos os temas maiores do ser humano, seus eternos assuntos: amor, perda, busca da identidade, medo, riso...

O Imaginário humano concretizado na obra de arte é compartimentado em "mundos", que formarão focos periódicos de trabalho, e terão como presença o INCENTIVO AO GOSTO PELA LEITURA (10). Serão estes "mundos" (do mistério, da Fantasia, da Ficção Científica, do Terror, da Mitologia, do Riso, da Tragédia, do Romance, do Cinema etc.) como países por onde um tapete mágico - a Biblioteca, o livro, a história - viajará, deixando que seus viajantes conheçam os elementos componentes daquele mundo: como é este país por onde se passa agora? Quais são os símbolos que compõem sua "fácie" (histórias, personagens, imagens identificadoras, palavras...)? como ele se encaixa com o resto dos países para formar o mundo? há alguma característica nele que esteja presente também em outro mundo?...

Assim, quando o fogo da busca, da descoberta

do mistério, do desvendar os enigmas, esta Biblioteca para crianças estará sendo como a criança: alegre, curiosa, DINÂMICA, cheia de vida. Assim, o incentivo ao gosto pela leitura — essência do fazer nesta Biblioteca — acontecerá de forma LÚDICA (a forma "reconhecida" pela criança), prazerosa, sutil. Algo assim como um convite. Nada que se pareça com uma obrigação.

Assim, esta Biblioteca não estará à espera, como um organismo apático; não estará ditando ordens, como um organismo enlouquecido. Estará laborando, junto ao seu usuário, as questões do mundo. Estará, como ele, fazendo perguntas. Muito mais do que respostas. Neste trabalho de construção, o fazer da Biblioteca para crianças é, então, essencialmente dinâmico.

É preciso que bem se entenda, porém, que dinamização não é somente festas, brincadeiras, jogos, dramatização, artes plásticas etc. Dinamização da prática bibliotecária é o uso de tudo isto para um fim; é o meio, é "ponte".

Desta forma, o modelo depreendido neste trabalho percebe e evita as armadilhas do "fazer puro", como dito por Paulo Freire (11), e enuncia uma prática com re-

flexão; um "que fazer". Então, incorremos no erro comum de transformar a Biblioteca para crianças num clube recreativo, num ginásio de esportes, numa aula de Artes Plásticas, num consultório, num palco teatral, num centro de atividades culturais estilhaçadas. E estes são espaços outros já existentes; são organismos com sua ação própria. (Dinamizar, sim. Mas, por quê? Para quê?)

Biblioteca para crianças é organismo dinâmico porque contém uma ação pedagógica. Ação que não se faz em torno de atomização; não se faz com trabalho em cima de eventos; não é receita mágica de atividades milagrosas; não é o estilhaçamento do todo em partes desgrenhadas e cegas, emparedadas em si.

○ Fazer pedagógico exige a troca, o relacionar-se, o entrelaçar-se. Assim a Biblioteca dita aqui. Como um tricô: duas agulhas, juntas, vão tecendo o tecido. Reflexão e ação. Atividades e questionamentos. ○ Eu e o Outro. ○ sujeito e o objeto. A procura e o procurado. ○ estar em si e o estar no mundo. Leitura da palavra e leitura de vida. ○ discurso e o ato. Indivíduo e sociedade.

Será apresentada, deste modo, uma prática que se utiliza de um fio condutor (comum ao processo científico), já que quer tornar-se um fazer reflexivo. Este fio, linha

mostra do trabalho, e aqui denominado "tema gerador de interesse de leitura", permitirá, assim, fornecer um modelo de Biblioteca para crianças com uma atuação essencialmente pedagógica.

A partir, então, da reflexão sobre algumas experiências com crianças, histórias e símbolos (vivência em Biblioteca para crianças do Pré-Escolar à 5ª série do 1º Grau em escola particular localizada na zona sul do Rio de Janeiro, no período de 1980 a 1986; vivência com crianças pobres frequentadoras de diversas bibliotecas de bairro, bibliotecas de associações de moradores; vivência com "crianças de rua"; vivência com educadores em palestras, seminários, congressos, oficinas, projetos e cursos de treinamento em organização e dinamização de bibliotecas, patrocinados por instituições, como Fundação Nacional do Livro Infântil e Juvenil - FNLIJ, Serviço Social do Comércio - SESC, Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários - FEBAB, Câmara Brasileira do Livro, Instituto Nacional do Livro - INL, Comissão Brasileira de Bibliotecas Públicas e Escolares - CBBPE, Comissão para o Fomento do Livro na América Latina e Caribe - CERLALC, Secretarias de Educação e Cultura de diversos estados e municípios, Associação Brasileira de Psicologia Educacional etc.; vivência com alunos da Universidade Fe-

dinal Fluminense e que, formando-se em estagiando, de u-
 ma maneira ou outra, estão dando prosseguimento às idéias
 tecidas por nós nas aulas sobre Bibliotecas para Crianças;
 e, talvez tão fundamental que encorajou a inclusão, vi-
 vência em minha "casa-laboratório", com minha Rafaela,
 enriquecedora e transformadora filha, a minha mestra
 maior), a partir dessas experiências, então, tenta-se chegar
 a um modelo de Biblioteca para Crianças que as leduza
 e as torne usuários constantes. Um modelo que torne
 esta instituição um espaço móvel onde, muito mais do
 que se precisa, se quer ir; que permita à criança e
 a nós, educadores, dúvidas, algumas suspeitas, certas des-
 cobertas, muita, muita reflexão e o PRAZER. Um lugar
 que seja o propulsor do gosto pela leitura, o facilita-
 dor de encontros felizes entre o usuário e a Informação
 (em seu sentido total). Um labirinto. Aquela que permi-
 ta vários caminhos; o que tenha quinas, esquinas, mu-
 nos. Erros e acertos. E saídas.

Um modelo de Biblioteca para Crianças que
 permita a nós, bibliotecários, ser Ariadne. Nem o mon-
 stro, nem o herói. Mas Ariadne. A que, entregando o
 novelo, entrega, isto sim, POSSIBILIDADES.

NOTAS E CITAÇÕES

1. É a ação de transformar é, segundo definições de dicionário: "dar nova forma, feição ou caráter; tornar diferente do que era [...] metamorfosear [...] converter-se, transfigurar-se" (FERREIRA, 1986, p. 1701). Porém, parece ser em Álgebra que aprendemos que um conjunto transforma-se em outro, de tal modo que todos os elementos deste segundo conjunto são imagem de pelo menos um elemento do primeiro, aquele que se transformou. Algo ficando diferente, porém com resquícios de si. Isto, a mim, sempre soou como um grande mistério. Talvez o mesmo que vejo, mas não posso demonstrar com medidas comuns, quando sei que uma criança está a transformar-se, está metamorfoseando-se, e que este processo foi de alguma maneira precipitado (empréstado aqui a terminologia da Química) na Biblioteca. Assim, falo da metamorfose, da transformação, como símbolo de identificação, de individuação. Abandonar suas camadas (aparências), para fazer vir à tona sua essência. (Ambição demais para uma Biblioteca de crianças? Certamente. Foi isso a paixão neste trabalho.)

2. O termo "biblioteca para crianças" utilizado nesta disser-

tação segue uma orientação própria. A terminologia técnica usa comumente "biblioteca escolar" e "biblioteca infantil". Porém, desodificando-lhes a carga semiântica de: 1) apêndice para a informação e formação que o primeiro termo contém e, 2) a de espaço somente de lazer e recreação que o segundo deixa entrever, optou-se aqui pela aceção "para crianças". Significando aquela Biblioteca a elas dirigida, esteja em que espaço estiver: ou numa escola, ou como seção de uma biblioteca pública, ou como atividade na enfermaria pediátrica de um hospital, ou num orfanato...

3. Cronologia. Se a infância ajudou o poeta?, indaga-me uma entrevistadora. Sim, o menino faz parte do adulto. Já a misteriosa sabedoria do povo, por exemplo, nunca achou nenhum absurdo na devoção simultânea a Jesus Cristo e ao Menino Jesus. Deve ser por isso mesmo que escrevi, num poema de 1945: Jesus Cristo encontrou o Menino Jesus. E, vinte anos mais tarde, me aconteceu este verso: Veni Jesus Cristo com o Menino Jesus ao colo. Suponível maior coexistência. É esse extraordinário poema autobiográfico que é o "Oito e meio" de Fellini, o menino e o adulto confundem-se. Porque, no fim de contas, a cronologia deve ser

um truque do calendário para epítetos de computação histórica. Temos todas as nossas idades no mesmo tempo." (Nário Quintana, em sua Da preguiça como método de trabalho.)

4. Pesquisas em diferentes obras de referência deixam perceber que, comumente, há uma idéia adjetiva no termo IMAGINÁRIO. Neste modo, "imaginário" vale quase sempre como sinônimo de pensamento fantástico, ora antagonizando-se com o conhecimento e com o mundo real, ora coadjuvando-o. Partindo-se, então, para a definição do substantivo IMAGINAÇÃO temos, em: "Em Psicologia, imaginação é um processo interno de emendamento de imagens, sem (quilo nosso) propósitos cognitivos, correspondente ao conceito de fantasia [...] Seria, então, pura meramente expressiva da realidade interna do sujeito, não se subordinando ao controle da realidade exterior, e a ausência do controle externo lhe retiraria a condição de processo de conhecimento (quilo nosso)". (ENCICLOPÉDIA SHADON, 1979, v. 11, p. 5988); ou: "Función característica de la misma [IMAGINAÇÃO] es esquematizar los conceptos abstractos; por lo mismo su intervención en la obra del conocimiento es tan útil que contribuye a facilitar su acceso aun a los problemas más obscuros." (ENCICLOPEDIA Universal ilustrada Erc-

peo-Americana, 1925, v. 28, p. 1046). Assim, como "IMAGINÁRIO" aparece em grande parte de obras de referência em verbete pequeno, adjetivo, ou seja, termo derivado de um maior - "IMAGINAÇÃO" -, substantivo, buscou-se o caminho da percepção do seu significado através da sinonímia. Desta forma, encontrou-se nas definições de "IMAGEM", "IMAGINAÇÃO", "FANTASIA", grande interação de conceitos. Senão, vejamos: para FANTASIA: 1) "capacidade intelectual de tornar sensíveis as coisas ideais e de idealizar as coisas reais. Dizem da imaginação, enquanto inventa e produz [...] Hegel, Enciclopédia, 318, considera que a fantasia é o "centro em que o universal e o ser, o próprio e o dado, o interno e o externo se fazem completamente uno." J. Frohschammer (1821-1893), professor de teologia e filosofia em Munique, escreveu uma obra sobre A fantasia como princípio fundamental da evolução do mundo. [...] Psicanalistas como Jung, Weiss, Jones emprestam a diversos aspectos da "fantasia" o mesmo sentido e papel atribuídos à "imaginação criadora". (SOARES, 1968, v. 2, p. 120); 2) "El término φαντασία [FANTASIA] ha sido traducido muchas veces por imaginatio. De ahí que el problema de la fantasía y el de la imaginación haya sido tratado casi siempre bajo un mismo respecto [...]. Su significado más general es el de representación (grifo nosso) de una percepción sin la actualidad o presencia de la cosa. La fantasía se-

nia según esto la fuerza o facultad capaz de suscitar tal tipo de representaciones o imágenes representativas [...]. La mencionada distinción fundamental entre la fantasía productiva y la reproductiva es admitida por Kant, quien llama a la primera propiamente imaginación o facultas imaginandi (*Einbildungskraft*) y la segunda phantasia. La imaginación o fuerza productora de representaciones es entonces, como Kant señala, una condición a priori de la posibilidad de toda composición de lo diverso en el conocimiento." (FERRATER MORA, 1951, p. 329-30).

Ainda nesta obra citada aqui, vemos que para Fichte, a imaginação produtiva é inclusive delineadora das formas do Eu; e que Schelling faz da fantasia a facultade radical e principal da criação, não só estética, como também metafísica. Para IMAGEM: 1) "représentation concrète (qu'is nous) construite par l'activité de l'esprit; combinaisons nouvelles par leurs formes, sinon par les éléments, qui résultent de l'imagination créatrice. En particulier, représentation concrète servant à illustrer une idée abstraite." (LALANDE, 1968, p. 464); 2) "Aristotle's claim that "it is impossible even to think without a mental picture" (On memory and recollection)" (EDWARDS, 1972, v. 3/4, p. 133). Repetindo: este trabalho utiliza o termo IMAGINÁRIO com a grande carga conceitual do

do substantivo IMAGINAÇÃO. Algo como um banco de dados de imagens "aparentes" e/ou latentes, passíveis de serem acessadas para representar "concretamente" as abstrações, os pensamentos do ser humano. Algo como um esboço de idéias, ou um baú de imagens guardado nos nossos sótãos, à espera. Por outro lado, também queremos assegurar-lhe o caráter de auxílio cognitivo, de produção, de criação: "Forma de movimento da inteligência. Outros dizem: uma das aptidões intelectuais. O termo "imaginação" é muito equívoco. Sobre as leis últimas da imaginação, ainda a psicologia não conseguiu esclarecimentos completos [...] Vulgarmente tomava-se como sinônimo de "fantasia", "divaneio". Para evitar equívocos, psicólogos modernos querem que de preferência usemos a expressão "imaginação criadora" [...] Com seu poder de expansão, a imaginação criadora é hoje apontada como recurso favorável ao cientista. Newton afirmava que suas descobertas foram feitas "concentrando a imaginação no assunto". [...] "Na ciência a imaginação consiste no poder de síntese, na aptidão para induzir relações longínquas, para edificar hipóteses firmes e achar os métodos para as verificar." Helmar-Boll, Personalidade, 87." (SOARES, 1968, p. 284-5). Sintetizando: este IMAGINÁRIO dito aqui é visto na Biblioteca para Crianças com suas duas faces: 1ª) seria representação do mundo e, como tal, possibilitaria a apreensão deste mundo através de

dados armazenados coletivamente na obra de arte humana (especialmente a literária); 2.^o) seria produção, criação de "novas" imagens, num trabalho de retroalimentação do referido banco de dados, no "continuum" que molda-nos a vida. O ser humano cria-se, então, ao mesmo tempo, diante do já feito, do sido, podendo compreendê-lo; diante do sendo, participando dele; assim como diante do vir a ser, interferindo nele. O ser humano cria-se encontrando (criando), assim, neste acessível banco de dados uma linguagem. Seu passaporte para a Comunicação, para estar no mundo, para ser no mundo.

5. Mas seria a literatura Infantil aquela destinada somente ao público que lhe adjectiva o nome? Não creio, assim como muitos teóricos do assunto. "[...] além de ser um fenômeno literário ela é um produto destinado às crianças, que em suas origens nasceu destinado aos adultos. Ou melhor, que certas obras que foram famosas como literatura-para-adultos, com o tempo e através de um misterioso processo de adaptação, acabaram se transformando em entretenimento para crianças." (COELHO, 1982, p. 19); "A literatura Infantil faz parte desta literatura geral?" Pergunta a que se poderiam acrescentar mais estas: "Existe uma

literatura infantil?" "Como caracterizá-la?" Evidentemente, tudo é uma literatura só. A dificuldade está em delimitar o que se considera como especialmente do âmbito infantil. São as crianças, na verdade, que o delimitam, com a sua preferência. Costuma-se classificar como literatura infantil o que para elas se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas lêem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma literatura infantil a priori, mas a posteriori." (MEIRELES, 1984, p.20); "O gênero "literatura infantil" tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado à criança, desde que versado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e dicção, a distinção preconceituosa se desfaz. Será a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também à parte? Ou será a literatura infantil algo de mutilado, de reduzido, de desvitalizado, - porque coisa primária, fabricada na prensa

são de que a imitação da infância é a própria infância?" (ANDRADE, 1944, p. 220-1). Histórias "de adultos", ou melhor dizendo, alguns "clássicos" da Literatura eram degustados belamente nas viagens que fizíamos, adultos e crianças, em cada "tema operador". Os infantis olhos, iluminados ao ouvir as histórias, eram apenas e simplesmente olhos do ser, a-quele sem idade cronológica, aquele com a idade da alma humana.

6. Por força das circunstâncias e da metodologia escolhida para este trabalho, ainda que sendo de capital importância nele, a questão dos símbolos é tratada aqui de maneira iniciante. Este assunto é brilhantemente refletido na "Introdução" do Dicionário de Símbolos, de Chevalier e Gheerbrant, mencionado em nossas referências bibliográficas. É desta fonte, por sinal, que foi retirada grande parte dos conceitos apresentados aqui. Cada vez mais reflete-se sobre símbolos, numa - quem sabe - demonstração de que estamos de novo à procura de uma linguagem capaz de recuperar-nos nossas almas perdidas. Assim, muito é oferecido ao estudante para pensar. Quando toda esta minha história começou, eu convivía com os símbolos sem me dar muita conta deles; presentia somente uma força poderosa em todo aquele envolvimento das crianças com o trabalho. Aos

pães, os réus foram sendo retirados e, hoje, mais do
 que nunca percebo que todos estávamos envolvidos naquela ma-
 gia porque, afinal, éramos livres para nos deixar emocionar,
 transportar-nos aos feitos enantados ou de feitos nobres,
 as paixões eternas, a dor crua, o medo avassalador, a ale-
 gria profunda eram uma prova de que a vida vale a
 pena. Numa simplicidade abençoada as crianças não se
 cansavam de demonstrar que, das riu, sabiam o caminho
 para chegar lá; a todo momento dando-me sinais de que
 era a estrada a percorrer. Deste modo, os símbolos ins-
 talaram-se definitivamente como campo de estudo em mi-
 nha vida. E, atéta então, via os sinais até em minha
 própria casa. Rafaela, minha filha de seis anos, envolvida
 com os símbolos cara a cara: ovo da Páscoa como represen-
 tação do renascimento; pão e vinho como símbolos do cor-
 po e sangue de Cristo na missa da Páscoa etc. E eu,
 cá comigo, pensando: mas é tão pequena ainda, será
 que ela entende já o significado de tudo isso? Do ô-
 nibus, na rua, um casa: Rafaela e os símbolos. E eu,
 matutando. De noite, um dia, junto ao beijo de boa-
 -noite, ela estende a ainda inseparável chupeta e diz:
 - Mãe, um símbolo! E eu, querendo tirar a prova dos
 nove: - Símbolo de quê, filha? E ela, depois de pen-
 sar um segundo: - De mim! Tome este relato, es-
 clareço a vertente que será adotada neste trabalho a res-

pto da exceção dos símbolos. Eles têm a função de tornar "visível" o mundo das idéias, representando-o através de imagens — linguagem afeta ao universo infantil —, ora funcionando pela metonímia (a parte pelo todo: varinha de condão por fada e, mais profundamente, por magia; concreto por abstrato: coroa por poder etc.); ora pela sinédoque (o plural pelo singular, o gênero pela espécie: os mortais, por homens etc.); ora através da metáfora (relação de semelhança entre o sentido emântico próprio e o figurado: zako por pessoa astuta; Pierrô por pessoa apaixonada); ora através da alegoria (a história do Fatiúho Feio pela busca de identidade empreendida por todo ser humano). Aqui, então, os símbolos se confundirão com signos porque a representação das idéias necessitará muito de elementos principalmente gráficos, de sinais "concretos" para a criação, para tornar "visível" o "invisível"; para dar forma entendível ao latente. No entanto, não se pode deixar de recomendar a leitura das sutilezas do símbolo na obra citada anteriormente. Eu, de minha parte, afirmo o caráter iniciante deste estudo visto aqui nas entrelinhas. O primeiro degrau da escada.

7. A literatura do assunto apresenta, desde algum tempo, uma

visão reflexiva sobre a função pedagógica da Biblioteca para crianças. Diversos autores, de diferentes épocas, em maior ou menor grau, discutem a Biblioteca como um espaço de democratização do saber e como possibilidade de prazer. No entanto, a realidade demonstra uma dissociação muito grande entre a reflexão e a prática educacional. Temos bibliotecas em pessimas condições físicas e de prática biblioteconômica. LOURENÇO PIHO, 1944; FERRAZ, 1957; SOUZA, 1960; DOUGLAS, 1971; TAVARES, 1973; LIMA, 1974; MILANESI, 1983 — vale a pena uma releitura destes textos com o objetivo de refletir a situação de nossas bibliotecas para crianças. O que acontece? Por que tanta distância entre a teoria e a prática? Por que, apesar de concordarmos com as ideias expressas por tais autores não conseguimos transformar nossas bibliotecas em organismos verdadeiramente dinâmicos? Ou, por que, seguindo as orientações dos teóricos, não conseguimos, ainda assim, que nossas bibliotecas se encham de crianças? Alguns motivos, principalmente em relação às bibliotecas públicas, são analisados por Luiz Milanesi: "A situação da educação, escolas e bibliotecas indica que o setor não apenas não é prioritário como frequentemente não é levado em consideração. [...] Não adianta inaugurar bibliotecas da mesma forma que não adianta criar escolas para fazer da alfabetização um instrumento ajusta-

dor da pessoa à sociedade como ela é e não como devia ser. [...] A tendência que se observa dentro da administração pública (inclusive quando conduzida por intelectuais) é de conservar a biblioteca dentro de seu âmbito tradicional, talvez fortalecida pela ideia de que se a função mínima não é cumprida, como pensar em outra? Esse pensamento, baseado pela ideia de que a informação não é poder ou de que a biblioteca não é centro de informação, levou ao quadro conhecido de precariedade das bibliotecas públicas." (MIRANESI, 1986, p. 12-3). Precariedade também sentida em relação às destinadas ao público infantil. Para as crianças, as atitudes autoritárias ou paternalistas: eu é de pequeno que se torce o pepino; eu, coitadinho, coitadinho, coitadinho deles!

8. "Não sei porque, talvez por algum instinto pedagógico do qual nem mesmo eu tinha conhecimento." (NAKARENKO, 1987) Assim mesmo, tal qual com o autor russo, foi assim que aconteceu. Histórias que se lêem, histórias que se ouvem, desenhos que se vêem, conversas que se têm: preceções. E começaram a aparecer os elementos. Os sinais. O "tema gerador de interesse de leitura" foi-se constituindo, não nasceu pronto e acabado nesta biblioteca dita aqui. Os poucos, através somente de um

"instinto pedagógico", os referidos elementos foram vindo à luz enquanto arrumava em blocos o que eu tinha a dizer às crianças dos inúmeros personagens, histórias, situações e dos meios de chegarmos até eles. Intencionava mergulhar de cabeça no mundo mágico. E queria convidar as crianças para este mergulho. Reduzi-las. Arrumei, então, como se fossem folhas didáticas com planos de aula, os personagens, histórias, situações semelhantes, indícios, para mais fácil entendimento. Porém, de modo bastante livre-leve-e-solto. (Claro, não poderia falar do prazer de brincar enfadonha!) Esta é a verdadeira origem do "tema gerador de interesse de leitura". Assim mesmo, simples e prosaica. Porém, mesmo, que redução! Nada neste mundo mágico da fantasia é por acaso. Eu aprendi isto. Veio à memória também o primeiro contato, ingênuo ainda, com Paulo Freire. Seu "ti-jo-lo" e desdobramentos com certeza me fascinaram a ponto de, num "seminário" organizado em aulas de Filosofia da Educação, no quinto "organização do tempo", ter sido avaliada com um "R" de Regular, uma vez que eu não conseguia parar de dizer aos colegas o que tinha lido sobre o método de alfabetização através de "temas geradores" de conscientização n(d)a vida. Mesmo, que redução! Não de ter sedimentado na minha alma o soubido daquele homem.

9. Para melhor entender o "jogo" do quebra-cabeça como

uma simbologia do processo científico, ver ALVES, 1985, p. 28.

10. Sendo o incentivo ao gosto pela leitura o cerne da questão, é preciso que fique bem claro, então, que todo o processo aqui descrito será meio (util) para este fim. As viagens pelos mundos, o prazer sentido, a busca empreendida, as descobertas feitas, tudo objetiva (com delicadeza) este gosto que nos lançará ternamente na estrada. Não queremos falar de "hábito de leitura" ("habitudo" estava o cachorro na experiência de Pavlov), por isso não podemos esquecer que para o gosto se courida, não se impõem, castela!, bibliotecários, deixar para trás a leitura a-borrecida, obrigatória, estéril que alguns modelos de biblioteca para crianças ainda apresentam, querendo impor um hábito, não quer dizer cair na armadilha do modelo oposto: uma biblioteca tão ocupada no fazer exacerbado, impondo (impondo, sim!) tantas "atividades de incentivo à leitura", que esquece a ventura de deixar ser, de estar quieto num canto, lendo, ouvindo, entrando em contato com o mundo das histórias, a fim de poder senti-lo e optar por ele.

11. Paulo Freire norteia seu trabalho com a educação no con-

eito do "quefazer" (a prática com reflexão), em detrimento do "fazer puro" (a prática sem reflexão). Para melhor entendimento desta qualidade, ver principalmente seu livro Pedagogia do oprimido, relacionado em nossas referências bibliográficas.



3. HIPÓTESE? OBSERVAÇÃO. EXPERIMENTAÇÃO. (OU DIÁRIO DE BORDO)

Palavras, cavalos de Tróia!

RUBEM ALVES

Me lembro bem. Desempregada há nove meses, ouvi da amiga: Tem um emprego para você tentar. O único inconveniente é que é temporário. É pra trabalhar com crianças. Você não gostaria de ir lá ver?

Fui. Procurei a bibliotecária da Biblioteca Central:

- Nunca trabalhei com crianças, sabe?

- É? Olha, além do mais o salário não é lá essas coisas. É temporário, viu?

- ... nem sequer tenho filhos...

- ... você terá que fazer tudo sozinha. Não há auxiliares...

- ... não sei, acho que tenho até medo de crianças...

- ... acho melhor você conversar com a diretora da escola, porque é com a escola que você vai trabalhar...

- ... onde é a biblioteca, heim? É o que é que se tem que fazer, heim?...

- ... vamos lá. Você fala com ela, depois a gente conversa mais.

Após a diretora estar em reunião. Assim, fiquei no

fátio sperando. Era a hora do recreio.

E o sêto que foi aí que tudo começou.

3.1 DESCULPE O TRANSTORNO, ESTAMOS EM OBRAS

Quitos, miradas, correria, suor, fipoca, inspetores, poeira, coca-cola, amarelinha, queimado, cachorro-queite, figurinhas, botão, paqueras, rabo-de-cavalo, óculos, aparelhos dentários, luminosidade, cores, piadinhas, sorvete, chiclete, brigas. E os olhares.

Toa o riso e todos correm para as salas: acabou-se o que era doce. No campo de batalha: os restos, um ou outro inspetor, algum retardatário e eu. Apavorada.

Beu sei que numa tese não é lugar de falar em Deus (o mundo acadêmico nos ensina isto com muita ênfase), mas a verdade mesmo é que - lembro perfeitamente - conversei com meu anjo da guarda: Me dá, por favor, este lugar. Eu quero. Prometo que...

E tudo o mais virou história. Conversei com a diretora, enfim. Com mais de uma até. Recoursei com a

bibliotecária. E ficamos todas de acordo que valia uma tentativa. (2)

Pensando agora, percebo um mistério neste começo. Uma predeterminação. Sei porque digo isto. Percebo isto. Afinal, sou uma pessoa de símbolos, de sinais. Voltei atrás, por favor, e veja: nove meses, crianças etc. e coisa e tal. (Assim como certamente relatarei meus "meros ataques de febre intelectualóide" (3), assim quero, como que nunca estarei, dizer neste escrito toda a minha verdade em relação ao processo de trabalho que aqui rememoro (meu "diário"). Porque devo e quero ser sincera e, porque, desta forma, lustro melhor a memória. (4) E ilustro melhor o histórico, isto é, o modelo a ser apresentado.)

O começo foi assim:

Numa sala de aula bem pequena, perdida nos corredores da grande escola, estava a biblioteca. Duas ou três mesas, estantes, quadro-de-giz, livros. Naquele momento, eu ainda não sabia o que poderia acontecer. Então, fechei a porta, me tranquei. Olhei em volta, xutei naquelas cadeiras e peguei o primeiro livro para ler.

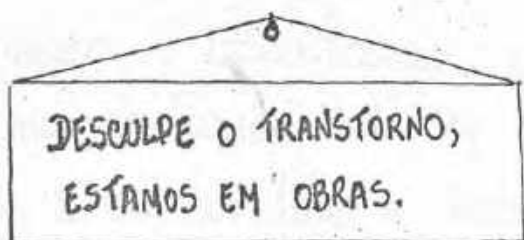
É, a leitura é uma coisa bem poderosa.

Talvez aí tivesse o meu pensamento começado a raciocinar em termos de algum planejamento. Eu não estava habituada àquela tarefa, não havia nenhum ensinamento sobre o que fazer. (5) Havia, sim, uma imensa vontade, um acreditar pleno na biblioteconomia. E o encantamento vindo dos livros só fez acentuar estes dois sentimentos. Dançarei, dançarei aquele acervo. Livros de feição e livros de informação. Confundirei, o dia caminhar. A vontade foi para essa e tentei esboçar o que tinha encontrado. Assim, lendo aquele primeiro caderno, impregnado de signos e símbolos latentes, estava começando a pensar Biblioteca para Crianças. (6)

Em tópicos, anotações rasalhadas, fui escrevendo o que via, o que era aquela biblioteca. Muito mais perguntas do que outra coisa. Naquela momento não sabia ainda que o colégio formava uma tradição em biblioteca escolar. (7) Não sabia qual tinha sido na vigência, um mesmo pensei sobre isso. O começo era ali, naquele momento. (8) Nada me foi dito e nada perguntei. Era eu e ela, aquela biblioteca.

Todos os dias, trançada, ocupava-me com o caderno, porque precisava de um prazo para estabelecer as coisas. Mas tinha consciência da arca do tempo a esconder. Então,

usando tão somente a INTUIÇÃO (9), fiz minha primeira brincadeira pra valer com as crianças: escolei um aviso do lado de fora da porta



e passava ali minhas manhãs, trançada. Lia os livros: uma trincheira, talvez? Hoje, creio que foi a medida adequada porque me deu tempo e subsídios para incrementar minha existência adormecida; me deu IDÉIAS. (10)

Aos poucos, comecei a circular pela escola nos horários em que certamente encontraria as crianças pelo corredor, no pátio, na cantina. Achei que queria instantar-me de energia. (11) E, também, que as crianças tivessem CURIOSIDADE (12) sobre a minha pessoa. Eu sorria e olhava, olhava. Algumas perguntas, tímidas, começaram a aparecer: quem é você? Eu respondia com o meu nome, falava alguma coisa sobre estar na biblioteca e... desconversava. Menino!... Aos poucos, então, as crianças me fizeram compreender a primeira grande lição a seu respeito: alimente sua curiosidade e... Assim, troquei o cartaz da porta por outro com um grande ponto de interrogação. E mais nada. Já

pensaram numa porta tran-ca-da com um grande pon-to de interrogação? Pois é.

Os olhos se intensificaram; as reuniões de con-versa fiada estavam acontecendo cada vez mais próximas à minha porta. E, se não me falta a memória, peguei mais de um curioso petiz olhando pelo buraco da fechadura.

E aí estava louçada a sorte. O que fazer com ela? Não podia ficar só "loucando"; aquilo tudo era muito sério, disto tinha certeza.

Enquanto pensava, rearrumava o espaço fí-sico: plantava plantas, colava e pendurava nas paredes alguns cartazes encontrados nas gavetas, reolocava os livros nas estantes segundo a nova organização: uma adapta-ção da classe 800 da tabela de Dewey: 810- poesia infantil; 820- teatro infantil; 830- romances e novelas; 840- estórias e contos; 850- contos de fadas; 860- estórias em quadrinhos; 870- estórias humorísticas; 880- primeiras histórias; 890- ficção científica.

(13) Os dicionários, enciclopédias, atlas e outros seme-lhantes, foram colocados em estante à parte, separando-se das

Mas de ficção. E, divididos assim em dois ambientes distintos, passei a chamá-los "Cantinho da Pesquisa" (com as mesas e cadeiras) e "Cantinho da Leitura". E, aí, estava a semente do que seria a argamassa do trabalho nesta biblioteca: o PRAZER. (14) Livros de histórias deviam ocupar o espaço mais importante. E este, visualmente, deveria representar uma inovação, um desafio, um símbolo, uma estratégia. Lembrei-me de mim. Apesar de todos os conselhos e zangas pela vida afora, apesar de todos os maus, apesar do oftalmologista, do ortopedista, de todos os istas, apesar da admirada lembrança de uma colega da escola primária, dona de uma cinturinha de vespa e um dorso de bailarina porque tinha a disciplina e a coragem de passar todo (todo!) o horário escolar empertigada em sua carteira, apesar da inveja e do desejo de também possuir aquele espírito de sacrifício (e, como recompensa, um corpo plácido), apesar disto tudo, lembrei que o que eu gostava mesmo, no fundo, no fundo, era ler deitada, jogada, desleixada, encurvada, à vontade. Entregue.

Assim, as esteiras no chão. E as aluopdas. (15)

Nesta medida, posso agora enumerar estes dois pontos como os dois primeiros no sentido de uma organização daquela biblioteca: o enriquecimento de seu acervo e a arrumação de seu espaço físico. Foram importantes na medida em que eu ainda não poderia planejar atitudes, uma vez que desconhecia meu usuário a nível específico: aquele era o material que me daria apoio; aquele era o espaço onde o trabalho aconteceria (pelo menos o espaço inicial). Em última instância, eram o caldeirão do feiticeiro e alguns ingredientes do grande feitiço que me propunha a realizar. Estaria aí a semente que fez brotar a ideia do trabalho em torno de uma motivação única? Seria a origem do que mais tarde intitularia "tema gerador de interesse de leitura"?

Um caldeirão... um feiticeiro... feitiços... Daí à ideia de bruxas, fadas, príncipes e princesas, torres, palácios, sapos, provas de amor e valentia, tesouros, FANTASIA!, enfim, foi um passo.

Troquei o cartaz da porta por um outro que o aprofundava, ou o explicitava, ou o complicava (como quei-

ram): uma caba de feiticeiro sapeca, seu chapéu cônico, seu caldeirão com um grande B sendo cozinhado junto a ceras e lagartos, rabo de lagartixa, olho de feixe-boi etc. etc. etc. e a mágica fórmula "O que é? O que é?"

Tenho até hoje aquele feiticeiro olhando para mim. Parece que, agora, percebo o que no fundo ele me dizia, enquanto eu, bobamente, pensava que ele dizia outra coisa às criancas: Sabes bem quem sou, não é?

A verdade é que jogando aquela biblioteca no caldeirão, iniciou-se um processo muito mais poderoso do que poderia acreditar. E bem assim como na alquimia, o todo misterioso dividiu-se em partes enigmáticas e os ELEMENTOS viraram à tona para se deixar transformar. Ainda meio inconscientemente comecei a notá-los como elementos constituintes de um MUNDO que poderia ser caracterizado através deles: algo como a parte pelo todo. (16)

Estava na Terra da Fantasia, enfim.

Não era possível esperar mais: o Suspense entendido em demasia corre o risco de engolir-se a si próprio. Eu sus

feitava disto e sabia que algo deveria ser mostrado logo. Até porque seria uma forma de avaliar tudo o que estava sendo feito, preparado. (Haveria qualidade no que era pretendido?)

Para a largada, só faltava decidir sobre o quadro-negro.

Como já foi dito, a biblioteca estava instalada em uma antiga sala de aula. E, como tal, havia ali, murais, maquinários, um quadro-negro. Era costume na escola ter dois em cada sala de aula: um para o trabalho diário e outro, lindamente desenhado pelas professoras, fazia as vezes de decoração. Neste, eram usados motivos variados para dar visualmente as boas-vindas aos alunos para mais um período letivo. Bichinhos, campos de flores etc., aguardavam a ruidosa chegada dos peraltas. Resolvi, então, seguir a idéia e também quis desenhá-lo naquele meu único quadro, uma vez que nem me passava pela cabeça utilizá-lo para outro propósito (a simples idéia de passar desres sobre as histórias lidas e ouvidas me arrepiava).

Sai à cata, então, de alguém para ilustrar o meu

quando, uma vez que essa matéria eu rivalizava com a pi-
 oles do mundo. Procura daqui, procura dali e... nada. Não
 quem tinha tempo, ocupados eles mesmos nas suas tarefas. Do
 professor Knúlio, o ás da arte, ouvi: Tente. Você consegue. Todos
 podemos. É abrir as comportas, que a expressão se revela. E
 eu acreditava? Nunca. Até que não foi mais possível esperar.
 Giz colorido na mão, apagador e um pote com água, comecei.
 Risca, apaga, risca, apaga. Eu precisava de um castelo com
 uma princesa presa em sua mais alta torre. E um príncipe,
 naturalmente, cavalgado feroz em seu belo e branco alazão.
 Era de fantasia que eu queria falar com as crianças. Risca,
 apaga, risca, apaga. Quando dei por mim, as janelas era
 noite. Minha roupa empapada de suor, como dizem os
 sentem os operários, apetei-me para apreciar a obra: um ca-
 minho que se ia perdendo no meio de uma floresta; um
 príncipe montado em seu cavalo com espada e esendo empunha-
 dos; lá longe um castelo e, na sua mais alta torre, uma
 princesa à espera. Fexpleta, olhei minhas mãos: sujas de
 giz.

Podria aqui abrir uma nota e levar o paciente

ledor desta tese lá para outra página e tergi-versar sobre a
 questão da Arte. Ou da Criatividade. Mas prefiro refletir
 sobre o Lerep, que este, porque meu, quase entendo e posso
 falar com um certo conhecimento (?) de causa. O que foi aqui-
 lo? Como uma pessoa que souber ou, para ser sincera,
 nada desenhava, conseguiu desenhar toda aquela cena? Com
 "perspectiva" e tudo? Ah, vocês terão que acreditar em mim
 (naturalmente não estava ainda sistematizado o trabalho que eu
 já pudesse pensar em fotografá-lo para os registros necessários):
 realmente estava lá o desenho. Feito por mim. (17)

Me deu uma alegria louca. Algu assim como eu,
 afinal, ter construído uma ponte, ter decifrado uma linguagem.
 E conseguido o contato.

Mais ou menos pronta, abri a porta. E elas
 entraram.

3.2 APRENDENDO A SER CRIANÇA. (OU DANIEL, GUSTAVO E ERIKA) (18)

Eravam dezetas e quarenta, mais ou menos: quatro

séries primárias, duas turmas de cada série, trinta crianças por turma. Duzentas e quarenta crianças! Dois mil e quatrocentos dedos a mexer, quatrocentos e oitenta olhos a olhar, duzentos e quarenta desjos, ansiedades, expectativas. Duzentos e quarenta consciências e mentes! As de seis, as de sete, as de oito, as de nove, as de dez, as de onze anos. Cada qual e o seu mundo. Cada uma e o seu modo. E eu, e o meu mundo e o meu modo. Duzentas e quarenta e uma pessoas a se relacionarem profundamente a partir daí. O indivíduo, mas também o grupo (fundamentais em Educação). Finalmente a supantar, a conhecer, a conquistar: o Outro.

Quem és tu? E, portanto, quem sou eu? E, por causa disto, como somos nós? E, para que assim seja, o que é isto que ao mesmo tempo que nos constitui e amolda, por nós é moldado e constituído?

No impacto da primeira semana, houve a sabedoria da calma (merci, mon Dieu!). Elas entravam e eram convidadas a olhar e a fixar. Estavam (graças aos céus!) tão curiosas! Mexeram e mexeram nos livros, viram os cartazes, sentaram para ler os gibis (19), brincaram com os felizes Salama-

leques e perplexidade - os novos habitantes daquele aquário velho que ia ser jogado fora pelo pessoal do laboratório -, nem deram bola para as enciclopédias e dicionários, fizeram perguntas sobre o desenho no quadro - o que ensejou a oportunidade, tímida ainda, de falar sobre príncipes e princesas, altas torres de castelos, provações, vitórias e derrotas, Bem versus Mal, verdades e mentiras, realidade e fantasia. E, no meio de muito papo, conversei fiada (thanks, lord! pela sorte de não ter começado logo a ser professoral), fui em direção às alunas, olhadas antes como coisas para fazerem arrumadiúlas. E ali, com as crianças lutando por um fofo espaço, me apresentei e apresentei oficialmente a Biblioteca.

Disse sinceramente dos desejos e dos medos (não há como mentir diante da face que é o olhar de uma criança, quem consegue, merece o oscar da academia). E, atenta às perguntas, percebi que muitas respostas mostravam, claro que muito mais a mim própria, o apreço pela Biblioteconomia, o que de profundo ela me significava. Muito mais que na faculdade, indagada pelos livros ou pelos professores, ali, diante de perguntas pão-pão-queijo-queijo, vislumbrei as possibilidades. Crian-

cas Ariadne, agulhas!

Assim, enfiada em mim, falei de ... Borges. E os olhos acenderam, alguns beijos pararam no ar: um cego que "vê" os livros! uma pessoa que desconfia que tem outra igual a si dentro do espelho! um homem que brinca de labirinto nas bibliotecas! Ah, é fascinante demais! Ávidos, contaram aquela outra história do homem muito único que, tendo sido salvo da hecatombe nuclear, enfim livre da esposa megera, vê-se rodeado dos tão longamente desejados livros na biblioteca pública de sua cidadezinha e, indizível alegria, num movimento ansioso, deixa cair os únicos óculos e, súbita perplexidade ... pisa neles. (20)

No mínimo espaço de tempo em que, estatísticas, as crianças se apossavam daquele horror e fascínio, o sinal tocou, avisando que acabara a "aula de biblioteca". Do corre-corre, na confusão das várias falas, no pegar desenfreado dos sapatos que tinham sido tirados para ocuparmos o Cantinho da Vitória, no meio das frases — Ah, essa aula foi tão pequena; E o que aconteceu?; Como acabou a história?; Quando

é mesmo a próxima aula de biblioteca?; como vir aqui quando?-,
 continuamos que na próxima vez, cada um que quisesse dizia o que
 aconteceria com o homem miópe de óculos quebrados no meio de um
 montão de livros. Era o bilhete para a volta: estava garan-
 tido. Sorriundo, feliz, feliz, fechei a porta para arruinar a li-
 broteca e fechar a próxima turma, mas ainda senti (ou
 foi meu emção que inventou?): ... "legal à beça" ... (21)

No recreio, até chegar ao refeitório para o cafeti-
 nho com os professores, as altas barreiras humanas se formavam:
 perguntas e mais perguntas sobre a biblioteca. Quando era possível,
 eu indagava das diferenças proibidas, das novidades, do que op-
 taríamos ou não que houvesse lá, do que esperávamos.

A partir, então, das respostas, podia respirar o nosso
 caminho. E as histórias serviam a linha-mestra do trabalho.
 (Hoje percebo que a intuição que fiz com que aquele primeiro
 dia se tornasse o paradigma para o processo de trabalho estava
 correta. Nas ocasiões em que o abandonei movida por "ata-
 que de frouxidão intelectualóide", como diz Sakarenko, "dan-
 ceï" - como diziam, ratificando veementemente, aqueles meninos
 e meninas seguidores do fantástico mundo da Narrativa. Mas

isto são outras histórias. (E outros capítulos.)

A biblioteca precisava instalar-se na percepção deles, era necessário, era um dos objetivos principais. Volta e meia, eram introduzidas questões sobre o assunto. Foram assim aparecendo exercícios de fixação. Um tanto ou quanto emergida de mim, aquela memória que afirmava que não haveria nunca "deveres" para os "alunos", projetei exercícios breves para solidificar e avaliar a apreensão deles a respeito da Biblioteca, do seu espaço físico. (22)

Algumas respostas me fizeram aprender na prática o que os livros de Psicologia do Desenvolvimento, que andava lendo, insistiam em me ensinar: questões sobre a percepção do espaço, sobre a apreensão de conceitos etc. Era preciso aprender muito ainda sobre a Criança; tentar perceber as coisas com olhos mais próximos, não tão adultos, não tão viciados em olhar (n) as coisas, constantes direções. E os outros professores, como faziam? Hora de associação com as outras disciplinas, portanto.

A 3ª série fazia esqueletos do bairro em Artes Plásticas, depois da aula de Integração Social e um passeio pelas

redondezas? Que melhor ocasião para convidar as professoras e respectivas turmas para, fazendo um "farrão" pela biblioteca, construir também dela uma maquete? Mas, e as outras séries? O que estavam fazendo? Qual era o ponto do currículo que estava sendo desenvolvido? Para saber, fui à Coordenação Pedagógica explicar as necessidades e vontade de integração. Convidaram a comparecer ao próximo Conselho de Classe (CC) a fim de conversar diretamente com os professores.

Fui. Escutei de cada série as crianças e sua avaliação, escutei sobre disciplina, falta de recursos, métodos, queixas e elogios, desânimo e ardor. O Serviço de Orientação Educacional (SOE) desfilava as fichas individuais e as classificações iam aparecendo: bom aluno; fraco em matemática; um dá problema à boca; um dá problema nenhum... Tentando estar atenta a tudo, ia juntando aos nomes mencionados, possibilidades de ajuda que a Biblioteca teria para cada criança. Eduardo Vieira estava sempre às tuviras com todos, era amedrontador e encrenqueiro? Luciana Machado só queria brincar com suas Barbies e estava indo mal à boca em todas as matérias? Sérgio Gutemberg era o possível arrombador dos armários da sala?

Patrícia Nova cresceu demais em tamanho e chora pelos corredores? Amanda Gonçalves tem um novo irmãozinho e esquece os cadernos, come sem parar e vomitou três vezes só hoje? Henrique Silvano passa horas no banheiro?

Por incrível que pareça, eu conhecia - agora - histórias e mais histórias que diziam daquelas coisas. O que tinha visto na literatura, a vida me entregava ali, naquela reunião. Haveria uma ponte? O que os dois - ficção e real - estavam querendo dizer? (23)

Chegou a hora das "Aulas Complementares" (24) e apresentarem e contribuírem para o diagnóstico. Eu homenagem à minha chegada, fui a primeira a falar. Sentindo de vergonha e tentando desembaraçar as idéias que antes me pareciam tão claras e agora me traíam, brincando de pique - esconde atrás das palavras, disse (!) do que precisava e do que pretendia. Instei os professores a conhecer as histórias de que me lembrava a cada situação mencionada anteriormente. Perguntei sobre o programa desenvolvido pelas séries e esbocei algum modo de ligação possível com a Biblioteca.

Meio que desconfiados, os professores iam dando sugestões e fazendo perguntas. Unâimes, eles reivindicavam um programa de incentivo à leitura. Foram ouvidas, depois, as outras áreas de atividades, cada qual certamente com suas esperanças e temores.

Munida de avaliações e anotações, obtive como resultado a seguinte tabela (de inúmeras que seriam dali por diante as placas de sinalização na nossa estrada a percorrer):

- 1ª série: casa e escola
- 2ª série: bairro
- 3ª série: cidade
- 4ª série: estado e país

Era a primeira real tentativa de compreender o Ensino e encaixar a Biblioteca nele; como uma pedra caindo na água, fazendo círculos de compreensão: um, primeiro, menor, que origina um segundo, maior, que, por sua vez, é formador de um terceiro e assim por diante. Oh, também elas, as crianças, iam saindo de si para aprender o mundo, o outro, o em torno? E, aprendendo assim, assim

voltavam a si e mais e mais se descobriam? Mas quando? Em que exato momento se dava esta (re) (vira) volta? Quais seriam os sinais que me diriam a mim, pobre e indigida bibliotecária tecnicista, deste(s) momento(s) de especial profundidade do ser? Foi desconfiava que era aí que estava a chance principal da Biblioteca, do mundo da Fantasia (no seu sentido mais amplo de facilitadora de compreensão do Real). (25) Era chegada a hora da leitura tão adiada de Pissot e outros? Preocupar-me com cada criança a fim de avaliá-la para o sistema, ou preocupar-me com cada uma a fim de avaliar o sistema? E quanto ao papel da Biblioteca nele? Qual era seu lugar e função?

Ambiciosa, tentando não ser utopista, via a Biblioteca cada vez mais como um lugar de possibilidades. Para o Eduardo Viana, a Lucrecia Machado, o Sérgio Gutemberg, a Patrícia Neiva, a Amanda Gonçalves, o Henrique Zilman. A Criança eram aquelas crianças que entravam porta a dentro, tão confiantes quase todo o tempo de que teriam seus bons momentos ali entre os livros, as histórias, os desenhos, as pala-

Nas, os risos, as brincadeiras? Se eu compreendesse cada uma delas — as brincadeiras "concretas" —, compreenderia a todas — a brincadeira conceitual?

Quanta coisa a estudar, a ler, a compreender. Que tarefa! Que falta de preparo! Por que os anos e anos de estudo não me tinham ensinado nada? Por que tanta perda de tempo, meu Deus, com a raíz quadrada de 9.997? com os pronomes relativos? com as declinações gregas? com as Catilinárias de Cícero? com a capital do Aquitânia? com uma-ilha-é-uma-porção-de-terra-arcada-de-água-por-todos-os-lados? com logaritmos e hipotenusas? com fórmulas químicas e triângulos isósceles? com três pontinhos abaixo da 3ª letra? com fichinhas 7.5 por 12.5? com autor espanhol entrando pelo último-peníltimo sobrenome? com a paleografia? com a paleografia, diabos! Malditos professores! Malditos livros que nunca me ensinaram o que realmente era necessário que eu aprendesse! Maldita fealdade! Maldita Escola!

... e se eu fugisse que estava muito doente e precisava parar de trabalhar para fazer um longo tratamento médico? ...

Estranhos pensamentos aqueles. Se revelavam, se torciam, se contorciam. Um deles, porém, quando eu estava a ponto de queimar todos os antigos e queridos papéis e já havia rogado todas as pragas e deixado todos os suplícios do inferno aos professores, constantes e eternos em minha memória, um pensamento, uma idéia, uma imagem sempre surgia: um alquimista. Por que sempre aquele alquimista? Heim?

A primeira série estava estudando a casa e a escola? Passamos a conversar, então, sobre a vida escolar de crianças, da Chapuzinho Vermelho... Qual seria a escola adequada para a Luíla, do Monteiro Lobato? Quem conhece? Ah, então deixa eu contar para você. Quem souber desta história vai ajudando, por favor. Mas que boneca, heim? É, por falar em boneca, quem se lembra da história do soldadinho de chumbo? Lembra da bailarina, a boneca pela qual ele se apaixonou? É diferente da Luíla? Como? O que? Você se acha bem igual a Luíla? É? Por que? Ah, às vezes também me vejo como Luíla, sabe? Foi quando eu era criança.

ca, acho que me sentia bastante como a Rapunzel, sabem quem é? Não, não tinha traças, não. É que, bem, estar aprisionada numa torre... E assim por diante, íamos, tímidamente, pedindo emprestado ao programa curricular dicas para conversas, nós jogávamos nos círculos de compreensão. E como conversávamos!

O tempo era pequeno para tanta vontade de dizer, para tanta descoberta, para tanta aventura. Fantasia e fantarias. "Fantasia" de carnaval, hein, por que se dá que se chama assim? Conhecer um dicionário já? Vamos ver? Fantasia, fantariar, "fantariar". Ah, vamos fantariar, sim. Já pensou se o horário escolar fosse feito por nós? Das sete às dez horas: recreio; das dez às dez e meia: dever; das dez e meia ao meio-dia: recreio de novo; férias de três em três meses... Eu meio a oração àquelas deliciosas palavras, a palavra fantasia ria, ria contente.

Na segunda, terceira e quarta séries estudava-se o espaço, o em torno, com maior especificação. E os contos

de fadas? Verificamos, nas histórias tradicionais, quais eram os espaços mencionados, suas características principais. Exame tangíveis? Lembramos histórias, lugares "muito, muito distantes". Os que havíamos esquecido estavam ali nos livros, à nossa espera. Ou nas palavras de alguma avó contadora de histórias, quem tem? Brotava, deste modo, a semente da pesquisa e não podíamos deixar escapar tal oportunidade: onde morava Cinderela? Vamos ver num livro que conte a história e encontramos indícios... A avó de Chapuzinho tinha vizinhos? Quem quer verificar para o grupo? Havia rios, pontes, edifícios na cidade de Hamelin? Acertava quem de índios no país das maravilhas? A casa de Dorothy era mesmo o "melhor dos lugares"? E, numa ainda vaga compreensão, procurávamos o etéreo da maior parte daqueles lugares. Não me atrevia, ainda, a perquirir-lhes diretamente o porquê de ser assim. Talvez numa abençoada intuição de que estas coisas são para os estudiosos, aqueles que decodificam, decifram. Como eram, também para mim, novas descobertas, deixávamos o pensamento voar e nos

deliciá-vamos. Apresentei minhas leituras de Todorov e Câmara Cascudo (26) às crianças e falei-lhes por alto do que eu dizia, de suas pesquisas, dos seus estudos. Conversamos sobre o lírio do Pica-lau Amarelo. O que? A quarta série está lendo Monteiro Lobato para a aula de Comunicação e Expressão? Gostariam de nos trazer uma lista das características desse lugar para colocarmos no mural? Alguém quer desenhá-lo como a ilha que é o Sítio? Vamos falar sobre campo e cidade? E sobre cidade do interior e cidade grande? Quem conhece a música que o Roberto Carlos canta "Meu pequeno Cachoeiro"? Alguém pode copiar a letra e trazer para nós? Vou falar em cidade grande, deixo em apresentar e contar para vocês de um filme chamado "Metropolis" que o diretor de cinema Fritz Lang fez...

Aos poucos ia verificando meu orgulho naquele trabalho: minha existência luxurava-se, as idéias surgiam em profusão, havia tantas oportunidades para falar daqueles assuntos

tão queridos! Havia tantas e tão incríveis descobertas em cada linha de livro, em cada palavra das histórias, em cada olhar de criança!

Os professores vinham contar das frases ditas em sala de aula sobre os momentos na biblioteca. Vinham explicar (gracias, Señor!). Falávamos muito sobre o desacerto da pesquisa escolar. Eu estava convencida que havíamos encontrado um bom caminho para sua transformação. O interesse em descobrir "pistas" sobre os lugares das histórias de fadas tinha fornecido a dica sobre o procedimento a adotar. Era a época das famigeradas pesquisas sobre o Folclore; por que não tentávamos a partir daí? Ou iniciamos continuar a fazer cópia-e-colagem, continuar a encerrar a pesquisa não como um estado de espírito, mas como uma tarefa mecânica, esporádica, atrelada aos eventos do calendário escolar? (27)

Então os professores vinham. Vinham também os outros técnicos do corpo docente (condensadores, psicólogos etc.). E

vinham os pais. Sentindo alguma coisa no ar, um mistério,
uma poder, eles vinham à biblioteca.

Procurando talvez as fantasias abandonadas
banidas para as profundezas, eles queriam saber que Biblio-
teca era aquela que instigava suas crianças a falar-lhes
sobre seus fantasmas queridos, sobre literatura. Talvez as
conversas de dentro da biblioteca disputassem aquelas outras
tão necessárias de dentro de casa, de dentro de cada um.
Quantas histórias antigas vinham à tona! Quanto estava guar-
dado! Uns chegavam falando acerca da necessidade de incenti-
vo à leitura; outros diziam sobre mudanças ocorridas com seus
meninos; outros, ainda, acompanhavam os filhos para biblioteca.
Os outros dançavam pelo ambiente e nele se via os dos filhos, ou
de um menino antigo querendo renascer.

Esta relação que se fortalecia fazia crescer o
entendimento sobre cada criança, sobre suas histórias, sobre a-
quele usuário particular que inicialmente ficava só adivinhado,
analgamado na Criança - o usuário geral. Agora, cada mo-
to alegre (ou triste) vinha acompanhado das marcas de sua
vida particular. Seu começo a conhecer as crianças e, por-
tanto, os caminhos para desvendar a Criança começavam a

aparecer para mim, sobre bibliotecária - lutando - contra - a - dívida
me - da - "piçozze - 7.5 - por - 12.5". Estaria atenta aos embaraços
tos?

3.2.1 DANIEL E A IRA

Daniel, um menino pra lá de bonito. Quando
nos olhava com aqueles translúcidos olhos azuis, a gente acre-
ditava na beleza da vida: vivia cercado de créditos. Quem o ad-
mirava, mesmo sem conhecê-lo muito bem. Na aula de Artes,
entrava na caixa de areia e jogava tudo para os ares, para
desespero da professora, que procurava equilibrar suas aulas
entre o aprendizado das Artes e da organização do grupo. Nos
CPS era "presença" feroz: sua ficha, ou melhor, domê,
tinha milhares de anotações. Para o inicial espanto meu,
havia informações de violência demais.

Dr. Jekyll and Mr. Hyde?

Uma vez, ele arrou no recreio, num esconde-
nijo, um verdadeiro batalhão. E vimos passar pelo pátio

aquela fila disciplinada de soldados e só parámos de sorrir quando nos chegou aos ouvidos a guitarra. Entre as crianças menores, alguma teve a coragem e revelou em meio aos solueços que eles estavam brincando de guerra e o Daniel diz que é Hitler e nós somos os judeus.

Espantava-me e espantavam-se todos quando eu dizia que na Biblioteca de era excelente aluno. Era muito, ouvia atento as histórias e deixava os outros em paz. Gostava de aventuras e terror, livros de animais e de ciências. Não gostava nenhuma quando era cobrado de alguma tarefa pedida: não fazia nenhuma, nunca.

Aos poucos, foi mudando na Biblioteca. Algumas foram as "aulas" que se acabaram porque Daniel "botou pra quebrar". Eu passei a escrever nos meus cadernos Daniel inquieto, Daniel: indisciplinado, Daniel atrás de um muro (tinha tentado conversar com ele, mas, como com os outros professores, ele desceu o muro). Antes que me desse conta, Daniel se foi. Fiquei sabendo que fora um colégio de "disciplina militar".

Um dia, eu o vi no metrô. Nossos olhos se encontraram e, antes que a porta do vagão fechasse, ele sorriu.

Não aquele sorriso fininho, de lado, que era sua marca registrada (sorriso "maquiavélico" será assim?), mas um outro, doce (triste? resignado?). Eu olhei. Pensei que um sorriso, não deu tempo. Poderia a Biblioteca ter feito algo, além de apianear o envolvimento dele com a leitura? Deveria eu ter sido mais firme no planejamento pretendido para ajudar aquele menino? Nunca saberei. Lembro dele no trem, indo embora. E penso num gesto sendo expelido numa estrofa e sangrenta operação.

3.2.2 GUSTAVO E O DESEJO

Parrudo e desajeitado, alto demais para sua idade, voz grossa, mãos fortes de homem. Era Gustavo entrar na Biblioteca (sempre empurrando tudo e todos, especialmente as meninas) e cadeiras caíam no chão, vasos balançavam perigosamente, estazes despençavam das paredes, livros não ficavam no lugar. Ia sempre, direto, apressado, em direção à Biblioteca (28). Fosse dia do que fosse, ou de contar histórias, ou de pesquisa, ou de ensaiar a peça

planejada pela professora de turma, ou outra coisa qualquer. Gustavo fazia dos gibis seu único interesse na Biblioteca. Não se conseguia tirá-lo com facilidade da trincheira que arriava com as revistinhas. Muitas vezes eu precisava pedir auxílio à professora para que ele saísse da biblioteca. Lembro de uma vez que eu e a turma seguinte combinamos ficar de braços cruzados na porta olhando firme para ele se inquietar e ir embora. (Que ilusão! Nos cambamos e ele nem se importou. Seu olhar ávido percorria rápido os quadrinhos e as folhas eram passadas furtivamente.) Não conseguindo controlar a vaia surgida entre as crianças e o vulto entrando em erupção, resolvi (ei-la: a intuição) segurar firme a mão de Gustavo e dizer que precisava da ajuda dele para uma aula em que eu falaria sobre história em quadrinhos. Que me procurasse depois que eu explicaria. Foi-se, contido.

Meio-dia e meia exatos, parou na por

ta da biblioteca e trovejou: Yia! Amanhã eu vou porque não posso ficar nenhum minuto depois do sino (29)! Em meio ao ricochete daquelas palavras, ficou a sensação boa de um primeiro triunfo, ao lado de um certo estranhamento que não conseguia identificar. Em casa, depois, em meio aos pensamentos sobre o que planejar em relação aos quadrinhos e onde encaixar Gustavo, percebi: meio-dia e meia já na porta da biblioteca, enquanto as outras crianças começavam a levantar de suas carteiras para arrumar o material! E não poder ficar "nenhum minuto" depois do sino! Ah, essa não! E como é que tinha que ser "arrancado" da biblioteca?

Soube, então, do que cercava o menino. Uma educação "militar", onde a rigidez e a ferrenha disciplina eram companheiras diárias. Horários de quartel, pouco brincar, nada de televisão e, naturalmente, distância das revistas. Na escola,

na biblioteca, então, se soltava, vivia.

Levei meus Asterix e Mafalda (além destes, colecionava Metal Hurlant e Heavy Metal, que me roubaram lá mesmo, nas férias, de noite, quando levei minha preciosa coleção para tirar idéias de desenhos das magníficas ilustrações futuristas para o tema Ficção Científica. Hoje, além de Asterix e Mafalda, tenho Garfield e Calvin, o magnífico, com seu Harold e a estupenda coexistência entre realidade e Fantasia - uau! que chances de trabalhar, menino!) sem nenhuma proposta ainda concretizada. Assim que cheguei, fui procurá-lo e, já combinada com a professora, ele passou todo o recreio examinando as revistas.

E a conquista aconteceu. Condições com Asterix, Ideiafix, Obelix, o Bardó e os outros. Nem me perguntou o que eu queria e nem ouviu muito as explicações sobre incentivo à leitura de quadrinhos de melhor qualidade, estrutura da narrativa, "acelados" dos roteiros e das ilustra-

ções etc. Todo dia, no recreio, ele ficava lá. Enquanto eu ia ao cafezinho, ele lia Asterix e, um dia, se ofereceu para tomar conta da biblioteca no recreio.

Asterix passou a ser encontrado como pedido de compra na caixa de sugestões em cima da minha mesa. A "aula" que pensava, ficou assim muito fácil de ser realizada. Conversamos sobre os romanos e seu exército, os druidas, a poção, sobre opressão e liberdade; as crianças "peguaram" na maior facilidade as características de cada personagem; resolveram fazer uma pesquisa sobre os nomes com a letra "X", captando a representação que a linguagem pode significar; e cada um escolheu seu personagem ideal, é óbvio. É óbvio que o que me dava suores aconteceu: Gustavo foi identificado imediatamente com Obelix (além das características físicas, era - como o outro - estabonado e adorava comer!). Tive vontade de me esconder debaixo das esteiras e dar um tiro na cabeça, mas

parece que se resolveu muito bem a coisa, porque ao ver a onda gigantesca que se aproximava, as crianças elogiaram imediatamente o fato de Obelix nem precisar da poção, que sortudo!, cair no caldeirão, a fresa dele não precisava de ajuda, era forte e era meigo, todos sabiam como ele é carinhoso com Léiasfik etc. Talvez porque Gustavo tomasse conta da biblioteca no recreio, e as crianças vinham querendo há algum tempo que a biblioteca ficasse aberta naquele horário (e ele tomava conta mesmo!)? Talvez porque as crianças são intensamente intuitivas diante de momentos delicados de seus companheiros? Talvez porque as crianças percebessem minha ansiedade disfarçada? Sei lá. E, ao sentir esta solidariedade, Gustavo emplumou-se. Foi lindo ver!

Depois, ele me trouxe uma pesquisa sobre javalis. E me confidenciou (ele agora me to-

cava, tentava uns tímidos abraços) que seu personagem favorito era o rei que só vive caindo do esudo-pedestal. Compreendi melhor quando ele me ofereceu o desenho anexo (do qual recortei o seu nome - já que eu não preciso para me lembrar... Quanto a voê (s), ledor (es), precisaria (u) saber se "Gustavo" é nome real ou não?)
(30)

Gustavo? Também foi logo embora (para o Colégio Militar, que ironia.) Deu-lho dele sempre sentado por perto, seu corpo, obstáculo aos meus movimentos, sempre pertinho. Das mãos mudas, o Asterix todo amassado, todo lido e relido, toda resistência.

3.2.3 ERIKA E A BUSCA

Uma menina de dois rostos. Assim mesmo. Algum fator no seu nascimento "dividiu" seu rosto ao meio. De um lado, comum, normal. De

outro, tudo diferente. Na verdade, nem sei se a convivência fazia quase desaparecer ou aumentar esta divisão, porque Érika era tão consciente dela que nos desassossegava. Sempre sorinha no recreio, marginalizada na sala de aula, Érika possuía o agravante de ser muito alta para sua idade. Assim, a diferença se instalava.

Os professores a chamávamos para o cafajinha às vezes, numa tentativa delicada de trazê-la para o convívio. Nos trabalhos em grupo era um sofrimento de todos. Sua sensibilidade nos suscitava e amargava.

Fazia parte do rol de histórias representativas do mundo da fantasia, o latinho Feio. (É, quem disse que este ofício é um ofício fácil?)

Eu adia a contar a história para as primeiras séries porque a turma da Érika logo cobria (havia uma rede informal de informações de dar inveja a muito sistema profissional...): por que ainda

não contou pra gente? O como podia eu? Era melhor deixar pra lá, substituir por outra história, não sei. Só sei que não poderia contar, não me peçam isto.

Foi quando conheci de verdade o Flicts. Livro de Zinaldo que fala sobre uma cor diferente, requisita, que ninguém queria por perto. Flicts percorre um longo caminho, pedindo pra fazer parte da caixa de lápis de cor, tentando juntar-se às cores maldosas do mar, querendo aparecer na bandeira de algum novo país etc. Nada. Ninguém queria Flicts. E assim vai, até que, subindo ao espaço, vê que a lua bem de pertinho - como só pode ver um astronauta (ou um poeta?) -, a lua é flicts.

Heinro! Amei tanto o Zinaldo! (só nunca contei isso pra ele; e bem que poderia, quando ele foi à nossa Feira de Livros. Mas não contei. Achava, Kalvuz, que tudo pertencia só a mim e à E.

rika, principalmente, não sei.)

Transformei a história em teatro de varas e contei. Até pela própria técnica empregada — as crianças já sabiam de cor e saltado a história, pois durante uma semana ficou o livro exposto na estante "Novidades" — foi um sucesso. Todos queriam agora ser os artistas. Pega este personagem daqui, pega dali aquele outro, as crianças se escondiam atrás das mesas empilhadas e cobertas com estreia e tornavam a contar o Flicts, balançando lá no alto suas varinhas e fazendo vozes diversas, a do sol, a do mar, as das outras cores etc. Lá pela terceira ou quarta vez, outro grupo se adianta (agora, sou eu!) e, entre eles, Erika. Pegou o pauzinho de churros onde estava o abstrato e recô quadrado de cartolina usaroni misturado com um verde bem burro-quando-foge (minha tradução do Flicts); pegou o outro pauzinho onde agora estava f(F)licts em formato de

lua, cheio de purpurina azul, com dois imensos olhos e uma bela boca risonha (não mais, por conseguinte, a pura cor abstrata, mas assim personificado — era o único boneco de vara deste jeito, os outros, mesmo com suas várias formas — sol, coração, bandeiras etc., não tinham um rosto), pegou-os e foi para trás das mesas.

Começa o narrador a falar e Flics responde com sua voz ainda trêmula, ainda baixa. Começam as cores a excitar Flics e a voz dele vai ganhando altura, vai ganhando força, vai ganhando vida.

A voz inventa palavras, diálogos, e diz com tanta verdade, que as crianças do grupo começaram a baixar seus bonecos, e a plateia começa um silêncio que é como um punhal. Flics, lá atrás, abaixado, grita que quer brincar. Sou obrigada, do lado de cá, a responder, pois os outros personagens lá não falam,

só escutam. Fliets vai subindo para o espaço e se transforma na lua. A voz que exulta - A lua é Fliets! - tem tanta beleza que a platéia vem abaixo, certa de que presenciou uma obra de arte. Os aplausos intimidam Érika, que se levanta e sai de trás da mesa. Mas os companheiros não deixam e já formam outro grupo gritando: - A Érika fica! Ela vai ser o Fliets de novo! Ela foi a melhor! E as godinhas, admiradas em torno daquela voz, mesclaram-se, misturaram-se.

Alguns dias depois, sinto um puxãozinho na roupa: Érika diz em voz bem trêmida (nem parecia aquele vozirão do outro dia): - Danéi, você tem aí a história do Vatinho Feio?

Leixo-a no Cantinho da Leitura com as diversas edições, das diversas editoras (se ficar perto, vou apertá-la até esmagar...).

Érika também me deu um desenho,

que apresento a seguir. Nele, um rei que tem uma diferença. (31)

Acredito que este acontecimento fortaleceu minha a decisão de criação de um vocabulário sobre os assuntos contidos nos livros. O que havia até então eram idéias esgarçadas, pesquisa de uma literatura inexistente, alguns termos já fichados. Compreendi, então, de forma clara, como este instrumento seria de grande ajuda no trabalho. Passei a (re) ler o acervo com olhos mais cuidadosos, tentando extrair dele palavras-chave que o relacionassem principalmente com as questões humanas. Queria, através de "meu" vocabulário, poder recuperar as obras que falassem de amor, perda, de feiura e beleza, de morte e vida. (Toda vez que olhar a ficha "identidade" (ou no real, ou na memória), lembrarei de Erika. (32)

3.3 A MÁSCARA ZANGADA

Enquanto as crianças assim me ensinavam, a Biblioteca ia ganhando força. Os laços com os pais se solidificavam, começaram a chegar os primeiros bilhetinhos: ora com um provérbio hindu sobre o livro, ora com uma sugestão de boa leitura, ora com palavras de incentivo. Quase todos iam para o mural, sempre identificados com a criança que o gerou ("Esta sugestão é da Lúcia, mãe da Talita, da t. 134. Obrigado, Lúcia! Obrigado, Talita!") As crianças ficavam presas. A Biblioteca imprimiu um "1.º recado aos responsáveis", com sugestões de como incentivar a leitura dentro de casa, baseadas em obra de Bamberger (ver nas Referências Bibliográficas), e um "Manual do leitor", com o apoio dos pais.

A relação com a escola crescia. A Associação de Ex-Alunos pediu supervisão na criação de uma biblioteca para eles; saiu no Boletim da instituição uma primeira notícia sobre a biblioteca (33); podia-se

mais facilmente obter "serviços gerais", tais como a impressão de novas fichas de leitor, de empréstimo etc.; o Setor de Recursos Visuais interessou-se pelos folhinhos feitos com as histórias e o Prof. Vinícius veio oferecer participação juntando somoplastia e outras técnicas; a Biblioteca oferecia material de trabalho para as diversas áreas (livros de teatro infantil para Elzinha, professora de teatro, discos do Villa Lobos para Judith e Nilza, professoras de Música, e assim por diante).

É, mais que tudo, as crianças iam sentindo-se em casa. A questão da divulgação e da leitura foram implementadas com a criação da "Torneira da Fama", uma simpática torneira de papelão que deixava cair entre seus alicerces espiralados (a "água" que jorrava, ora!) "pingos" com os nomes dos mais assíduos leitores. Era um bocado in estar na Torneira da Fama, não sabe? Algumas agendas levavam, junto aos deveres a fazer, bilhetes dizendo aos pais que seus filhos eram ótimos leitores (as crianças corrigiam os agendas, assim escritas, como se fossem cartas de chocolate). Campanha-

tos de elástico, de bola de gude e de futebol de botão, patrocinados pela Biblioteca, animavam o recreio e levavam os interessados a se inscreverem para eles na Biblioteca; a admirarem as taças - prêmios aos melhores colocados - na Bibliote- ca, que as expunha com orgulho; a tomarem conhecimento das regras dos campeonatos na Biblioteca; a se informarem das últimas notícias, das faixas, do evento, no mural da Biblioteca; a lerem sobre a história de alguns jogos nos livros expostos na estante "Novidades" da Biblioteca. Re- clamações? Achados e perdidos durante os jogos? Na Bibliote- ca.

As próprias crianças faziam a "Cotação do Livro", uma eficaz tabela com os títulos mais prece- rizados e a opinião dos leitores. Em pontos estratégicos eram colocados os cartazes da biblioteca (banheiros, bebe- douros, rampas e escadas, cantina, carrocinha do Pipó (o pipoquinho), refeitório, corredores): "O que é, o que é? Na água nasci, na água me criei, se me puserem na água, na água morrerei? Respostas na Biblioteca, gente!" "Se você descobrisse o soro da invisibilidade, o que faria? Caixinha para respostas na Biblioteca, pessoal!" "Se tiver medo, não

olhe aqui! Cuidado! Tem que ter muita coragem MEEESSMO!" e, lá dentro da caixa com o furo misterioso para se olhar, o bilhete: "Parabéns pela sua coragem! (Depressa, faça cara de medo pra pegar outra pessoa." Todos acompanhados do recado: "Quem quiser contribuir, vá falar com a Nanci. Quem tiver uma idéia legal à beça, ofereça à biblioteca." Tudo inventado pelas próprias crianças.

E já nos, sem ainda perceber, pelo caminho que nos levava em direção ao tema gerador, através dos símbolos que apareciam. Como estávamos crescendo, a biblioteca vivia cheia em todos os horários. Com o acesso livre ao acervo e o pouco tempo disponível no meio de "aulas" e atividades extras, acontecia muita confusão. Sem querer transformar o trabalho em mera vigiância, coloquei uma máscara zangada na porta para indicar que a biblioteca estava daquele jeito!, precisava de maior colaboração, assim não podia ser! E naquele dia não tinha história, nem brincadeiras - como sentar num Cantinho tão sujo e bagunçado?, cadê outro tempo para limpar e arrumar? (que maldade! Mas como todo bom tira-

no, indo pelo caminho mais fácil, eu me valia do poder - que embute a raiva (e o medo) e embota o raciocínio - e decretava aquela medida, ponto final. Muito a aprender, é claro.) A máscara assinalava, assim, quando as coisas iam bem ou não. Simbolizava as fronteiras. Este símbolo foi de entendimento imediato pelas crianças e encaminhou a compreensão daqueles outros que identificaram os "temas quadores".

Seguiu-se à máscara, o sinal de trânsito (bem mais democrático - pois aprendi) que avisava, logo na porta de entrada, quais as condições de trabalho na biblioteca: "Pare!", pintado em vermelho, igualava-se à máscara zangada; "Atenção!", pintado de amarelo, significava quase o mesmo que o sinal vermelho, mas com a alternativa de entrar e ajudar a arrumar o que estava desarrumado ou ver se a bibliotecária estava exagerando na sua opinião sobre as condições ideais para se trabalhar; "Siga!", pintado de verde, era o símbolo de que a biblioteca estava novamente ok, podia-se

entrar à vontade. Mais tarde, foram ficando somente as cores, numa depuração dos sinais simbólicos, no caminho - agora sei - da aprendizagem comum, que vai abrindo espaço para a abstração.

Símbolos que se instalaram definitivamente como método de trabalho consciente no momento em que as crianças, divididas em grupos, resolveram escolher um "boneco símbolo" para representá-las nas atividades da biblioteca. Quando - respondendo à minha pergunta sobre o motivo de tal decisão, disseram que se quando pensavam na biblioteca lembravam da máscara zangada, queriam que eu fizesse o mesmo, colocando o boneco de cada grupo na minha mesa para acertar sempre a "hora da biblioteca" de cada um -, quando me ensinaram isso, aprendi, então, o "gameho" definitivo, a linha mestra, o fio condutor para o trabalho. (34)

Escreveria, então, no caderno: "Próximo assunto: Futuro!"

3.4 O MUNDO DA FICÇÃO CIENTÍFICA

Uma retomada da Fantasia? A Ficção Científica nada mais seria do que a Fantasia com uma nova roupagem, dizem inúmeras vezes. O "era uma vez" agora num tempo mais localizado, espaços oprecendo-se assim à tangência, personagens ainda representativos do mesmo duelo entre o lado claro e o lado sombrio. Os eternos assuntos.

Nessa escolha as crianças ainda não participariam diretamente. Somente receberam a decisão sobre os dois assuntos a serem trabalhados no ano de 1981 pela Biblioteca Infantil: Ficção Científica e Aventura.

Naquele tempo, ainda procurei acompanhar o ano letivo e seus dois semestres: no primeiro deles trabalharíamos com a Ficção Científica; noutro, com a Aventura. O que se viu, no entanto, foi a vitória do primeiro assunto, empurrando para depois o segundo. As crianças fizeram valer seu gosto e o planejamento foi mo-

dificado. Imperaram os robôs, as naves espaciais, mundos e estrelas: o futuro — desconhecido e ansiado. Este foi o germe para as escolhas futuras através do voto direto das crianças. O que se esperava: as crianças tomando de vez em suas mãos os rumos da viagem, os pontos. Agora, definitivamente, o pronome possessivo identificava o "proprietário" daquele espaço, como se vê na frase de um aluno da 2ª série, ao chegar das férias de julho e ver que continuava no "mundo do espaço": — Olha o nosso assunto!"

O planejamento ganhava sistematização. Notícias sobre o que se pretendia, pedagógica e tecnicamente, eram enviadas às chefias. Entre surpresas (afosto! Afinal, uma biblioteca planejando?) e ainda reticentes, respondiam. Uma listagem arrolando 10 itens foi o documento que anunciou oficialmente nossas pretensões.⁽³⁵⁾ Internamente, meu caderno rasunhava, para posterior divulgação:

"Planejamento para 1981"

Sumário

1. Introdução
2. Planejamento Pedagógico
 - Plano de Curso
 - Plano de Unidades
 - Plano de Aulas
3. Planejamento Técnico
 - Inventário
 - Registro
 - Classificação
 - Catalogação
 - Preparo do livro
4. Planejamento Físico
5. Conclusão
6. Anexos
 - Sondagem
 - Diário de leitura

- Marcha do Livro (transparências)

- Multidisciplinaridade: Artes Plásticas (papezarias), Teatro (pesquisa), Música (criar sonoplastia para estófia feita pelas crianças), Religião (pesquisa)

1. Introdução: Proposta da Biblioteca Infantil:

1. hábito de leitura
2. uso da biblioteca > formação/informação

2. Planejamento Pedagógico:

A. Plano de Curso:

Exerente: ...

1º bimestre: uso da biblioteca (orientação) - 8 aulas

2º bimestre: hábito de leitura (formação) - 8 aulas

3º bimestre: uso da biblioteca (concretização) - "

4º bimestre: hábito de leitura (aplicação) - "

B. Plano de Unidades:

1º bimestre: uso da biblioteca (orientação) - 8 aulas:

1ª aula: apresentação da "nova" biblioteca; apresentação do tema Mundo da Educação Científica (aspectos físicos e de conteúdo) (com Artes Plásticas)

- 2ª aula: sondagem (pais → Biblioteca e hábito de leitura)
- 3ª aula: o que é um livro (capa, lombada, índice etc.)
- 4ª aula: o que é uma biblioteca (diferenças da biblioteca particular, da livraria etc.)
- 5ª aula: o que é a Biblioteca Infantil do Bennett
- 6ª aula: o que é a Biblioteca Central do Bennett
- 7ª aula: outras bibliotecas (filmes; slides)
- 8ª aula: outras bibliotecas (visita)
- 2º bimestre: hábito de leitura (formação) - 8 aulas:
- 1ª aula: sondagem (aluno → hábito de leitura)
- 2ª aula: o que ler e como ler ("diário de leitura") vide anexo
- 3ª aula: onde "ler" (livro, desenho, retro-projetor, histórias em quadrinhos, teatro etc.)

4ª aula: lendo no livro

5ª aula: "lendo" no desenho

6ª aula: "lendo" no retroprojetor

7ª aula: lendo histórias em quadrinhos

8ª aula: "lendo" no teatro

- AVALIAÇÃO -

3º bimestre: uso da biblioteca (concretização) -
8 aulas

1ª aula: apresentação do tema: Mundo da
Aventura

2ª aula: revisão (o que é um livro, o que
é uma Biblioteca) e pesquisa

3ª aula: onde pesquisar (enciclopédias, di-
cionários, manuais, livros-texto etc.)

4ª aula: Como pesquisar

5ª aula: pesquisa: a Biblioteca

6ª aula: continuação

7ª aula: regras para nossa biblioteca (na-
lual/cartazes)

8ª aula: continuação

4º bimestre: hábito da leitura (ativação) - 8 aulas

1ª aula: um livro de aventuras

2ª aula: um desenho de aventuras (retroprojetor)

3ª aula: uma peça de teatro de aventuras

4ª aula: um livro de ficção científica

5ª aula: um desenho de ficção científica (retroprojctor)

6ª aula: uma história em quadrinhos de ficção científica

7ª aula: uma peça de teatro de ficção científica

8ª aula: Avaliação final

6. Anexos:

INSTITUTO METODISTA BENNETT / COLÉGIO BENNETT

BIBLIOTECA INFANTIL (n.º ... / 81 série: ... Turma: ...)

NOME:

DIÁRIO DE LEITURA

Data: ...

Título do livro: ...

Nome do autor: ...

Editora: ...

N.º de páginas: ...

História (enredo): ...

Avaliação: gostei muito ()

gostei ()

não gostei () "

Um bom esforço de sistematização, mas cheio de falhas. É ingênuo. Onde estaria na minha cabeça o tempo para as histórias? Somente a partir da 4ª aula do 2.º bimestre ??? As crianças teriam me tucado se houvesse aplicado esta receita: prefeririam a "doença", com certeza. Que Biblioteca chata! Hoje penso que o que se pode tirar de positivo deste planejamento é, em primeiro lugar, o grande intento de sistematização

do que se pode extrair da frequência a uma Biblioteca para crianças, vale dizer, do "ensinamento" que ela pode proporcionar; um dos seus aspectos - o pedagógico - tratado em "linguagem escolar". Em segundo lugar, e ainda consequência desta tentativa de sistematização, uma idéia do que nós, bibliotecários, poderíamos encontrar como porta de estudos dentro da Universidade; ou do que poderiam os estudantes dos Cursos de Formação de Professores, por exemplo, conhecer de uma Biblioteca para Crianças e o financeiro de ajuda que dela poderiam obter para os seus objetivos de ensino-aprendizagem.

O plano mostrou uma grande preocupação (no "Diário de leitura", por exemplo, estava anotado: "acompanhar de explicação oral; ilustrar com o "Diário da Lônica", do Município de Souza. Nas 2.^{as}, 3.^{as} e 4.^{as} séries, mudar a linguagem de comunicação Biblioteca → aluno.") com o papel, a função da Biblioteca naquele contexto escolar. Observe-se, para tanto, a valorização dos objetivos de formação / informação previstos.

O autor planejava ainda: "Essencial importância da orientação clara e precisa no uso da Biblioteca e manuseio dos livros, "pois quanto é a Biblioteca - dentro da Escola - que invariavelmente atende as solicitações dos alunos no que tange a investigações bibliográficas, preparando-os para quando chegarem aos cursos superiores estarão aptos a organizar corretamente seus trabalhos curriculares." Boas palavras alheias das quais me apropriei sem cerimônia, tiradas de algum, dos tantos, textos que agora fazem parte de meus estudos constantes.

Era bom ficar em estrada asfaltada, nem que fosse para optar pelos desvios em atalhos de terra e cascalho. Caminhos paralelos que possibilitavam a comparação. E, assim, permitiam a jornada refletida, a intencionalidade. Equilíbrio entre a intuição e a reflexão sobre o fazer. (A distância crítica? Um arremedo dela?)

Eu pensava a aula como poderia ser; imaginei aquela Crisúlea geral e planejei:

"1ª aula - 1ª série - 23/3/81

Plano de Unidade: Uso da Biblioteca (orientação) - 8 aulas

Plano de Aula: . Apresentação da "nova" biblioteca
 . Apresentação do tema Piceão Científica

Execução:

- . Vou à sala da turma: . grupo A
 . levar hidrocor e caderno de desenho ou uma folha sem linhas
 . "vamos fazer um triângulo e saltar na estação Biblioteca."
- . na porta da biblioteca: . "agora nós vamos entrar na nova Biblioteca e vamos olhar tudo com olhos de ver e prestar muita atenção para depois

a gente conversar, lá Bem?"

. caralite : "aqui eu vou colocar todos os avisos, coisas que eu quero falar com vocês. Venham sempre aqui ler os avisos."

"por favor, não esquecer por que há tapete na entrada... Tem um tapetão gostoso no Cantinho da Leitura pra gente sentar e deitar, se quiser. Ai, se a gente não limpar bem os pés no tapete lá da entrada... Nos dias de chuva, nós vamos precisar tirar os sapatos para não enlamear o tapetão do Cantinho da Leitura, que é preso no chão e não pode, por isso, ser lavado toda hora..."

. F₂C₂ : "este é o F₂C₂, nosso amigo robô. Ele veio daquela planeta que

explodiu [mostrar desulho no quadro-de-giz], para ler e brincar na Biblioteca com a gente. Ele também vai aparecer em todos os avisos que a Biblioteca fizer para voês."

• Mundo do Futuro: "aqui nesta prateleira vão ficar todos os livros que falam sobre o nosso tema: Ficção Científica, o Mundo do Futuro [manusear os livros com eles]"

• Continho da Leitura: "este é o cantinho gostoso da nossa Biblioteca. É aqui que nós vamos ler histórias gostosas, até ditados nas alundadas, se quisermos. Vamos ver desenhos que eu fiz pra voês numa tela bem grande na parede. Vamos contar e ouvir histórias e jogar jogos. Aqui também temos revistas pra ler. Todos os livros que estão aqui no Continho da Leitura têm

histórias interessantes, algumas engraçadas, outras tristes; tem contos de fadas, aventuras, poemas [versos], muita coisa..."

Quadro-de-giz: "vamos agora nosso desenho do assunto Ficção Científica; o nosso tema. Um monte de discos voadores no espaço, vindos de outro planeta, aquele lá que explodiu. Estão fugindo, procurando entrar lá pra eles. Foi num deles que chegou o FzCe. [Quem é ele?]"

Cantinho da Pesquisa: "aqui, você nota algumas diferenças do Cantinho da Leitura, não? [quais?]
As mesas para estudar, pesquisar, não é? Aqui, nós vamos escrever, desenhar, então precisamos de mesas, não é? Temos, nestas estantes, mi-

tos livros para pesquisar, para ver
animais, plantas, uma porção de
epistas... "

• Novidades: "nesta estante, estão os li-
vros novos. Vocês vão saber o livro
que chegou na Biblioteca, olhando
sempre aqui."

• Religião: "aqui tem livros de reli-
gião, igual às histórias que a Car-
men Lúcia e a Nairi, do S.O.R.,
contam pra vocês."

• Folclore: "aqui, os livros sobre lendas;
histórias que os índios, que os a-
fricanos inventaram."

• Monteiro Lobato: "e aqui todos os li-
vros que Monteiro Lobato escreveu.
Um autor de histórias ótimas,
brasileiro, que fez o Sítio do Picá-
pau Amarelo, que inventou a Emí-
lia, uma boneca danada, conhece?"

• Laboratório: "aqui temos o nosso laboratório. São bichinhos que a gente vê por cá. Eu e meus sobrinhos pegamos estes em Equaba pra trazer pra cá. Olha, tem esta pereleca seca que foi atropelada e estava lá na estrada; tem este besouro morto que as formigas estavam carregando... Quem quiser, pode trazer um bichinho e doar pro laboratório da Biblioteca. Eu vou botar o nome de quem deu, aqui, assim: besouro - doação: Rodrigo. Semana que vem eu vou trazer uma cobra, eu acho."

• Quintinho da Bibliotecária: "este é o canto onde eu sento para trabalhar arrumando o material da nossa Biblioteca. Aqui é o armário onde guardo a paplada para dar pra

vocês. Esta é a mesa em que estudo. Olha o aquário. No ano passado tinha dois peixinhos, mas eles morreram. Mas eu vou colocar uns peixinhos aí de novo pra gente... Aqui na Biblioteca eu acho que tem as coisas mais gostosas do mundo: gente, livros, animais e plantas..."

• águas coloridas: "estes vidros têm as águas do mar de uma porção de planetas: o vermelho é de Marte, o amarelo é de Vênus, de onde você acha que é o azul? ... Foi o K2C2 que trouxe como lembrança, quando ele veio viajando pelo espaço até chegar aqui."

• banheiro: "aqui, além de banheiro, é onde ficam guardados os nossos cartões. E, neste aquário, jogos

pra gente jogar. E também aqueles que as professoras de vocês levam para a sala para ensinar Matemática, por exemplo, como este aqui."

. Fichário: "aqui eu estou arrumando, organizando as fichas dos livros. Eu outra aula eu explico melhor o que é ficha de livro, para que serve, como é, está bem?"

. Ficha de leitor: "agora, eu quero mostrar a fichinha de leitor de vocês. Quando vocês quiserem levar um livro emprestado para ler em casa, eu quero, nesta ficha de leitor de cada um, quando lerem o dia que devolva o livro. A partir da próxima semana, quem quiser pode levar livro emprestado para casa. Pode ficar com o livro por uma semana.

• vamos ver agora a ficha de leitor de cada um! [chamar cada um por vez; quando não tiver retrato, pedir para ir comendo buscar a agenda para escrever recado assim: "Trazer um retrato 3x4 para a ficha de leitor da Biblioteca."]"

• Avaliação: "bem, agora vamos todos para o Continho da Pesquisa [onde é?], pegar o caderno ou a folha que trouxe, fazer o cabeçalho com nome, turma e "grupo A" e desenhar o que mais gostou na Biblioteca [se não houver tempo, pedir pra entregar na próxima aula]"

• chamada: "enquanto vocês desenhavam, eu fiz a chamada. Assim, vou aprendendo o nome de cada um."

Se eu disser algum nome de forma errada, me corrigem, por favor."

. final: "agora, vamos deixar a folha na mesa (quem trouxe o caderno de biblioteca, arranca-la) e vamos fazer de novo um trezi-
nho para ir para a sala, que eu vou pegar o grupo B. Din-
quém diz nada pra eles sobre a biblioteca porque é surpresa, está bem?"

* Observações: ... "

Repetia-se a "aula" para as outras séries com algumas modificações.

Exceto nas 1^{as} séries, eram turmas de alunos antigos, na maioria. E, portanto, eu não esquecia

de recomendar-me: "na ponta:" "Bom, quem já conhece a Biblioteca pode me ajudar a mostrar para os colegas que entraram no colégio este ano?" Ou: "Cartucho da leitura:" "Quem, daqueles que já conheceram a Biblioteca, pode dizer se há algo diferente do ano passado?" Ou, para não ferir susceptibilidades: "Ficha de leitor:" "nas fichas dos alunos antigos eu aproveitei o retrato do ano passado, mas quem quiser trocar, é só escrever na agenda para trocar, está bem?"

A "metalinguagem". O script do ator, suas falas, as marcações. Com direito aos casos, evidentemente. Mas o roteiro amarrando, dando uma certa segurança diante do (ainda) espectador. Que, como no teatro, ficava no meio da plateia momentaneamente, olhando a encenação para depois ter também as luzes sobre si e, enfim!, pisar no palco. Era uma pinçada nos detalhes, auto-exercícios, no exercício constante de pensar o fazer.

Destaco, neste planejamento, o germe de experimentações na classificação do acervo; as repetições da terminologia técnica para o bom convívio das crianças com

ela; a esperança de que, muito mais que informações (afirmações) sobre a Biblioteca, o interesse das crianças, demonstrado pelas indagações que me fizessem sobre esse ou aquele aspecto, fosse o norteador da "aula".

Ao fundar a época de "planejamento de gabinete" e entrando no campo de batalha, aprendia cada vez mais, por vias diretas, o que outros com certeza já sabiam: a flexibilidade é a orgamassa de qualquer Programa de Curso. As crianças queriam mesmo exam histórias e as histórias bem podiam ser o carro-chefe de todos aqueles itens pretendidos, não é? Vejamos, vamos refazer...

Nos modelos da prática sobre o uso e o conhecimento de livros e Biblioteca (36) — que foi sendo interrelacionada com as histórias contadas, lidas e vistas —, a constante preocupação de não deixar esvanecer que ali, afinal, era o espaço da Biblioteca; que não estávamos em outro qualquer, como o da sala de aula, por exemplo.

Alguns destes exercícios eram "tapa-lucas", ou seja, eram tarefa concebida para as eventuais sub-

tituições de professores (é... a Biblioteca fez mais este papel) e para preenchimento de horários inesperadamente vazos das turmas, quando alguma atividade precisava ser "bolada" em cima da hora.

Foi em ocasiões assim que realizamos a antologia das lendas indígenas e criamos nosso "dicionário-enciclopédico ilustrado" e nossa "antologia de lendas indígenas", fontes de referência feitas totalmente pelas crianças, como um grupo maior, de todo o primário, em separação por séries e turmas, e que passaram a fazer parte de nosso acervo.

Para a divulgação maior da leitura e, consequentemente, da Biblioteca, iniciamos o serviço denominado "Guia de Leitura", a fim de anunciar nosso acervo (livros, jogos etc.) e também o que fosse interessante aos nossos objetivos e pertencesse à Biblioteca Central. Uma breve análise e a indicação do nível escolar a que a obra se dirigia basicamente. Direcionado mais à equipe docente, levava nosso "logotipo" em sua capa. (37)

Ao mesmo tempo, acontecia a Feira do Livro, e a Biblioteca, convidada a colaborar, percebeu aí uma boa oportunidade de trabalho. Autores foram convidados para palestras e autógrafos, havendo toda uma preparação anterior para que pudessemos usufruir realmente deste contato direto com os escritores. Na Biblioteca conversávamos sobre cada um, líamos ou contávamos seus livros, fazíamos cartazes, imaginávamos as perguntas que gostaríamos de lhes fazer. No concurso de frases para os cartazes de promoção da Feira, feito em todo o colégio, os pequenos da Biblioteca destacaram-se: 1º lugar - "O livro é para a escola como o oxigênio é para o mundo." (Ernesto, da 3ª série); frases selecionadas - "Ter um livro é ter um amigo." (Richard, 1ª série); "O livro representa a cultura humana; só um ser é que escreve livros - o ser humano." (Daniel, 2ª série); "Ler é como respirar." (José Roberto, 4ª série); "Lendo um livro, subo um degrau." (Isabela, 4ª série)

E meantaram os escritores. Para Ipirilla Quarté, jovem autora de 13 anos àquela época, e por isso mes-

no convidada a vir conversar conosco, a curiosidade demonstrada foi um alento para sua decisão de continuar carreira, comprou suas próprias palavras. As crianças escolheram depois uma resposta dela para figurar nos cartazes de avaliação da Feira: "É uma coisa linda o que a gente sente quando passa numa livraria e vê o livro da gente na vitrina." Ziraldo conversou com mais de mil "meninos malquinhos" de olhos brilhando e seu cartaz dizia: "Quem não lê, tá roubado, rapaz..." Ziraldo. (Entrevista a Alexandre, T. 143)

(A propósito, quase foi provocada uma guerra nuclear, pois Alexandre recusou-se a emprestar a fita gravada com a entrevista para a Biblioteca mostrar a todos os alunos, dizendo que o gravador era seu, a fita era sua, as perguntas eram dele e as respostas também. As crianças tentaram fazer valer o combinado anteriormente - o de que tudo era um trabalho de equipe -, mas, qual! Alexandre, de posse de seu tesouro, fazia-se de desentendido e passava triunfante pela porta da Biblioteca. Até que foi vítima de uma armadilha: seu melhor amigo pediu a fita emprestada.

tada, fez uma cópia clandestina e doou-a, em nome da honra, à Biblioteca. Ao se ver assim ludibriado, Alexandre trocou de mal por um bom tempo com todos e com todos; passava de cara virada por nós e nem queria saber de minhas tentativas de conversa. Só conseguíamos resolver o impasse no Campeonato de Peteteobol (tábua com o desenho de um campo de futebol, com jogadores-pregos fixados nela, e onde a bola era uma moeda que, à força de muito peteteo, devia ser levada ao gol). Alexandre não resistiu (como todo bom brasileiro, era fãtico por futebol) e, increvendo-se, ainda de cara feia, deu o braço a torcer quando foi anunciado vencedor e ganhou o prêmio: uma réplica do jogo (feito, como o primeiro, pelo meu pai, que dava pareceres cotidianos sobre a Guerra Fria travada entre Alexandre e toda a Biblioteca, e suspirou aliviado e vaidoso quando soube que fizera parte proeminente das negociações de paz.)

Ainda, na Feira de Livros, Oníquius Lessa pôs para fotografias com as turmas de 4ª série e o seu cavalo de pau (que as crianças compravam para ele através de uma

"boquinha". (Quem quiser saber o porquê do presente, deve ler a obra deste velho-merino traquinas...)

E no meio de excitada alegria ("ele escreveu no meu livro", "ela me deu um abraço", ela é mais bonita de verdade do que na televisão"), os escritores, levados por um séquito, visitavam a nossa biblioteca, tão pequeninha, mas com tantas boas vindas estampadas nos cartazes: "- Não vem o Monteiro Lobato?/- Não, mas quem vem faz um livro que é um barato!/- E ele faz um livro maneiro?/- Você deu um tiro certo!/- E eles são legais?/- O amor deles é maior que dez carais!/- Ah, que bom! / A turma 141, principalmente eu, agradece muito. Ass.: José Roberto (Zé)" Ali mesmo Arthur da Távola, convidado para conversar principalmente com o 2.º Grau, entrou na gostosa dança e acabou figurando num enorme cartaz: "Este trabalho - da biblioteca viva - é muito importante para o autor. Arthur da Távola".

Ufa! valeu. (38)

E o trabalho "para dentro" também continuava. Como estávamos falando de futuro, contamos a história A última flor, de James Thurber, que revelou as inquietações existenciais e filosóficas latentes nos escritos infantis. O que o futuro trará? Tudo será destruído pelos homens com suas bombas cada vez mais poderosas? Ou restará sempre uma "última flor" para dar continuidade à roda da vida? Depois de desenhos e filminhos e gravações em séries com gravações infantis — tão sábias! — publicamos, em 1961, um noticiário de televisão, feito em folhas de cartolina, que só noticiava notícias prazerosas sobre o futuro (com o fim das angústias dos pobres, ao lado de fábricas de sorvete gratuito, é evidente) deu-nos a idéia para a construção da TEVEREBOA — "televisão" feita na carpintaria, igualzinha às reais, em altura e tudo, que passou a ser nosso canal de comunicação mais eficiente. Ali, a percepção definitiva de que o humor é ponto fundamental na linguagem com a criança. Já que só se podia ver "coisas boas", até os peccados menores escapáveis não soariam de forma muito leve ali?

Como aqueles a respeito de devolução de livros.

Como resolver esta questão? De um lado, a característica infantil de esquecimento destes detalhes (para lembrar-me deste modo de ser infantil, tive sempre comigo a recordação daquela caixa de sapatos lá na sala da Coordenação, ou nas mãos afitas da Esterjinha, ou nas mãos resignadas da Maria José, ou nas mãos Travesas, cúmplices da Lydia - nosso valeroso "apoio logístico" - , uma caixa de sapatos cheia de ... aparelhos dentários! Aparelhos dentários, cara! As crianças tiravam os caras aparelhos dentários - empurrados pelos afitos, ou resignados, ou cúmplices pais - na hora do recesso, ou sei lá quando, e simplesmente os esqueciam. E lá, onde fossem achados, eram entregues à caixa de sapatos colto-ra, à espera de seu (afinal livre) (acho eu) dono ou dona. Era muito engraçado (pelo menos eu achava) ver as crianças sem saber direito qual era o seu, tendo que experimentar mais de um para ter certeza. Angh!), esquecimento numa vida já tão atribulada, cheia de coisas novas a conhecer. De outro, a inconveniência que este esquecimento acarretava para a Biblioteca. De um lado, a criança querendo usufruir o livro com sinceridade, com afã. De outro, a Biblioteca

tendo que interferir neste sentimento, exatamente aquele que
 da quer incentivar e/ou preservar. De um lado, a cri-
 ança dizendo, em mais de uma oportunidade, que perdeu seu
 querer. De outro, a Biblioteca com seus eternos problemas
 de verba para aquisição de acervo e precisando auxiliar no
 processo de aprendizagem das regras do viver em comum.
 De um lado, pais e professores dizendo que nem tinham o livro
 com a criança. De outro, a Biblioteca tendo em seus registros
 que o livro estava, sim, com ela. De um lado, crianças en-
 tusiásticas com a leitura de um livro e passando-o para
 o amigo mais querido ver também. De outro, a Biblioteca
 com suas fichas de leitor, fichas de reserva - inúteis, afinal.
 De um lado, crianças com o coração suspirado porque leva-
 ram uma bronca, mesmo disfarçada com palavras delicadas.
 De outro, a Biblioteca com o coração apertado por ter que
 dar uma bronca, mesmo disfarçada com palavras delicadas.

Ah, as palavras! A TEREZINHA ajuda, sim. Mas
 a verdade é que esta questão é infinita.

Na nossa televisão engraiada colocáramos frases

"engraçadas" sobre essa situação chata: Fulano, da turma tal, você esqueceu? Refresque a memória, heim?! O livro tal está com você desde a data tal. Tem gente querendo ler também. Traga de volta, tá? E assim por diante. Vale dizer que não fui bobo e pedi a ajuda das crianças para fazer as frases.

Ah, no fundo, no fundo, os que, trazendo os livros esquecidos, bonicinhos emalhadados e pediam para tirar seus nomes dos avisos, me deixavam mais emalhadada ainda. Por que seria? Dividi minha afição com várias crianças e elas cooperavam de mim. Ou me abraçavam.

Fazendo as contas, apesar do auxílio da TEREZISABOIA, havia ainda livros a serem desenvolvidos. Alguns; exatamente os mais procurados. Comprar mais exemplares destes? Sim, foi feito. Minorou, mas não resolveu: eram muitas crianças, todas a fim daquela leitura dificultada. Um primeiro recado "especial" aos pais neste ano, sobre este assunto (e que se desenvolveu em vários outros, cada vez mais intensos, depois): "Recado da Biblioteca Infantil: O aluno... da turma... está em falta com a Biblioteca. O livro... deveria ter sido devolvido em... Por favor, auxilie o tra-

salto da Biblioteca Infantil incentivando no educando, ao mes-
mo tempo, o hábito da responsabilidade e o cuidado com os
bens comuns. Agradecendo a atenção, ..."

Facilitou a devolução. Muitos livros voltaram. Nem
todos.

Muitas vezes, as crianças iam à Biblioteca de-
volver em horários em que havia turnos sendo atendidas
(quase todos os horários, é bem verdade) e, em voltavam para
suas salas com o livro, ou interrompiam, para entregar. Duas so-
luções encontradas foram: estabelecer um horário para a en-
trega (mas, qual?), e colocar um caixote na porta da Biblio-
teca para serem deixadas ali as obras devolvidas (mas, que ten-
tação!)

As próprias crianças, por incrível que pareça (ain-
da não conhecia satisfatoriamente a mente infantil, acho), resol-
veram criar um castigo para aqueles que, "tendo tido todas as

chances" ainda assim não devolviam os livros: a multa.

Um pedaço de mim adorou a objetividade infantil,
um pedaço.

Vieram alguns livros e algum dinheiro, pouco,
já que o valor da multa era simbólico, disto não abri mão.
Este dinheiro, ao fim, quase não chegava para comprar algumas
revistinhas. Então, pra quê? Para a criança deixar lá na
biblioteca o que ela poderia ter comprado de pipoca?

Este duelo durou muito mais tempo do que de-
veria. Até chegar à conclusão de que há que gastar muita,
muita conversa, sim, todo o tempo, para sempre, e de que
multa, cheque as que a vida por si só já se encarrega
de nos cobrar; até chegar aí, dei muitas cabeçadas. Aquelas
que todos os que lidamos com a criança damos. É que, a
parar dos galos, ou por causa deles, nos fazem ver estrelas.
Ver estrelas, entenderam?

Deseu um tempo, inventei uma história. A de
 um reino num lugar muito distante onde as pessoas não po-
 diam ler livros porque o rei não deixava. Ele tinha tanto
 medo do que as pessoas podiam fazer nos livros, que man-
 dou queimar todos. Mas, como sempre, um velho sábio conse-
 guiu esconder alguns e, clandestinamente, os emprestava. Descobri-
 ram e torturaram o velho sábio, colocando-o na Sala de
 Lefazer Sábios. Mas a "tecnologia" não conseguiu vencer o desejo
 humano e tudo se resolveu, ficando o rei xoxo de raiva, a-
 bandonado à sua sorte, e uma cadeia humana de transmis-
 são de idéias fortalecendo-se cada vez mais com o auxílio dos
 livros antigos e dos que foram sendo criados. Esta história
 foi um achado, permitindo a continuidade da criação,
 seu leit motiv. Os personagens saltaram e foram sendo
 vivificados, não só pelos desenhos feitos pelas crianças, como
 nas situações e palavras inventadas a partir daí. "Rei xo-
 xo de raiva" passou a ser o apelido daquele que não via
 suas vontades serem atendidas; "guardião pura-raço" - o que
 contou ao rei sobre o velho sábio -, era usado em surdina,
 para que eu não interferisse; "Sala de Lefazer Sábios", com

licença da palavra e muitas desculpas, passou a ser a Sala da Coordenação; e, melhor que tudo, é óbvio, a Biblioteca Infantil ganhou o apelido com que passaria a partir daí a ser identificada: "Sala de Fazer Línguas Boas." (34)

Talvez, quem sabe, nem precisaria fazer nenhum teste para saber se os objetivos pretendidos estavam sendo alcançados? Hoje, fazendo esta dissertação, se me aprofundo com as dificuldades a respeito das medidas em Educação, aquietou-me um pouco quando olho aquela placa aqui na minha estante.

Como que então era assim que as crianças também viam a Biblioteca Infantil? Pegando o fio da meada, resolvemos imaginar a Biblioteca no futuro, já que este era nosso tema de trabalho. Eles queriam imaginar, pensar, desenhar, divertir-se. Eu, ainda mais: avaliar. Se no futuro não deles ainda existir Bibliotecas, tenha a forma que tiver, não poderei supor que hoje foi a semente? (40)

Envolvidos cada vez mais no futuro, solidificáramos o tema Tricção Científica em todas as atividades possíveis, de todas as maneiras. No ano anterior, quando muitas vezes vi o planejamento ser de certo modo afetado pelos atendimentos extras efetuados como substituição dos espaços vazios no horário das crianças, foram feitos vários exercícios e brincadeiras, chamados "tapa-buracos" que, impressos, eram entregues às crianças para que se ocupassem, enquanto se usava o horário estabelecido para o tratamento técnico do aluno, por exemplo. Assim, um deles ficou muito famoso: o da bonequinha de papel a ser recortada e vestida com roupas também de papel. Brincadeira antiga, uma das minhas preferidas quando era criança: sentava-me quieta no meu canto e, horas seguidas, lidava com a moda, com cores e acessórios, com "problemas maternos", com a linguagem interminável entre mãe e filhos. Aparentava-me e à vida. (Os mistérios?) As meninas, em maior número, naturalmente, (e bem que alguns meninos, entre zombeteiros e embebulados, também brincassem) ficavam - tal como eu, tal como milhares de crianças antes de nós, tal como minha filha hoje em dia - entretidas.

A idéia à execução foi um passo. A próxima bonequinha deveria representar o tema, por que não pensei antes?! Seu cabelo, suas roupas indicariam o tema, o mundo em que estávamos vivendo naquele período. E esse foi o começo das bonequinhas de papel identificadoras, tal qual o boneco símbolo. Os meninos também recortavam e inventavam outras roupas (nem imaginem quais), outros acessórios que tinham elementos representativos do tema, apedando-se mutuamente, meninos e meninas, num grande ateliê futurístico, ou "terrorífico", ou mitológico, e assim por diante. Uma fábrica aquela Biblioteca! (41)

Enquanto isso, o "lado de fora", entusiasmado, respondia. Começaram a aparecer os convites para palestras, para leituras analíticas de livros infantis e elaboração em peças teatrais daí resultantes; vieram as primeiras "visitas-estágio" (estudantes e alguns profissionais de Biblioteconomia interessados em ver de perto a experiência, em participar dela, para obter subsídios para as suas próprias); fui eleita como Coordenadora (!) do Grupo de Bibliotecas Públicas e Escolares do Rio de Janeiro, filiado à FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários). Ao lado do ego escovado, muitas vezes a sensação de ser sanguesugada, sem a volta, a troca, tão necessária. Muito

cedo tudo aquilo? Quem respondia às minhas inquietações? Quem me dizia como fez, para eu também aprender? Busquei além das leituras, um curso de licenciatura em Biblioteconomia, novidade.

E ia experimentando. E observava, agora com muita atenção. Pois para dizer para o lado de fora, foi necessário olhar, com olhos de ver, o lado de dentro. Isto, sim, foi portinho. De longe de vez no exercício da reflexão.

E, abarrotada de projetos, a Biblioteca mudou seu horário de atividades. (42) E começou a relatar em inúmeras Comunicações o excesso de trabalho e a escassez de funcionários (um só, para ser exata). E, mais um exemplo do mercado de trabalho nacional, a reivindicar timidamente uma melhoria do baixo nível salarial.

Neste aspecto, não há como deixar de concordar que a ligação administrativa da Biblioteca Infantil com a Biblioteca Central facilitou muitas vezes os trâmites legais (veja o capítulo 4.3). Não me diferenciava dos profissionais ainda i-

experientes que, tímidos e confusos, não administram bem suas questões trabalhistas. E haja paciência para receber Comunicações oficiais com linguagem informal (romântica? ingênua?), mais um desafio do que uma exigência eficiente de direitos. Algumas soluções foram apresentadas pela Direção do Colégio, inclusive a de transformar a forma do salário para pagamento por hora/aula, vinculando, assim, diretamente a Biblioteca Infantil ao Colégio, e modificando, de um certo ponto de vista, a função de bibliotecária para professora. Outra sugestão foi a retirada de turmas da Biblioteca, o que se chocava com o pedido de inclusão da mesma na carga horária das atividades vespertinas (horário especial oferecido pelo Colégio na parte da tarde com possibilidades diversas, tais como: Artes Plásticas, Ballet, Teatro, Música, Judo etc.)

Então, o profissional no seu complexo campo de trabalho. "Empurrando com a barriga" questões fundamentais que nunca se resolvem. Ou se "resolvem" a nível particular.

As turmas chegaram pelo horário vespertino, onde o processo de trabalho era diferente daquele executado na parte

da manhã. (43) Faltava tempo e os registros com observações acerca das crianças, naturalmente ganhavam mais interesse do que o tratamento técnico. A representação temática e descritiva das obras, mesmo que simplificada, não era quase realizada. Do vidado chegavam e, não querendo impedir este acesso às crianças, registrava-o somente. Aos poucos, evidentemente, o rio transbordou. O que levou à prática, no ano seguinte, da classificação por títulos das obras. Mas isto é um outro capítulo, não sabe?

Porque agora preciso falar de Ze' Carlos.

3.4.1 ZE' CARLOS E A MORTE

Provavelmente, falávamos de futuro, pois era a época da Ficção Científica.

Ze' Carlos, porém, tinha uma doença terminal e, para ele, a vida, esta que a gente vê, fazia do futuro

um tempo / espaço com data marcada para acabar. Participava, quando podia, das aulas e conversas sobre o que aconteceria, sobre o que seria, com uns olhos que me furavam o coração. Ele sabia, as crianças como que sabiam, eu sabia que ele sabia e todos nós disfarçávamos muito mal, creio eu. E eu lutava entre olhar bem fundo para aquele menino ou desviar os olhos, procurando apoio.

No pátio, às vezes, diante dos colegas que corriam ou jogavam pelada, ele sentava: vinham conversar com ele. Às vezes, o deixavam em paz. Eu esfriava sua cabeça calva e procurava uma boa palavra para me aproximar. Depois de cada grande ausência (a mim pareciam tantas!), lá vinham aqueles pais com aquele menino e todos procuravam sorrir. Enquanto os adultos se tranqueavam nas "salas de conversas", pedindo e decidindo por um tratamento indiferente, as crianças rodeavam Zé Carlos e faziam perguntas tímidas ou diretas, mas sempre verdadeiras.

Faltava muito, estava sempre "ausente!"

Um dia, como esperávamos - tínhamos, o choro pela escola. Zé Carlos se foi de leve. Na Biblioteca, um hume desenho, nenhuma palavra escrita por ele. Somente sua presença.

Ao lado dos livros que eu não mostrei para ele; ao lado dos mundos de que a gente não falou, das histórias, dos personagens, dos cenários; ao lado das risadas que não demos; ao lado, constantemente, de nós, que chegamos à Biblioteca de maninho e sem fazer barulho nos espalhávamos, olhando para um lado e para outro, sem saber onde nos seguir.

3.4.2 O FUTURO, APESAR

Foi o Zé Carlos que desencadeou tudo, agora sei. Rolô feito de caixas de papelão pintadas com tinta prateada, tinha na cabeça, cheia de cachinhos de papel uita'leio, duas antenas de televisão. Seus olhos, lâmpadas de flash usadas, brilharam.

ajudados pela purpurina verde, que se repetia nas letras coloridas em sua barriga, alardeando seu nome: F₂C₂.

Talvez porque tenha vindo de um planeta que explodiu, perdendo-se de sua gente na viagem pelo espaço.
 Talvez porque tenha recolhido a nossa biblioteca para morar.
 Talvez porque, quando íamos embora e fechávamos a porta, pensávamos nele lá dentro, sozinho até o dia seguinte. Talvez porque os símbolos sejam mais do que supomos.

F₂C₂ tinha uns braços muito bons. Feitos de tubos de papelão com mãos que eram luvas usadas de pintar cabelo, cheias de algodão. A gente estava para aqueles braços abertos e dava vontade de abraçar. E ele estava sempre sorrindo na porta da biblioteca.

Contávamos e repetíamos mil vezes sua história. Recontávamos detalhes, sempre. Quando íamos para o Cantinho da leitura, ou para o Cantinho da Pesquisa, as exi-

aveas o buscavam lá na porta. E sempre havia lugar para ele naquele novo espaço tão apertado. Histórias no pátio? Lá ia ele nos novos braços. Campeonatos no recreio? P2P2 se espremia junto às torcidas para espicar. Sempre precisando refazê-lo quase sempre depois destes passios, não me incomodava, porque assim via a Biblioteca junto aos leitores, estando sempre com eles, "destruindo as paredes".

Um dia, cheguei à escola e senti uma sensação de estranhamento. As crianças eram olhos brilhando, bocas abertas. No portão, no pátio, será que escutava cochichos? Fui para a Biblioteca, desconfiada: o que será que estão "aprontando"?

Quando, já tendo aberto a Biblioteca, escutei uma gritaria na rampa (nesta época, a Biblioteca estava instalada numa ex-sala de aula pequeninha, escondida lá no 2.º andar e para se chegar até ela havia uma escada).

da de um lado de um corredor comprido e, do outro lado, uma rampa), pensei: O que será? E olhei.

Lezuras de robôs, nos braços de seus criadores, vinham correndo alegres para a biblioteca!

Zeitos de barro, de papelão, de esixas, de madei-
 ra, mamãe a mãe do Y_2C_2 , o pai do Y_2C_2 , a avó do
 Y_2C_2 , o irmãozinho do Y_2C_2 , os amigos mais queridos que
 tinham vindo do espaço, a namorada amada (com laço de
 fita rosa no cabelo, óculos de arame e rouço nas boche-
 chas...) vinham vindo para ficar.

Atrás da multidão que me sentava o sino de
 entrada, Regina Partha com seu doce sorriso e suas mãos
 sujas de quache trazia nos braços um deles, molhado ain-
 da, que não queria deixar de abraçar o amigo há tanto
 tempo afastado. Eu apertava a mão do ex-solitário Y_2C_2 ,
 trêmula de emoção, procurando entender, na algazarra, as

explicações: nunca mais ficarei sozinho; a gente estava fazendo lá um tempo lá nas Artes Plásticas, era segredo, você quem desconfiava, né?; o meu eu fiz em casa, ninguém ajudou; este aqui com algodão na cabeça é o livro dele; cuidado com este que quebra; vamos lutar onde?; encontraram o caminho pra cá...

Foram-se para suas aulas, deixando-nos entregues às tarefas da hospitalidade: onde vou lutar tudo isso, meu Deus? Na porta, de mãos dadas, ficaram FzCa e sua família, além da namorada. Nas estantes, mostrando livros, servindo como bibliotecários (que nunca tínhamos verba para comprar!), reparando assuntos, ficaram alguns amigos. Outros espalharam-se pelos cantos, no banheiro, na minha mesa, penduraram-se nas cordas dos vasos de plantas, sentaram-se sobre as gavetas do catálogo, intrusetaram-se na caixa com as fichas dos leitores e, até um, mais cansado (suas pernas pareciam estranhamente molles e via-se suas entranhas escapulindo), sentou-se numa almofada do Cantinho da leitura.

Quando as crianças voltaram, no seu horário de Biblio

teca, já estavam todos acomodados. Felizes, felizes e com a cabeça cheia de planos.

3.4.3 A FESTA ESPACIAL

Menino, que animação! Foi só mencionar a idéia e a reação foi geral. Crianças e robôs (e a bibliotecária, para que esconder?) a-do-ra-ram.

Enquanto deixava as crianças e os robôs em paz para que dessem asas à imaginação, cá comigo pensava: Mas, era o que eu pedia a Deus! Não posso perder esta oportunidade. Não podia fazer uma festa sem "segundas intenções"! Uma festa é celebração. Celebrar, louvar, celebrizar. Tem uma coisa de rito aí também, como na missa, por exemplo, celebrar a missa, dizer (!) a missa. Deixa ver no dicionário. Ah!: "concluir"!

Aparando-me aos livros, conjecturava que era

na mesma a pretensão: celebrar o tema trabalhado, celebrando um rito - a festa -, concluindo afinal tudo o que dissemos sobre espaço, futuro, plantas! (quem disse que cabeça de bibliotecário é normal?) E, enquanto anotava no caderno os delírios infantis (queriam comer e beber, fotografias, brincadeiras, dança), ia delirando também (todo mundo participando, divulgação, colégio todo empilhado; todo ele como a Biblioteca, todo ele a biblioteca, o tema sendo discutido em cada canto, em cada canto a Biblioteca sendo falada).

Naquele mesmo dia, dei entrada nos documentos necessários. Falei com Deus e o mundo, pedi ajuda, rasquei papilada oficial (já que era fundamental que se percebessem os objetivos de ensino/aprendizagem - afinal, estávamos numa escola e, não, num clube social). Combinei datas e infra-estrutura (44) Luiz Carlos avisaria ao Wandecyr para providenciar os cavaletes e estrados na carpintaria (precisávamos de duas enormes mesas para os comer). Funte e sua equipe poderiam tomar conta dos beber? Professor Nalmyk vai ajudar a empilhar (só quero ver a cara das crianças trabalhando junto ao Sr. Cor-

deuador!). D. Saida avisará às suas professorandas sobre o horário que elas poderão vir ajudar. Não esquecer de mandar o bilhete para a Mary Sue convidando todo o seu C.A. lembrar à equipe diretora que, eles também, terão de estar fantasiados (Hi! Hi! Hi!): pode ser só um detalhe, mas sempre de acordo com o tema. Os robôs feitos pelas crianças ficarão misturados nas mesas de doces e salgados; os maiores, em pontos estratégicos do Salão de Quântica. Nas paredes, os desenhos resultantes de todas as conversas e histórias sobre Ficção Científica. E o $FeCl_2$ na entrada, de porteiro, com a urna para receber os convites.

E a Biblioteca de anfitriã. (45)

Lizer com que palavras daquela festa? A recordação me fará usar: linda reunião, uma celebração, eu não sei demais, rios, olhos brilhando, mil perguntas, alegria... lembro do Quântico, vazio ainda, no último momento, depois do

último robô instalado, o último apertar nas fitas enroladas nas pernas e nas estrelas escuras dos cabelos, a decisão de tirar os sapatos, afinal, e a porta se escuracava para deixar entrar a primeira turma e o Sr. José ligou o som e... o mergulho de cabeça.

Melhor deixar com as crianças (em algumas redações que as professoras me mostraram depois): "Eu fiquei no começo da festa só vendo as coisas que tinham na festa. Depois a mamãe olhou pra parede e viu um monte de desenhos e robôs de colagem e ela me perguntou se tinha algum que eu tinha feito e eu mostrei pra ela o robô que eu tinha feito. Depois eu fui ver os meninos da 4ª série tocar uma música e quando eu tentei sentar para ouvir a música a minha caneca rasgou e eu fui pra perto da mamãe e eu fiquei triste e a mamãe falou pra mim não ficar triste. E depois quando só demorava pouco pra acabar a festa eu não queria mais brincar só ficar perto da mamãe e eu já fiquei muito aflita porque ia ter um concurso de fantasia e eu já tava rasgada. Depois que acabou eu quis

ficar (Cecília, t. 113)"; "Entramos no salão de E.F., quando eu entrei meu coração começou a bater de alegria. As professoras estavam com fantasia. A minha fantasia era de ROSINA NA LWA. O Bruno Chaves foi o Rei do Lobo. Na entrada a Rosane viu e foi a Teresa era ajudante da Rosane. E nós casamos só ficava pensando se o Bruno Chaves queria. Estava boa pela festa de casar! Na festa tinha docês, salgados. Todo mundo dizia a Cecília vai ganhar! Apostei no desfile, quem ganhar foi a Lariele da 2ª série todos tiveram prêmios. Gostei muito. A professora de biblioteca estava linda. A Flávia também estavam com uma fantasia muito boa! Vocês aí também gostaram? (Cecília, t. 113)"; "Eu gostei muito. Tive muitos docês e salgados. A Nanci estava linda. Ela disse que ela era a mulher do espaço. O salão estava todo enfeitado com robôs. A namorada foi lá. Eu brinquei muito e dancei. Todas as professoras acharam eu linda. Eu era a menina do espaço. A festa espacial foi uma festa inesquecível. (Rovica, t. 111)"; "Eu primeiro eu ouvi música e comi, depois eu ouvi bateria sabem, também vi um desfile de fantasia espacial e bebi suco de uva. Foi muito legal. Viva a dancei! Viva a dancei! (Henrique, t. 112)"; "A festa espacial. A festa espacial foi muito legal, teve docês e salgados e o mundo do futuro. a Nanci me ajudou a fazer a estrela da minha fanta

taria. Eu tive duas festas especiais. Eu vim fantasiada de
 Marciana, teve brigadeiros, bolo, suco de uva, biscoito, come-
 eu 8H e terminou na hora do recreio foi o maior barato!
 Eu dancei, eu pulei a minha mãe foi assistir eu comi piru-
 lito ele se chamava boles o pirulito que é chiclete, ele era
 o melhor chiclete do mundo eu comprei com a Esterzinha. foi
 o maior barato! Fim. (Lorena, t. 112)"; "A festa especial
 foi assim: quando eu cheguei na escola eu vi várias fantasias
 de todas as espécies. Eu gostei das fantasias. O robô não deixou
 entrar a Adriana a fantasia dela era fada. Via Dancei correu
 e depois veio com a Adriana. Começou o desfile de fantasia de
 habitantes do espaço. Ninguém da nossa turma ganhou. Que fe-
 na! Via Dancei esqueceu de colar o planeta Vênus e disse que
 ia botar as águas de Vênus e outras planetas e esqueceu. Via
 Rosane botou uma estrela no cabelo. Foi boa a nossa Festa
 especial da Biblioteca espacial. (Rodrigo, t. 113)"; "Bom esta
 senhorita Nausi a professora de biblioteca ela promoveu uma
 festa espacial. E para ficar mais legal ela convidou todo mun-
 do mas em outra hora. E também tinha doces e suco de uva.
 Tinha os robôs que a gente fez tudo misturado com as coisas
 que são o espaço. E todo mundo vestido do tema da biblioteca
 que é robôs. A biblioteca tava lá. Sabem eu acho legal a

Festa do espaço e dos planetas! (Alexandra, T. 121)".

Minha medida, além das entrelinhas destas frases é lembrar da menina que foi barrada pelas próprias criancas, ajudantes do "porteiro", porque ela se fantasiava de fada. Diante do impasse, elas mesmas acabaram resolvendo, colocando rapidamente na sua varinha de condão mil estrelas e sóis de papel pintado. Eu só tive que dar a mão e entrar com a mais orgulhosa e recém-batizada "Fada Espacial". Ou lembrar que durante muito tempo depois da festa as criancas vinham falar comigo (e até os inspetores, entrando na brincadeira) fazendo bip, bip, bip no meio da conversa. Não precisaria fazer testes com perguntas diretas para extrair que o conhecimento, entre outros objetivos acontecia. Da prova planejada: através do prazer.

Realizamos a festa em 25 de agosto e, a partir daí, nosso tema foi elemento de comparação com os outros, com o qual poderíamos trabalhar. A festa foi a chave dada pelas criancas para o encontro com a linguagem da co-

comunicação. A partir de conversas sobre como seriam as fantasias de outros temas, como enfeitarmos o Salão de Justiça etc., os detalhes identificadores iam surgindo na fala infantil, com grande conhecimento de causa. Percebiam como nunca os símbolos, os temas. Era a minha avaliação.

Mesmo sem os robôs (depois da festa, quase todos voltaram à jornada espacial - o que significou enfrentar os olhares surpresos dos universitários do turno da noite, enquanto eu, abraçada a pernas e braços, carecas, folhas de cartolina manchadas de sorrisos, recolhia-os cuidadosamente para que as crianças não os encontrassem no dia seguinte simplesmente jogados nas latas de lixo. Em casa, diante do fogo do sacrifício, ouvi minha mãe: - Era assim com os guerreiros antigos, não era?), mesmo sem aquela multidão encantada, a biblioteca parecia-nos repleta. Pegávamos então o $\frac{1}{2}$ C2 e íamos para o pátio conversar, contar histórias. Quando o tempo estava propício, afixávamos no vidro da janela nosso símbolo - um risonho e rechonchudo sol com a frase From dia, dia! - e lá íamos nós. A partir daí, lá de baixo mesmo, no pátio, as crianças olhavam para a janela da Biblioteca.

Nosso espaço expandia-se e se demarcava, ao mesmo tempo. Percebíamos de novos horizontes.

A mudança então aconteceu, como uma consequência natural. Não foi preciso tanta reivindicação assim, as próprias crianças avaliaram a Biblioteca.

Com a proximidade do fim de ano e das grandes férias, Y2C2 - de partida para um pequeno planeta encontrado por sua namorada (eles constituiriam família lá) - despediu-se de todos no nosso primeiro cartão de Natal, também representativo do tema Ficção Científica. (46)

E pudemos dar a partida ao tema para o próximo ano. Escolhido pelas próprias crianças.

Desta vez ainda não fizemos como nas eleições da vida real. Tivemos nossa caixa de sugestões e, então, con-

videi quem quizesse a se pronunciar escrevendo num papelzinho qual o tema que gostaria para o ano seguinte.

Ou bem porque as crianças puxaram o fio da meada das fantasias inveríveis que poderiam fazer para uma festa naquele gênero, ou bem porque eu (seria invenção minha) a-do-ro o assunto (meu programa favorito na televisão, em criança, sempre foi "Câmera 1", de Jay Campos... e se não sabem do que falo, então, não sabem o que estão perdendo), a verdade é que, com grande número de votos à frente, ficou decidido que os outros assuntos — explicitados em conversas constantes na Biblioteca, nos corredores, no recreio etc. — ficariam para depois. Agora, sentindo um arripio (de excitação?), falávamos de macabros, de monstros, de noites escuras, de medo. Pois era chegada a hora dele.

3.5 O MUNDO DO TERROR

Loi se foram elas para as férias, para as suas viagens. Enquanto isso, a Biblioteca também fazia as malas.

No agora silencioso colégio, as formigas operárias decidiam qual o melhor espaço. Havia uma sala de aula maior que a atual e a sala do Serviço de Orientação Educacional para escolher, ambas no primeiro andar (!), em um dos corredores principais do colégio (!): qual você quer? (47)

Em 17 de dezembro de 1981 mudamos para a sala E.P. 101. (48)

As inúmeras providências a serem tomadas misturavam lista de material, com desenhos de mobiliário a ser confeccionado (49), com reorganização dos catálogos e do acervo.

Solucionando a antiga questão da classificação do

acervo, as obras foram organizadas nos estantes por letra relevante do título. Assim, Chapeuzinho Vermelho era encontrado ao lado de todos os outros livros com título começado pela letra "C" e, não mais, em 850 - Contos de Fadas; ou com etiqueta colorida diferenciadora; ou sob outra classificação (Decimal de Dewey, por exemplo), como o usual.

Esta decisão foi levada pela convicção (e experimentação intensa, que a conduziu) de que as crianças assim solicitam suas leituras, na maioria das vezes: "Pai, você tem o Patinho Feio aí?"; "Mãe, já comprou O menino maluquinho? Sugiro que você compre to para cada turma pra não sair briga." Não precisaríamos mais de etiquetas, nem de gastar o tempo precioso com o preparo do livro nesta nova organização - eis uma vantagem imediata desta opção. Uma vantagem seria, à primeira vista, a questão da eliminação das palavras irrelevantes do título (artigos definidos e indefinidos). Foi solucionado na "aula" de uso da Biblioteca (e constante e facilmente repetido), quando explicava-se o "congestão na-

mento" que ocorria com o acervo. Daí em diante, muitas crianças que se tornaram "auxiliares de biblioteca", seguindo a explicação dada, repetiram a dramatização - escolhida como recurso didático para a "aula" em questão -, numa imitação perfeita (quem lida com criança sabe do que estou falando) da "bibliotecária maluca com seu usuário perdido no labirinto dos o/a/um/uma" (Ariadnes um tanto ou quanto alteradas em sua essência, Zeus que nos desculpe...) Nesta forma, utilizando novamente o humor como amálgama para os objetivos de ensino/aprendizagem, conseguimos a transformação de um possível aspecto negativo. (Entretanto, para um Setor Infantil de Biblioteca Pública, por exemplo, onde a clientela é mais flutuante, esta "aula" teria que ser modificada em alguns aspectos, é verdade.)

A etapa da representação descritiva foi minorada também: nas fichas de registro e título, essenciais, fazíamos uma referência bibliográfica resumida. E quando houvesse tempo ou chegasse um profissional auxiliar de biblioteca, este aspecto seria intensificado e alterado em alguns detalhes (as outras fichas - de autor, de ilustrador - haveriam de

ser confeccionadas). Enquanto isso, íamos, a biblioteária e suas criancas auxiliares (excelentes "profissionais"), reproduzindo novas duas fichas básicas para os catálogos. Assim, o livro chegava, era estufado, registrado rapidamente, feitas suas fichas, colava-se-lhe o bolso com somente uma fita de dados - identificada com seu título e n.º de registro -, e de lá direto para a estante apropriada. Tudo era feito na forma manuscrita, a usual no universo infantil, a lápis (podiam ser corrigidas nos seus possíveis erros ortográficos - excelente exercício para Comunicação e Expressão, não é?), um meio mais leve para os serviços técnicos. Assim, o acervo novo não se acumulava mais na mesa da biblioteária, distante do leitor.

Durante a mudança, os inspetores, em criancas para olhar, ajudaram fazendo este trabalho de apoio, assim simplificado.

Nas estantes foram colocados bibliocantos colados com

"letras - gente" (como uma criança mais tarde a denominou), para a separação dos títulos (50). Descobrimos aí mais uma "imagem identificadora" de cada tema, pois passamos a trocar seus elementos gráficos conforme os assuntos da Biblioteca mudavam. Por causa disto, com certeza, elas passaram a ser conhecidas como "letras malucas", tão volúveis, afinal. E foi mais um motivo para brincadeiras e prazer. (Estávamos, mesmo assim, ou por causa disto, fazendo Biblioteconomia: cada vez mais as crianças se ofereciam espontaneamente para "brincar de biblioteca", sendo minhas "auxiliares", suavizando, assim, o insuportável trabalho técnico.)

Ademais, este procedimento quanto à classificação do acervo tornou possível a aplicação imediata do "Vocabulário Controlado de Literatura Infantil", já mencionado, pois agora havia agilidade com que podíamos processar a documentação.

A biblioteca prosseguia delirante de idéias diante daquele novo espaço (as Comunicações Internas viravam anúncios

da Biblioteca Central com bilhetinhos anexos endereçados à "Coisa Honrosa", numa clara alusão ao tema vencedor e, naturalmente, como uma espécie de feio à exacerbação imaginativa). Criou-se o Bibliô (51) - carrinho de madeira (será que devolvemos os notimãs que o finio me emprestou?) personificado, que recebia em si os livros emprestados e já lidos. Mais de uma pessoa deve ter se surpreendido em ver - inicialmente a bibliotecária, depois as crianças que faziam fila para ajudar -, subindo rampas e deslizando pelos corredores (confesso que não muito silenciosamente, o que era ótimo, pois nos servia belamente de metáfora, essa sonoplastia) à cata do acervo espalhado pelas turmas. Diminuíram demais os atrasos na entrega e conseguimos um excelente marketing. (Mais tarde, o Bibliô, já completamente identificado com a Biblioteca, foi o cirurgião-chefe da Operação Hospital na Feira de livros. Por isto são outras histórias. E outros capítulos.)

Quando estava na Biblioteca, posto em sonoço, Bibliô servia de receptáculo de obras lidas, evitando-se assim que se perdessem dados estatísticos fundamentais, tais co-

mo: qual o assunto em que as crianças estão mais interessadas no momento?; que autores estão sendo lidos?; os livros lidos são muito ou pouco ilustrados? ETC. Enquanto arrazá-vamos o Bibliô e reolocávamos o acervo no lugar - eu e as crianças - conversávamos informalmente sobre os acertos e erros das obras em questão, sobre o que tinham achado mais interessante em cada livro, sobre gostos infantis, sobre literatura, enfim. Não se pode obter melhor estatística e avaliação. Certamente era uma evolução dos velhos questionários do gostei / não gostei, e onde a criança, sem sentir-se "sabatizada", revelava suas preferências.

Darceu também um logotipo (52) que, junto ao tapete e à placa de madeira pendurada na porta, registrou definitivamente a "Sala de Fazer Línguas Novas", nessa Biblioteca Infantil.

3.5.1 OS ELEMENTOS FORMADORES DO TEMA GERADOR

Não estava ainda tão claro para mim, porém "como a mente contém a flor e o pensamento que teremos amanhã existe hoje em potencial" (53), o tema gerador de interesse de leitura aparece nos meus cadernos com um princípio de organização. Hoje, que seus elementos formadores já podem ser delineados, é possível sua análise e síntese.

Analicamente falando, observa-se na constituição deste processo de trabalho duas etapas básicas: a preparação do espaço físico onde será desenvolvido e a distinção das atividades pedagógicas possíveis a partir dele. Na primeira etapa, a intenção da representação plástica, visual, do "mundo" a conhecer será concebida através de: a) senha - palavra(s) convencionalizada(s) usada(s) como reconhecimento para autorização da "entrada" neste universo representado; b) decoração do ambiente com elementos que permitam o entendimento deste cosmos; c) boneco-símbolo - personificação da essência deste sistema pretendido; d) desenho principal - "coleção" em linguagem plástica de significantes para o significado visível pretendido; e) imagens identificadoras - sinais, marcas gráficas, manifestação visual

em unidades, deste "mundo" composto. Na segunda etapa, f) histórias representativas deste tema gerador; g) atividades sugeridas, possibilitadas por ele; h) feita, a reunião, a síntese, com caráter avaliativo, desses elementos e do universo por eles formado.

Sinteticamente falando, é óbvio que o total é maior do que a soma das partes. Mas como o capítulo se compõe explicitamente desta análise das partes, a operação de síntese fica subentendida nas entrelinhas. Ou melhor elaborada nas Conclusões desta dissertação.

A "nova" Biblioteca tinha três grandes e largas janelas que, ininterruptamente, clareavam o ambiente. Assim, foi pedido que se confeccionassem cortinas para "quebrar" esta iluminação natural e permitir o bom funcionamento para os nossos filminhos feitos no retroprojctor, atividade primordial, que contrabalançáramos com as histórias lidas/contadas através do livro ou oralmente.

Acontece que a costureira errou. E as cortinas

que foram pensadas feitas, com altura e largura suficientes para cobrir cada janela, vieram mixurucas, raquíticas, quase que só um quadradinho de pano. Eureka! Pega-se papel crepom e acrescenta-se o que falta, com a chance da criação de um delírio de balbados, feitos, arrumações que, a exemplo dos outros meios, podem ser mudados a cada tema gerador! Portanto, todos, cada um dos passos organizados levando-se em consideração o objetivo principal - a (de) codificação do mundo, do universo gerador de interesse de leitura e, consequentemente, seu conhecimento.

Ainda não havia acontecido o "insight" sobre a senha, mas já lá estava o Rokenstein - boneco-símbolo composto, à maneira do seu inspirador, por partes humanas desarticuladas (seu corpo era formado de caixas de papelão de tamanhos diversos, seus braços com enfiamentos diferentes e suas mãos e cabeça feitas com aquelas maravilhosas máscaras carnavalucas de látex). Viva glória! Rokenstein foi batizado somente quando as criancas chegaram, através de um primeiro "exercício", na "cúla" inicial de (re) conhecimento do tema.

Além dele, e provando a flexibilidade do modelo as solicitações soberanas do usuário, passaram a bonecos-símbolo também o Serápula - terrível e dentuço Drácula de nós, esta de látex e papier maché com uma linda capa preta costurada pela minha mãe e respingada de guache vermelho, o sangue de suas vítimas; e o Fantasma - Renegol velho preso com arames no teto da biblioteca que nos olhava com seus olhos ameaçadores e boca zangada e que sempre deixava cair suas comentes em cima da minha cabeça nas horas mais inoportunas, destruindo por completo todas as cartas e boetas feitas para dar seriedade ao tema.

Do quadro-de-giz, preparado para este fim, estava o desenho principal do tema: uma revoadada de morcegos-vampiro com cara de caveira voando em direção a um castelo mal-assombrado iluminado pela luz da lua, lá no alto de uma montanha árida, inhóspita.

Espalhados por toda a biblioteca, morcegos inflavam suas membranas asas espalhando o pânico, atemorizando o

ineante que chegasse perto da mesa da bibliotecária, que fosse molhar as plantas, que quisesse dar comida aos peixes, que abrisse o catálogo nas letras a (de Aiiiiêêê!...) e z (de zuto) (54), que fosse até simplesmente jogar alguma coisa no lixo. Formavam também a tétrica quinlândia que prendia as cortinas. E muitas teias de aranha (haja bastante, cola e purpurina prateada!) atrás da porta, sobre as cadeiras, debaixo das mesas, escondidas nas almofadas, todas com aranhas cabuludas feitas de bom-bril. E ossos de papel maché ou cartolina branca chacoalhando fenebrenmente nas estantes, em móveis, misturados aos lápis de cor. Foram as imagens identificadoras do macabro. A estas somaram-se crânios, demônios, lobisomens, ricos libelôs doados à biblioteca pelas crianças minha, para mim, perfeita medida de objetivos sendo alcançados.

Preisava de uma estante especial que mostrasse novidades, trabalhos infantis, livros recém-chegados, que chamasse a atenção. O esquema, feito pelo meu pai para facilitar-me a ao fúrral da carpintaria, mostrava um móvel ade-

quadramente sério, que depois foi adequadamente assalgado ao tema quando as crianças o rebatizaram de "monstruário" ("Se vai expor os monstros que a gente desenhou e outras coisas de terror, Navei, é monstruário e não mostuário.") Boa medida, inclusive avaliativa, no meu entender.

Recebi ainda a encomenda feita - os desenhos de Frankenstein e do Drácula (pois queria um retrato "naturalista" deles e, estranhamente (?), só conseguia fazê-los de forma expressionista) -; me mealeiei, não sei porque, quando o aluno do 2.º Grau, visitante esporádico da biblioteca, espontaneamente entregou a linda pintura a óleo que mostrava o punhal na mão reortada pela luz do luar; alguns primeiros cartazes foram afixados: o "Horoscópio", baseado no Almanaque do Terror, n.º 2, quadrinhos da Editora Veichi, que dizia: "Aquário - os nativos deste signo são inteligentes, sensíveis e têm muita queda para atividades literárias. Não perca tempo: comece logo a escrever seu EPITÁFIO! Do dia 16, exatamente à meia-noite, você terá um encontro fatídico com um homem sinistro, de dentes afiados, que adorará dar umas

mordidinhas no seu pescoço", com destaque para as palavras
 relevantes ao tema, e que provocou grande solicitação de lei-
 tura e tornou-se um enorme chamariz criativo; a piada ma-
 cabra contada pela Olívia, de Histórias Educativas, sero dúri-
 da também mergulhada no tema ("Um homem tremia de
 medo porque tinha que escolher entre passar por um cemitério
 ou por um muro cheio de morcegos. Lá, ele viu um guarda
 e foi correndo pedir ajuda. O guarda ajudou-o a passar pelo
 cemitério. Quando saíram, o homem falou: - Puxa, obrigado,
 seu Guarda, eu estava todo enfiado de medo... E o guarda:
 - Não há de que, meu amigo. Quando eu estava vivo, tam-
 bém tinha pavor de cemitério..."), e que ocasionou uma en-
 xurrada de piadinhas tão terríveis quanto esta e que fazia
 do mural ponto de encontro pelo menos uma vez por sema-
 na, que era quando trocávamos as antigas por novas, recém
 saídas do forno; as frases do tipo "saldades bem maldosas: dar
 gargalhadas terríveis num quarto de crianças medrosas."

Assim, dei por suficientemente iniciada a prepara-
 ção do espaço físico (55) e lancei-me à papelada de que

precisava tratar.

Foi evidente para mim que alguma coisa precisava ser esclarecida principalmente aos pais e, também, à equipe docente da escola, a respeito do novo processo de trabalho e sobre o tema vencedor daquele ano. Não só porque captiei a dúvida inicial de uma mãe, permeada pela confusão entre os termos terror e terrorismo, quanto para deixar a Escola segura e informada em relação ao conteúdo programático pretendido.

Foi feita uma primeira comunicação aos pais (56), entregue por ocasião da matrícula. E, depois, ao fim do primeiro mês de aulas, no Boletim da Instituição, mais uma notícia. (57)

Na Reunião Anual de Planejamento, feita sempre antes do início das aulas, a "Semana Pedagógica", foram entregues cópias pertinentes de alguns formulários feitos para a

Biblioteca Central, especificando o programa e projetos, e feitas reuniões específicas de trabalho entre a Biblioteca Infantil e as áreas de Comunicação e Expressão, Atividades Vespertinas, Integração Social e Serviços de Orientação Educacional e Pedagógica.
(58)

Restando "passar a limpo" o caderno com as anotações sobre o Terror, onde, além das pesquisas (59), figuravam as histórias a contar representativas do tema e as atividades sugeridas a partir dele, estávamos então de portas abertas na nova "Sala de Trabalho Ideias Focais".

3.5.2 FRANKENSTEIN E OS PEDAÇOS

Conheceram Frankenstein (o verdadeiro) num dia aparentemente como outro qualquer. Chegaram, sentaram-se ansiosos entre as almofadas e ouviram com a respiração suspensa aquela história (a original); souberam como ela foi concebida (a noite de tempestade lá no século 18, uma

mulher entre eretores, a aposta — um fascínio); fizeram perguntas imediatas sobre o elixir da vida que o cientista queria descobrir (60); arrepiaram-se intensamente com a lusa pelos cemitérios de partes de corpos humanos; arregalaram os olhos e ouvidos com a cena do laboratório onde o cientista finalmente consegue fazer viver sua criação — a incrível tecnologia, os aparatos, os instrumentos; apreciaram a estrutura ("uma história dentro da outra"), percebendo o fio narrativo dando um laço com as pontas do começo e do fim do enredo.

E me ensinaram, mais do que lhes foi dito, a respeito de parte e todo, dentro e fora, inteiro e partido, razão e emoção, solidão, criação, compaixão e generosidade.

Após o ponto final, a emoção instalada, a compreensão exata da dor (crianças que na vida real, é quase certo, ainda nem tiveram chegado a ela), lamentaram o monstro. Aquela que procurava compor seus pedaços de

criatura abandonada pelo Criador. O que buscava saber qual era o seu todo, a sua unidade, a sua identidade.

Conhecidas, me deram o exemplo: "É igual a história de uma criança que nasceu para ser bonita e feliz. Mas vai passando fome, vai ficando magra e doente. Não ri, fica de cara triste, ninguém quer brincar com ela, vai crescendo sem amigos. Por dentro é boa, mas não adianta porque, por fora, vai ficando feia e ninguém nem consegue ver por dentro, se assustam, têm medo da cara feia. Um dia, pega uma comida porque está com fome, todos gritam Pega ladrão! Todo mundo começa a gritar até sem saber, ela foge mas vão atrás, pegam pedras, tacam pedras, ela vê um revólver e atira pra se defender, mata um, todos pegam, levam presa e no dia seguinte sai no jornal, na televisão, era um monstro, matou, é o monstro da bocinha. Aquela criança que era bonita por dentro e ficou feia por fora, agora o mundo fez ela ficar feia por dentro também pros outros, pra ela. Quebrou ela em pedaços, igual ao monstro da história, que era de pedaços. Não pode juntar mais, o pedaço de fora e o pedaço de dentro." Pouco mudei nesta fala de criança de 3ª série (tão logo pude e minhas palavras e enações deixaram, registrei no caderno, usou

do a memória, ainda sob o impacto; donde, com certeza, empo-
trei o que foi falado). Por ocasiões de 9, 10 anos, fomos
lanceados na Metáfora. Simplificando a intenção planejada
de intensificar a discussão sobre o Bem e o Mal (vistos anterior-
mente, de forma iniciante, no Mundo da Fantasia principalmente,
representados pelas fadas e bruxas, por exemplo), as ocasiões
proporcionaram esse "feliz" exemplo ensaio para conversas
que foram feitas, como vimos, na realidade brasileira.

Dias depois (não poderia fazer essa espécie de ana-
lise num momento tão belo), às perguntas sobre a história,
responderam: a) Por que a criatura, apesar de ter sido planeja-
da para ser bela e perfeita, era um monstro? "Porque para
Vitor fez-la teve que roubar e profanar, e isso é ruim para
uma pessoa fazer. O monstro saiu errado por causa disso." (4.^a
série); "Porque ele queria o amor, no entanto com o tempo a
vida dele se transformou em ódio." (4.^a série); "Porque o Vitor
fez uma criatura das partes dos mortos e enorme. Tudo exa-
gerado." (2.^a série); "Por causa da pressa de Vitor para mostrar
que ele era possível." (3.^a série); "Porque foi feito de ossos de fa-

leidos." (1ª série); "Porque Vitor não o aceitou como era." (4ª série); "Porque ele era sozinho e rejeitado." (2ª série); "Porque não foi feita com o coração, mas sim para ser indestrutível." (4ª série); "Porque todos tinham medo dele, e então ele ficou com raiva e se tornou mau." (4ª série); "Porque foi feito artificialmente." (4ª série); "Porque Vitor o tinha feito com pressa, ele queria chegar à glória rápido, ele saiu mal feito." (3ª série); "Porque ninguém é perfeito." (3ª série); "Porque eram restos mortais." (2ª série); "Porque ele não tinha amigos ou amores com que ficar." (2ª série); "Ele não era belo, mas o amor dele era perfeito. Ele ficou monstro porque tentavam-no como monstro." (4ª série); "Ele era só e assim tornou infeliz." (2ª série); "Porque um homem não pode planejar um ser humano." (3ª série); "Porque Vitor estava com pressa de terminar este, e este sendo que era feio e horrível sentiu uma mágoa, que percebeu que ninguém iria amá-lo." (3ª série); "Porque ninguém ligava pra ele porque ele tinha uma fisionomia feia e aí ele foi se enchendo de ódio e de raiva e se transformou num monstro." (3ª série); "Porque a experiência não deu certo." (2ª série); "Porque os pedaços eram diferentes, não conseguiu juntar." (2ª série); "Eu não acho ele nada monstro." (2ª série).

b) Por que, no fim da história, a criatura grita de dor e pede perdão a Vitor? "Porque havia se separado de seu criador que lhe deu vida." (4ª série); "Porque tinha muito pânico naquela cidade." (1ª série); "Porque foi o Vitor que fez o monstro para ele viver e ter amor pelas pessoas." (1ª série); "Porque ele tinha matado todas as pessoas amadas e ele. Sua existência não deu em nada, apenas desgraça." (3ª série); "Porque sentir-se culpado." (1ª série); "Elle, ela é bela por dentro e feia só por fora." (1ª série); "Porque ele não queria ser mal-doço." (1ª série); "Porque o seu dono morreu por culpa dele, não foi?" (1ª série); "Porque se separou do seu criador." (2ª série); "Porque ele foi planejado para ter amor no coração e não ódio e foi feito para ser perfeito. Qritou de pena." (4ª série); "Por ter uma parte dele morta." (4ª série); "Porque teve medo de ver o seu lado de dentro ficar feio também." (4ª série). c) Você gostou? Por que? "Sim. Porque a história é interessante e porque é uma história de terror e eu gosto de terror e eu também gostaria de conhecer a verdadeira história de Frankenstein." (3ª série); "Gostei. Porque eu gostei da imaginação da moça que escreveu e da ideia do livro. Queria também." (3ª série);

"Gostei muito porque aprendi o que não sabia." (3.^a série); "Achei chocante! Porque eu pensava que a história fosse de outra maneira e agora eu sei que não é." (3.^a série); "Foi eu mesmo. Porque o final não teve tanta graça, como eu tinha pensado, mas eu geral até que eu gostei." (3.^a série); "Sim. Porque eu vi que o amor vale muito para tornar uma pessoa bondosa e carinhosa." (3.^a série); "Sim. Porque foi muito emocionante, cheio de perigo, mortes, tragédias, terror, violência, vingança." (3.^a série); "Sim. Porque as pessoas têm que pensar o negativo das coisas que inventam antes de construí-las." (3.^a série); "Sim. Porque adoro terror." (2.^a série); "Porque essa história é uma dentro da outra." (2.^a série); "Gostei. Porque a história se junta em uma história de amor, terror, tristeza e suspense." (2.^a série); "Adorei. Porque a história é de terror e conta a vida de uma pessoa criadora." (2.^a série); "Foi eu mesmo. Eu não entendi muito." (2.^a série); "Não. É muito triste." (2.^a série); "Gostei. Foi bem monstruosa." (1.^a série); "Sim. Porque este "monstro" era inteligente e compreendia as coisas, tanto que no fim se matou para ninguém mais sofrer, morto por ele." (4.^a série); "Sim. Porque é uma história que mostra que a pessoa pode parecer má mas não é, ela foi traída."

nada." (4ª série); "Sim. Porque é uma história dramática, de suspense e tensão. Gostei também porque é de terror e tem monstros." (4ª série); "Sim. Porque foi emocionante, legal, e quem entendeu a moral da história está com tudo." (3ª série); "Sim. Porque percebi que nem todos os monstros são maus." (3ª série); "Foi um sucesso. Porque eu não gosto de história de terror." (3ª série).

d) Qual foi a parte que você achou mais impressionante? "O que ele começou a construir o monstro." (1ª série); "Foi o pedaço que o monstro começa a aprender a ler as coisas sozinho." (1ª série); "Frankenstein salvando a menina do lago e ela atirando." (2ª série); "A parte que ele recebeu a vida." (2ª série); "Quando o monstro tomou vida no laboratório." (4ª série); "A que Frankenstein disse que tinha o coração para amarrar." (4ª série); "Quando Frank recebe o raio e cria a vida." (2ª série); "O pedaço que o monstro estrangulou Elisabeth e William." (4ª série); "Foi a parte que o monstro resolveu contar a sua toda a sua história e a parte que ele chega na cabana do velho, sete que era logo conversava com Frank - como se ele fosse uma pessoa comum." (4ª série); "Quando ele estrangulou William." (4ª série); "Foi

quando Vitor foi pegar o cérebro para fazer o monstro." (3ª série). 2) Faça uma análise da história. "A história foi boa desde o começo, meio e fim. Foi uma história fascinante. Porque ela é uma história que tem o bem e vinde o ódio." (4ª série); "É muito interessante porque o monstro começa a se desenvolver sozinho, ele começa a ler, ele começa a ficar bom e começa a ficar mau querendo a vingança de todos." (3ª série); "Esta história é de terror e ao mesmo tempo é de amor e de entendimento." (2ª série); "Muito boa e o modo de contar é excelente com muito suspense e terror à beça. Legal no começo, boa no meio, ótima no fim." (2ª série); "Triste e legal, muito emocionante. Com mortes e viagens. Infeliz." (3ª série); "Boa porque ela é boa, planejada, interessante e tem muito a ver com suspense e terror." (2ª série); "Eu achei a história legal, emocionante e legal porque a história me emocionou que só porque a pessoa é boa não significa que a pessoa é má ou terrível, por isso disse que Frank é mau mas não é." (4ª série). (61)

Este, exemplo (e medida) de um "monstro" deificado. A possibilidade de vida apreendida na Biblioteca - lugar de ricos enriquecimentos. Principalmente para o bibliotecário, pois aí vem

3.5.3 ALICE E O MEDO

Um corre-corre danado: é dia de Dúdio! A turminha "daquelas", de primeira série, desrencilhou-se das amarras e correu para o audiovisual: tinhamos conseguido emprestado Alice no país das maravilhas, um trabalho feito em slides. Não teria outra oportunidade igual àquela; então, mesmo sendo época do mundo do Terror, resolvi passar. Tudo seu planejamento, enquanto me esprenha na porta da salinha alternativa do áudio, conseguida em cima da hora, e acertava fios e cadeiras, pensei em Alice naquelas florestas, naqueles poços, diminuindo e crescendo, pro-

curando por si. E, instigada, "raciocinei": por que não?

Para concentrar as mentes dispersas, fiz voz cavernosa, "de terror", e comecei, apagando aos poucos as luzes: Era uma vez...

(Nada como estas e boas e uma voz maleável e uma boa história.) Aquelas peraltas, terror de muitos, a-quietaram-se num segundo, e pulamos para dentro de Alice. No silêncio total, a voz que contava, contava com prazer, conforme os slides passavam. Um risinho nervoso aqui — quando o slide apagava e o próximo (certamente colocado no lugar errado da máquina) demorava a aparecer —; um arrastar de cadeira ali, um eschieio aeolá. Seguímos Alice em sua viagem, na qual enfatizei "daqule modo" os elementos que pudessem relacionar-se ao nosso tema q-ador.

Acabado o tempo e a história, atendem-se as

luzes, as criancas correm, riem, e vão embora para mais
 uma atividade. Fico com as máquinas, os fios, as
 cadeiras. E, enquanto arrumo tudo, descubro-a no
 chão. Uma poeinha.

Deu preciso me abaixar e constatar: é xixi.

Suspensa no susto, compreendo, afinal, e não-
 me de nenhumo. Que culpa! Que vergonha! Que impo-
 tência! O que fazer agora? Quem foi? Como fazer pa-
 ra descobrir e abraçar, abraçar calada? Falar com a
 professora? Confessar-me? Pedir ajuda? Falar, falar com
 as crianças! Mas, qual, faço nada — é enorme demais
 para mim. Fico ali sentada, estofeteada.

Com o passar dos séculos, e o "mais alto
 valor se elevando", volto para a Biblioteca. Os
 monstros me olham calados. Não vejo graça em mais
 nada, sinceramente. (62)

Peço, peço uma auxiliar. A biblioteca cresce sem parar. Capricho na divulgação: correspondência com editoras; extensão dos serviços à comunidade do colégio; explicitação do trabalho para outros; figuração em solenidades e festividades do Colégio; análise de Literatura Infantil como prestação de serviços; organização (e não mais somente participação) de Feiras de Livros (63); a idéia de "remexer" no processo ensino/aprendizagem da pesquisa escolar dá frutos: pedido, pelo Serviço de Orientação Pedagógica e pela Coordenação do 2.º Grau, para um Curso de Reciclagem para os professores e professorandas do Colégio (que se realizaria somente dois anos depois); os pedidos de continuação da Biblioteca Infantil para os alunos de 5.ª série vão-se formalizando — um grupo de pais vai à biblioteca e argumenta que seus filhos também recolheram o tema gerador daquele ano e não estão "unfundiado" dele (a solução foi um convite para assistirem as "aulas" junto com as turmas de 1.ª à 4.ª séries; as próprias crianças organizam seus horários, então); o registro das observações sobre as crianças porque, mesmo precariamente; os cartazes da biblioteca são roubados e, apesar de ver um lado positivo na questão, não

há como desconsiderar o trabalho dobrado); e, por fim, mas não por último, as crianças trouxeram um morcego vivo para figurar no "Monstruário" (quem mandou? já tinha cobra - que sofria várias transformações nos temas seguintes, sendo ora um fio do cabelo da Medusa, ora a serpente que matou Cleópatra apaixonada -; quase teve gato - ainda bem, que o pessoal do laboratório veio em socorro da Biblioteca. Quem mandou? A solução foi encontrada porque o morcego, é óbvio, morreu, e assim pudemos enterrá-lo com pompa e circunstância.)

As auxiliares (!) chegariam no fim do ano, pois a vida se emarançou. (64)

As histórias representativas cada vez mais identificavam o tema, o terror era escarafunchado e retribuído com enriquecimentos: boas as conversas sobre Drácula e Narciso (isto mesmo) com seus reflexos; proveitosa a ânsia de pesquisa desencadeada pela história do filme The howling - todos queriam saber sobre a transformação e as dores do lobisomem, e, portanto, foram incitados à esta de informações, num proces-

to que lhes permitia o exercício para outras lúceas escolares. Tentávamos aprender a lidar com as emoções desencadeadas: Para mim, arrepio é assim: "Os cabelinhos do piseço em pé." (2ª série). Meu maior susto: "Foi com uma aranha de borracha." (Camila, T. 113); "Foi quando eu estava dormindo e o meu irmão medeu um pititeco e eu levei um susto." (Flávia, T. 113); "Eu estava jogando bola aí eu vi uma coisa muito assustadora." (Rodolfo, T. 112); "Foi quando o carro quase me atropelou." (Eduarda, T. 113); "Foi o dia que eu vi o go-querstai." (Adriana, T. 112); "Quando eu vi os monstros da biblioteca." (Leuciana, T. 11); "Foi na igreja que eu vi o rabo de um rato fez uma barulheira eu pulei de susto. Eu pensei que era a minhoca do peso que o diabo amassou." (André, T. 111); "Eu levei um susto quando estava arrumando meus brinquedos." (Fábio, T. 111); "Foi a vovó que me deu um susto bem grande." (Luíza, T. 111). O que eu faço para não ficar com medo: "Leço ajuda à imaginação e penso em alegria." (Laetúcia, T. 132); "Penso em outra coisa, me escondo debaixo do lençol." (Daniel, T. 132); "Fazer o pos-

nível para que os monstros fiquem com medo de mim." (Elton, 1.132); "Eu fico com ele na palma da minha mão." (Paula, 1.132); "A gente desenha ele." (Ivan, 1.132); "Eu fecho os meus olhos e me desligo do que está acontecendo." (Armand, 1.133); "Faz os aruadilhas e uso da cueca." (Eduardo, 1.133); "Eu fico com a minha mãe." (Louiseira, 1.121); "Esqueço das coisas." (Rogério, 1.121); "Eu fecho os olhos e se escondo. O maior medo que eu tive na minha vida foi quando eu fiquei arrepiada." (Carolina, 1.123); "Não me meto em interferência." (Benedo, 1.123); "Eu fecho os olhos e sonho com uma coisa. O meu medo foi muito pequeno que um dia a minha avó se escondeu no quarto dela quando eu entrei ela me assustou e eu só fiquei com um pouquinho de medo." (Isara, 1.123); "Fecho os olhos e fico parado." (Louiseira, 1.123). Qual é a causa que o medo tem? (65)

É a forma de lidar com o terror logo se fez notar.

3.5.4 VENCENDO OS MALDITOS E CALA A BOCA JÁ MORREU

Cada vez mais os filminhos feitos para retro-projetor conquistavam. As histórias contadas através deles prendiam a atenção. As crianças gostavam. E confirmamos que as turmas friam, cada qual, o seu filminho de Terror. Para a Biblioteca seria um excelente veículo de avaliação sobre as características assimiladas, ou não, do tema operador. O resultado foi facilmente percebido na reciclagem feitas nestas referidas características, em projeto próprio: pelo esboçamento, apropriaram-se delas, transformando-as, tornando-se, assim, sujeitos da ação — objetivo capital deste modelo aqui apresentado.

Atenção! Pronto, 4ª série? Pode rodar! E as folhas de celofane desenhadas com hidrocor contaram O cemitério dos malditos, história de um terrível monstro, tenebroso, que horrorizava uma pequena cidade. Todas as maldades possíveis, a ponto de na legenda do filminho aparecer "o monstro era tão horrível que parecia monstro mesmo!" Sofe daqui, sofe dali, o malditor, o caseavel é feito vítima de sua própria ignorância: ao cavar várias covas para enterrar suas vítimas no seu cemitério maldito, tropeça numa pedra pequena (!) e cai dentro da mais funda, não conseguindo dela mais sair. E, na calada

da noite, num zoom cinematográfico, vemos, num close do letreiro, a mudança do nome do cemitério: alguém acrescentara um "do" entre parênteses. E, ainda, aproximando-se de mansinho para manter o suspense, o foco, aos poucos, revela a verdadeira identidade do emergente, inscrita na lápide: "Aqui jaz o Prof. Walmyr."

O filme fez tanto sucesso que precisou ser repetido várias vezes, inclusive para outras turmas (até os pequeninos quiseram ver!). Na segunda sessão, o convidado de honra era o próprio Prof. Walmyr — nosso coordenador.

Passou um tempo até que causassem da burocracia de colocar mais mortos naquelas sepulturas. (É lógico que a bibliotecária andou percurtando aqueles túmulos, não sabe? Como não procurar, para avaliar o merecimento de estar morta (ou viva) naquelas corações e mentes? Como deixar escapar tal oportunidade? Não encontrei um sepulcro. Bem sei que certamente não estaria defnida somente assim a tal avaliação. Mas que dava esperança, dava.

Vai daí que eu andava bem chatinha mesmo.

Tive um dia lá que me reuni a contar umas histórias, por-
 que a turma bagunçou demais. Já era a quarta ou quinta vez
 que aquele pessoal da 3ª série me apertinava. Combinamos:
 se você falou, eu não preciso falar; se eu não falo, nenhuma
 história. Experimentaram-me, é claro. Eu: never, nada. Pula
 seguinte, meca de pitibiriba. E assim fomos: duelando. Lá
 pelas tantas, um dia, me avisaram que a diretora estava cha-
 mando. Agora não posso, estou com turma, vou já. Não, é ur-
 gente, reunião. Tedi licença (estava na Biblioteca a "tal" tur-
 minha) e fui. Eugenio, ninguém chamou. Volto depressa e encontro
 a porta fechada à chave. Digo, desconfiada, que quero entrar ago-
 ra mesmo, hein. Ouço risadinhas. Depois a porta abre.

E entro numa Biblioteca onde está toda uma tur-
 ma com separadros nas bancas.

Parece-me, pois, que com medidas outras que as do
 mundo acadêmicos, as crianças mostravam ter percebido muito bem
 de qual matéria se formavam os "monstros". Continuando com fios
 da fantasia, teciam o tecido da realidade e com ele faziam
 a roupa que lhes apetecesse. Aprenderam sobremaneira desde os reis

que vinam no Mundo da Fantasia; apreenderam. E, a exemplo dos conhecedores verdadeiros - diz-me -, viram do morarea que ficou me porque se vestiu por dentro com as roupas da autoridade.

Prosequíamos, pois, com as descobertas. A biblioteca relacionava-se com vários acontecimentos. Como o do sótão mal-arrumado. Já foi dito que a instituição ainda estava a biblioteca possuía em seu campus vários prédios. Um deles, o mais nobre, era a casa que lhe dera origem. Nesta, muito antiga, um maravilhoso sótão estava pronto esperando pelo Mundo do Terror. (D. Albertina o transformaria em pouco tempo em parte integrante do museu no seu Projeto Memória, expando móveis, objetos e livros que pertenciam às primeiras alunas, internas, vindas do estrangeiro e que moraram ali.) Que incrível! É claro que era na Biblioteca - graças a Deus - o encontro constante para se falar sobre o sótão e suas associações. Vi grande oportunidade quando as crianças me pediram para ir lá com elas. Concordei, orgulhosa, e fizemos então algumas excursões ao sobestudial que ali estava, de bandeja, e que forneceram boas ocasiões para conversas sobre o Terror e, sem dúvida, facilitaram o intere-

e no Projeto Memória (pois cada fantasia mencionado era contrabalçada com a "memória" das alunas antigas, que são importantes para a memória, a história do curso Colégio: Miss Hyde, por exemplo... Poderemos ver os livros que ela estudava, as histórias que ela lia porque a D. Albertina está organizando um museu para contar pra todos...). Eu lutei Plástica de confeccionar uma câmara fotográfica e de televisão para o grande documentário que fizem.

Trabalhando essencialmente com o lúdico, a biblioteca caminhava ao lado do usuário, fazendo parte do seu universo infantil. Aos pais, que cada vez mais vinham (e para isso contribuiu muito a mudança do espaço físico, pois agora estávamos em local de fácil acesso), eram relatados esses e outros acontecimentos que ainda não sabíamos, e conversávamos sobre as preocupações de nós todos, nossos medos - reconhecidos ou não (como o caso da menina que passou toda a história do lobisomem sentada lá fora, assistindo as outras turmas jogarem vôlei - não agüento, tia, tá bom, mas depois você quer conversar para acharmos uma maneira de você não perder muito a biblioteca, pois este ano é do Yermos?, não, tia, é só o lobisomem, não quero esutar o lobisomem).

E, "horrorosamente" lindos, comparecemos ao Halloween (66): uma festa "terrível" com desfile de fantasias (até hoje não sei quem era aquela - professora? mãe? inspetora? - ebaixo da máscara de vilha bruxa que passava toda hora por mim rindo e gorgolejando: "adivinha quem sou, adivinha..."), comidinhas "monstruosas", "sues de vampiro" (o indifetível suo de uma dos cursos estoques), uma das abóboras, músicas com o "clima" adequado (e as escolhidas num encontro feito com as crianças pelo César) e danças de arrepiar os cabelos.

Cansados e felizes, enviamos nosso cartão de Natal (67) e as crianças, então, escreveram, das próprias, o curso tema do ano seguinte.

Com "aula" sobre literatura e suas possibilidades foi muito organizada (cartões dos temas com algumas ilustrações, desenhos, personagens e frases significativas para cada "mundo" possível) com o preparo do ritual da eleição (escrutínio e tudo); com nos-los para portas de viagens: foi um tantinho experimentados; de coração e mentes envolvidos no evoluirmento daqueles mundos,

podíamos zarpar. E, ardentes, nos lançamos ao

3.6 O MUNDO DA MITOLOGIA GRECO-ROMANA

Eu, grávida de vida e de planos.

Incorporada, pois só voltaria no 2.º semestre, assumia a persona de Hércules. Do primeiro relatório, escrevia "Planejamento e execução de transição da chefia para a biblioteconária substituída [...] que assumirá no período de licença de março a junho. Explicação do processo de trabalho em todas as suas características; apresentação a toda a equipe bem-sucedida; explicitação dos conceitos pedagógicos adotados pelo Colégio Bennett e, conseqüentemente, pela Biblioteca Infantil; conversas sobre os conceitos da moderna pedagogia, sobre literatura Infantil, sobre biblioteconomia no campo específico (biblioteca para crianças) etc. Leituras e discussões do Plano de Ensino, Plano de Curso, Planos de aulas, projetos e atividades para 1983." A Escola cogitou fechar a Biblioteca Infantil durante minha licença de maternidade, porém, no mínimo, não seria aquela uma boa oportunidade de colocar o modelo de trabalho em teste? Como no laboratório, verificar se a troca de al-

que elemento resultaria em alteração do resultado finais. (18)

A mitologia escolhida para ser trabalhada, basicamente, tinha sido a grego-romana; por suas possibilidades, ênfase seria dada à primeira, lições seriam feitas com a nova mitologia indígena (num processo de relevância do nacional, pretendido também pela instituição da qual fazíamos parte) e 20' mencionariamos outras (a oriental, por exemplo), se houvesse esboço e oportunidade. Por isso, muitas vezes falávamos "mitologia" querendo, na verdade, dizer "mitologia grego-romana".

Uma pesquisa intensa teve lugar. Livros e mais livros, obras de referência, jornais, suplementos especiais, anotações de cursos, conversas, músicas, filmes, obras de arte em geral, visitas aos consulados da Grécia e da Itália, pensamentos reflexivos, tudo transformava-se em fonte para o planejamento da viagem àquele mundo tão especial. Enquanto obrávamos nós quatro (eu, o menino e as duas auxiliares), o tratamento técnico, inclusive (mudanças no catálogo, classificação dos livros, o estudo de novo carimbo com o logotipo da "Escola de Vozes Ideias Boas" etc. etc.), dessa pesquisa constante orguizei um Plano de Ensino que atendesse, ademais, às expectativas do usuário, já que tínhamos um "baú do tesouro" - as falas das

crianças por ocasião da escola, sobre o que sabiam, ou imagina-
 vam, ou queriam, a respeito dos diversos temas, conforme sua
 história nas eleições: 1ª série - "Você podia por figuras do Hércules e
 do Minotauro e do Zeus e da Medusa do Ulisses, histórias gregas e
 romanas e lindas. Outras coisas sobre Cleópatra, história de Sísifo
 e Dalila de papilão na biblioteca, roupas daquela época"; "Perguntas
 e respostas sobre a mitologia grega e romana. Quem adivinhar ga-
 nha um prêmio. E quem não adivinhar faça uma prenda para a
 outra pergunta. Dizer 3 nomes da mitologia grega e romana. Quem
 adivinha leva palmas"; "Hércules era o homem mais forte do mun-
 do. Medusa, também. Estes são os esportistas de 1983. Podia ter enre-
 minha no quadro"; "Um Hércules bem grande e forte, uns deuses,
 a Medusa cheia de braços e pernas e feita bem bonita e animada";
 "A mitologia vai ser assim: todo mundo fantasiado de esportes. E
 tem Hércules, Xazou e etc."; "Eu acho que vai ter um boneco
 grande, de papel e o boneco vai ser o Hércules"; "A biblioteca vai
 ter enfeitada de bandeirinhas de papel e também todo mundo de
 Hércules e dinossauro e soldado rebelde"; "Eu queria saber sobre
 a bruxa chamada Medusa e também o Hércules, queria saber sobre
 o esquadrijo da bruxa Medusa tem cabelo eripilante"; "Que em
 1983 pode ter pilares de papilão e roupas de Hércules, do Minotauro,
 Zeus, caixotes de uvas e vinho para os deuses"; "A gente
 vai fazer festa, desenhar os deuses, ler histórias dos deuses, vamos
 brincar de deuses, vamos fazer fantasias de deuses. A Dani vai dotar
 figuras de deuses"; "Eu vou aprender melhor a mitologia grega e ro-

vamos a ver aprender melhor os deuses"; "Em 1983 na mitologia grega e romana os deuses da terra vão mandar em todos"; "Em 1983 haverá mais mitologia grega e romana no mundo inteiro, as mitologias gregas e romanas são muito importantes"; "Vai ter muitas lendas, a gente vai falar sobre Roma e também sobre negros"; "Nós vamos aprender sobre os deuses de alguns países"; "São lendas muito antigas. Como a lenda do Minotauro"; "Mitologia grega e romana é coisa ruim, porque tem Medusa e tem gente que tem medo de mitologia". 2ª série - "A Nanci vai contar histórias sobre deuses, deuses como o Hércules, Medusa, Pégaso e muitos outros deuses. Em qual será que nós vamos estudar mais? Isto é o que vamos saber. Ah, vocês conhecem o Minotauro? Ele é a metade homem, metade boi"; "Aqui vai chamar Biblioteca Grega e Romana e a gente vai fazer igual no Terror coisas de barro"; "Vou fazer um romano, fazer amigo oculto, um monstro, um morcego, um quadro"; "Desenhar um rei romano no caderno"; "Literatura grega e romana. Contar história, fazer atividade, ler, estudar, fazer jogo, brincar, inventar história, estudar o livro, fazer teatro, escrever sobre o tema"; "Via Nanci você podia contar quase todas as lendas da mitologia grega e romana"; "Comprar livros gregos!"; "Um quadro com todos os deuses, lendas de alguns deuses. Um boneco de um gladiador, umas arenas e leão, também"; "Inventar histórias, representar na biblioteca, fazer o Cretano, contar o que você entendeu, fazer a feira do livro, inventar nós usamos o livro e

desenhar coisas maravilhosas"; "A minha idéia é que você conte histórias de deuses e que tenha uma festa com muitas fantasias. Quem fez a redação melhor. Que mande a gente construir o cavalo de Troia e quem fizer o melhor ganha prêmios"; "Hércules empurrando as colônias do templo!" 3ª série - "Nós poderemos decorar com os personagens. Ex: Medusa (a mulher que tem cobra na cabeça), Hércules (o homem mais forte do mundo), o Netuno (o rei dos mares), e o Minotauro (o que vivia no labirinto)"; "Deveria ter cobras, deveria ser a Medusa a chefe ia ser muito legal"; "Tode ter a Medusa, Príapo, Hércules, Minotauro. Eu podia contar a história do vulcão e as cidades em gregos e posso ali contar as lendas de Príapo e de quase todos os deuses"; "Muitas explicando tudo que aconteceu, histórias de romanos e gregos bem interessantes e também muitos livros legais"; "A tia pode trazer coisas e nós também. Nos ensinar os deuses da Grécia e de Roma. As coisas que aconteceu lá. Os seus costumes. As idéias deles. As coisas interessantes sobre eles para vir na nossa biblioteca. Trazer os livros sobre mitologia. Objetos sobre o tema, trazer desenhos sobre o tema"; "botar as coisas que tiveram naquele tempo. E falar qual eram as histórias daquele tempo e também os lugares mais históricos"; "Eu quero que tenha histórias do Minotauro, de coisas que atraem pessoas, que tivessem colagem igual a B1. E também queria tudo que teve em B2. E monstros marinhos perto da Grécia e de Roma. E Medusas empurrando Minotauros"; "Escrever coisas horríveis sobre os gregos e romanos, falar sobre a guerra deles, etc."; "Eu escolhi este tema

porque eu queria que a Juzei passasse o filme do Jão, e se ela ti-
 nisse eu queria que ela também passasse o filme da Medusa e do Jão.
 Que ela contasse histórias gregas e romanas"; "Podíamos fazer
 as armas iguais as deles, lógico que de cartolina"; "Podemos fazer
 milhares de personagens de papelão e fitas com danças folclóricas
 gregas, significado dos nomes dos deuses". 4.ª série - "As vilhas
 lindas de deuses"; "Acho que você podia mandar a gente fazer
 pesquisa sobre história, fazer uma decoração bem legal"; "Labi-
 rintus, lutas de guerreiros, estádios de lutas, pesquisas sobre a
 Medusa etc."; "Fazer outro desfile mas agora de personagens gregos";
 "Podia fazer muitos monstros antigos, filmes de tal coisa"; "Eu
 acho que a biblioteca deveria ser decorada, com aqueles monstros
 mitológicos"; "excursões sobre este assunto, trazer fotos de Hércules,
 deuses (como o povo imaginava que era), o Minotauro etc."; "di-
 zer para nós imaginar - nos como os deuses eram, dizer para de-
 senhar - nos mitos, inventar histórias de deuses"; "como os deuses des-
 se tempo eram criados, com que objetivos, quais eram eles. Os gran-
 des heróis desta época, o que fizeram de tão importante para se
 tornarem heróis. As mais conhecidas histórias, europeias. As mu-
 lheres mais bonitas, os reis e rainhas, maus e bons. Os melhores livros
 do melhores escritores sobre este assunto, porque se tornaram os maio-
 res e etc. Os mitos que você disse também aparecerem no Brasil";
 "garanto que com este tema a biblioteca vai ser melhor que an-
 tes. Eu votei nele"; "Eu acho muito legal este tipo de tema, e

olhe lá, eu nem sei muita coisa. Eu vi o filme "A Júria dos Titãs" Mitologia grega e romana também é muito bonita apesar da Medusa, Minotauro e muitas coisas mais".

Dividido em dois semestres, ao primeiro e a uma das auxiliares cabe:

- a - * Usos e costumes (com aspectos históricos) da Grécia Antiga - Esparta e Atenas
- b - Usos e costumes de Roma Antiga (Império Romano; com aspectos históricos) - os Césares; usar Asterix
- c - Deuses (o Olimpo) - seus semelhantes romanos; seus mitos
- d - lendas de Eco, Cupido, Ananias, Sereias
- e - Lendas indígenas, do folclore brasileiro (a criação do mundo - relacionar com a cosmogonia grega; Yara - relacionar com náiades; Zumbi - relacionar com o Minotauro etc.)
- f - Projetos Pesquisa e Feira do Livro

Do segundo semestre (quando eu já retornar) caberia:

a - Arte grega (Literatura, Artes Plásticas, Teatro, Música)

- Literatura (epopeia): Ilíada, Odisseia (Homero)

- Teatro (tragédia): Antígona, Édipo, Medeia

b - Arte romana (Literatura)

- Epopeia: Eneida, de Virgílio

c - * Usos e costumes

- Grécia (herói, cavalo, soldados) - Guerra de Tróia

- Roma (gladiadores, arena (circus), leões, cristãos, escravidos) - Spartacus

d - O herói

- Os 12 trabalhos de Hércules

- Perseu e o Minotauro (o labirinto)

- Perseu e Medusa

- Prometeu

- Monteiro Lobato e sua obra relacionada ao tema

e - Projetos Visitas, Bibliopíadas, Rito de Passagem, A Festa dos Leões

* Usos e costumes - relacionar com Projeto Surgiu da Vida: o pão, o trabalho, a casa, do S.O.R.

** Entretecer constantemente com o conhecimento

e uso da Biblioteca.

Este Plano de Curso, traduzido nas diferentes linguagens adequadas, foi a base documental especializada do trabalho da Biblioteca.
(69)

A Comunicação enviada aos pais (70) foi auxiliada desta vez com uma apresentação formal da Biblioteca na 1ª Reunião de Pais, ocorrida no primeiro dia de aula. Depois da palestra no auditório, os pais invadiram a Biblioteca antes das crianças (espertinhos!) e foi possível dar uma visão muito mais eficaz do trabalho. No Relatório 01/83 está documentado: "Muitas perguntas e comentários sobre o trabalho. Muitas indagações sobre o tema escolhido, numa demonstração de interesse qualificante e anunciadora de real integração Biblioteca/Colégio/Família. Alguns responsáveis se destacaram neste interesse e, com eles, a "Sala de Fazer Ciências Boas" tem mantido inúmeras conversas. Por exemplo: pai filósofo, escritor, que depois de conversa mantida sobre o tema, doou livro de sua autoria sobre Estética, onde há capítulo sobre a herança grega; mãe com curso de pós-graduação em Língua e Literatura grega que, após discussão sobre o assunto, contribuirá com anotações

e textos referentes ao papel da mulher na mitologia grega. E diversos outros pais que se apresentaram a expor livros, periódicos etc. sobre o tema."

O contato com as outras áreas apresentou uma característica mais direta, mais objetivada agora. Não deixou de acontecer um pouco ao sabor das necessidades, porém já no início da reflexão sobre o tema, marcavam-se vários aspectos para discussão. Com o S.O.B., debate acerca das implicações teórico-práticas do tema com as linhas mestras da Equipe Metodista; a comparação com aspectos do "real", atual, brasileiro (?); com o S.O.E., respaldo e orientação acerca das implicações do tema junto às crianças, principalmente, e, junto à família; com o S.O.P., as questões inerentes ao processo ensino-aprendizagem, distribuídas nas diversas áreas de ensino.

Assim, nos cadernos com trabalhos de pesquisa sobre a mitologia apareceram os seguintes pontos que seriam depois lidos aos outros e debatidos, de maneira geral, na Semana Pedagógica:

"a Grécia é um pequeno país da Europa, de terras

montanhosas, banhada por um mar [...]" — Artes Plásticas: confecção do mapa da Grécia (em desenho, em maquete) junto ao momento do Programa Escolar em que as crianças aprendem noções especiais sobre bairro, Brasil etc.

• "deuses inumeráveis criaram os gregos. Já Homero, poeta grego, diz que na Grécia existem mais deuses do que homens [...]" — iniciar Iliada, Odisséia. Mencionar Os Louíadas.

• "na Grécia, os deuses foram feitos à imagem e à semelhança dos homens [...]" — S.O.R.: qual a conexão exata da Escola Metodista? Mencionar o mito de Adão e Eva, a conexão indígena (ver em Íbel Rufino dos Santos) e o darwinismo.

— Biblioteca: relembrar a "experiência" das crianças com os monstros (Frankenstein, Dr. Frank e Mr. Hyde).

• "os deuses gregos residiam no Olimpo [...]" — Artes Plásticas: idealização e confecção do Olimpo (podiam ser feitos os deuses em barro para serem colocados aos pés de Zeus + aqui, pesquisa na Biblioteca)

• "a mitologia é uma espécie de poesia coletiva dos povos. O povo que não dispunha de poesia de imaginação terá mitos insignificantes [...]" os poetas e as lendas sobre a formação histórica de um povo [...]" — Biblioteca: o valor da poesia como preservação

e como agente de transformação; conversas sobre o papel do poeta, sobre a preservação da cultura, sobre literatura oral (lembrar contos de fadas, Câmara Cascudo, Andersen, os Grimm). O Brasil tem uma "mitologia"? Qual? : pesquisa

• "os romanos construíam o maior império da Antiguidade [...] através das guerras [...] pora tanto, mataram a imaginação [...] e tomaram dos gregos os deuses nos quais precisavam acreditar [...]" — S.O.P. / Integração Social: a aculturação, o domínio (como é visto este aspecto no currículo? qual a linha de trabalho? onde, exatamente, se inicia esta discussão com as crianças?)

— Biblioteca: Astérix (!); o discurso do poder (vide desde contos de fadas); o que é ser fraco x o que é ser forte; comparação com Mafalda, de Quino, com O cemitério dos malditos do Mundo do Terror. Juiciar Spartacus (comparação com Amulí dos Saluares; liberdade x escravidão; a união vencendo o poder — ajuda do S.O.R.)

• "[Rômulo e Remo] colocados numa cesta jogada às águas do rio Tibre [...] salvos e amamentados por uma loba [...] fundaram a cidade de Roma [...] Rômulo matou Remo" — S.O.R.: qual a teogonia metodista: Moisés? Abel e Caim?

— Biblioteca:

muitos mitos com o arquétipo da(s) criança(s) salva(s) das águas, por que? em que mitologias? → pesquisa

• Prometeu = Lúcifer (lux + fer (portador)); fogo = ciência, saber, o conhecimento; para que os homens se igualassem aos deuses ∴ somos, em origem, deuses — S.O.R.: e agora, frê? (Lúcifer, o anjo decaído, Adão "expulso"; a questão do castigo, da culpa)

— Biblioteca: comparação com Frankenstein, a criatura rejeitada, "expulsa" pelo criador

• a mitologia indígena — S.O.P. / Situação Social: poderia ser dado até enfoque para preparação, subsídios para a semana do Índio, com continuação pelo período letivo todo

— Biblioteca: pesquisa de lendas indígenas

○ S.O.R., posto assim em desassossego (por que só a biblioteca, pois não?), respondeu que conseguir esperar o embate na Semana Pedagógica. (72)

Com outras áreas, ainda a avalanche de correspondência. (73) E, tampouco os pais escapavam. (74) A nova Direção Geral da Instituição, divulgação do processo de trabalho. (75)

Esperando parir, paria a Medusa (a mulher de serpente na cabeça e um olhar enfiçado), novo boneco-símbolo. A senha, descoberta do ano anterior, pulara dos tempos romanos e prosseguia seu destino de palavras malitas: Ave, César! us lembrava para sempre duelos entre liberdade e tirania (um adulto exortou-nos: -Inoquem esta senha, é fascista! Nas as crianças, no exercício e na pose do conhecimento, buliam, colocavam-na de trás para frente, de ponta-cabeça, direcionavam, transformavam seu sentido e acrescentavam-lhe o ritual dos gestos (polegar para cima, "pedido pelos gladiadores": Curare, Evanare, Carere), numa troca mais profunda talvez). Outras imagens identificadoras eram as gregas - galão característico de linhas retas entrelaçadas. Ao entrar, o desenho principal reunia, no quadro-de-giz, seus guerreiros, louças e vultos em máscaras do riso e do drama, ao lado de cidadãos gregos e romanos com suas vestimentas indo na direção de um tenebroso labirinto. Cartazes escritos em "alfabeto de Grécia Antiga" mostravam donzelas típicas, togas romanas e Pérsies conversando, fazendo, fazendo, com Dona Benta, Narizinho, Visconde de Sabugosa e Emília. Mais adiante, o Cardápio Livino (agiotas, mas, vinho, néctar, suspiro dos deuses, ambrosia, pomo da discórdia, co-brinhas fitas à la Medusa, licor, manjar dos deuses) evidenciava-

na o espaço do "Museum". (76) E no Cantinho da leitura, e-
moldurado, o filotaurer comendo os bolinhos da Via Pastácia.

"Ai, estamos excitados. Deixa a gente entrar!" (T. 132)
E entrando, a frase linda - ressurpensa: "A biblioteca parece um
camaleão." (T. 132)

No dia 4 de março, um novo cartaz (77), e eu,
pasta em sossego.

3.6.1 OS MITOS, AS HISTÓRIAS, A HERANÇA

Como no começo, eis-me no pátio.

Empurrando o carrinho, falo com todos, mostro hape-
la. Meu coração, trêmulo, procura captar. É festa junina e
as sinhas chiquinhas e os zés manés se apostam do meu futo e
levam-na para mostrar a Biblioteca.

Ave, César! me obrigam a dizer e entraros e conversar como tudo foi nestes quatro meses de nossas viagens.

Dezenhos infantis sobre as fabulas de Esopo espitam as paredes. Olho em volta, vejo Medusa, mas ela nada me responde. As crianças se achegam e, no calor de suas mãos e olhares, tranquilizem-me: eis-me de volta, posso ficar.

Você recupera, neste julho de férias, a trilha interrompida. Tece planos, muitos planos com os deuses. E fingi não sentir o incômodo sentimento de alívio (a proprietária que recuperou suas portas?). Briga, luta para que a vaidade (ou o medo?) não a cegue. Assim como com sua filha, precisa (de verdade) compreender que é a mãe, sim, mas que, dando à luz, deu a luz (semerase) e elas seguirão em frente - com você ou sem você. (Falta de preparo profissional que nos leva a considerar o que é de todos como nosso, murros contra nossa lucidez? Tanto que não foi feito, que quando algo é feito, fica difícil resistir à tentação da soberba, do eu que fiz, do é meu, do se não fosse eu?... E nenhuma das reflexões - eu sei da vida acadêmica, eu sei do próprio refletir - nos prepara de fato para

sta difícil situação que tanto mecedeuos até de nós mesmos.)

Lá na biblioteca tudo quieto, limpinho demais, e o bibliô - você fica sabendo logo na primeira aula do segundo semestre - ainda é desconhecido de muita gente nova na escola ("é para botar a bíblia" - T. 113). Longo trabalho de recuperação? Os deuses virão em seu auxílio, poder erer.

É preciso sentar de novo e falar de novo. Você pede ao Major, da carpintaria, um "caixote mágico" (a japonesa da quitanda na rua do lado contribuiu doando as madeiras das caixas de maçãs): das suas diversas repartições, você vai tirando papizinhos com o nome de deuses e trechos pequeninos de suas histórias; vai tirando a Hidra e suas cabeças, Cérbero e Caronte, feitos em papel machê; vai tirando e perguntando a você mesma, em voz alta, enquanto as crianças - agora atentas aos gestos misteriosos daquela mulher - vão, pouco a pouco, perguntando também. Cadê a mitologia que estava aqui? Cadê a Discórdia, aquela que jogou o pomo no meio da festa - e fez todas as deusas brigarem entre si? Cadê Zeus, está sentado lá no Olimpo? Cadê Ixión? Cadê Prometeu?

Cadê o Minotauro, algum herói conseguiu vencê-lo lá no meio do labirinto? Cadê Narciso? Ainda olhando-se no espelho? Cadê Caronte, atravessando mais almas pelo Estige? E Cérbero está acordado? Levantando suas três terríveis cabeças, pronto para atacar quem quisesse passar pelas portas do Hades? Polifemo, cadê Polifemo? Ulisses já o derrotou e ele corre pelas montanhas gritando, com o único olho vazado pela lança: Foi Ninguém! Foi Ninguém! ? Que história é esta aqui que tem umas Serpentes correndo e um herói amarrado, gritando aos seus soldados, que não o escutam porque estão com os ouvidos tapados com cera de abelha? E que história é esta aqui que tem um homem com asas de pássaro; ele voa perto, tão perto do sol e... as asas estão derretendo! Aqui, aqui, aqui tem uma história de uma mulher amaldiçoada por uma deusa ciumenta e que tem serpentes vivas na cabeça! Cadê esta mulher? Cadê as duas máscaras que estavam aqui - uma que ri e a outra que chora? Cadê os monstros da mitologia? Cadê a mitologia?...

Atiradas pelo mistério, pelo desejo do que pode vir a ser, as crianças cooperam, (re) lendo a Biblioteca para os outros e para si mesmas: "O bibliô, gente, é o secretário da Biblioteca da Sanei" (T.143); "é para carregar livros" (T.143); "é para colhar os livros que a gente lê e para botar lá"

(T. 121); "É a cabeça de César. Dentro, é a cueca de César." (T. 132); "é uma cidade da Opúcia" (T. 122). É, à piedrinha que recupera o tempo operador do ano passado — "é para levar sangue" (T. 131) —, acrescentou a resposta-indagação "cadê o TÊCA?" (T. 142), compondo a Bi-bli-o-te-ca para retornarmos a viagem.

"Ave, César?" diz baixinho D. Célia, enficando a cabeça pela porta entreaberta, segurando nas mãos vassouras e panos e pás. Somos surpreendidos no meio da aula e caímos na gargalhada. Levanto e vou falar-lhe que volte daqui a pouco. Abraceço um abraço apertado demais e D. Célia diz, tímida: — Estou tão suada... Então, respeitosa, limito-me a sorrir e pensar: Ei, você, D. Célia; ei, você, bibliotecária.

Kuquanto isso, lá dentro, crianeças misturam-se aos livros, aos mitos, aos heróis, aos deuses.

Pois. Tensei bastante esperando o reencontro em agosto. Levi os cadernos do início do ano, as anotações. O planejamento? Refazer. Sinceramente falar nos deuses, que são um

facínio, e, conforme a "necessidade" ir converteendo sobre uns e outros, Anteo etc. e tal. Deuses: perfeição e defeitos humanos; simbolizavam também fenômenos da natureza; a questão da humanidade (78); os símbolos exacerbados? Deuses: o que as crianças aprendem disto? "Os deuses não são de nada. [Os homens?] são uns stúpidos" — o que esta frase me estará querendo dizer, ó Zeus! ó Minerva! Com a percepção dos monstros (seu "lado de fora" seria eu não semelhante ao "lado de dentro"?); de posse da idéia sobre os reis e o poder por eles representado; dividindo a luta eterna entre o Bem e o Mal até agora; estariam, então, as crianças com este conhecimento já apreendido? Poderia partir do princípio de que, assim, o entendimento de que os deuses gregos são feitos à imagem e semelhança do homem, por que o Bem e o Mal estão é dentro de nós?

Com nenhuma destas indagações respondidas, é claro, parti para um submundo do Olimpo e seus ocupantes com o assunto da "primavera azul". Encontrando na literatura muitas vezes essas descrições, transformava-as em palavras corajosas de mistérios, de intenções, às quais acrescentava caracóis e boças e um interesse apaixonado. Deste modo — "Olimpo — monte de luz", serra que atinge 2.973 metros de altura, entre

a Macedônia e a Tessália. Durante 9 meses, num ano, seu cume permanece coberto de neve. Na mitologia grego-latina consideravam-no a residência dos deuses. Tem hoje o nome de "E-limbo" — era sumariamente descartado em nome da cumpresão infantil, pelo novo. E virava (em anotação notando na do "papo" que seria instigado): "Olimpo — o povo grego da Antiquidade [...] acreditava que seus deuses [...] moravam no monte Olimpo [cartaz n.º 1]. Este monte existe de verdade: fica ao norte da Grécia, pertinho de um lugar chamado Macedônia [cartaz 2; falar com Integração Social, com professoras sobre os temas que ainda não desenvolveram a percepção espaço-temporal]. Tem uma altura colossal, é a maior montanha da Grécia. Lá em cima, no seu cume, é rodeada de nuvens. O viante [...] que vinha do mar sentia, realmente, um temor respeitoso ao ver o majestoso colosso de pedra recortado contra o azul do céu. Para eles, aquela era a montanha mais alta do mundo, mesmo porque era a morada dos deuses [cartaz n.º 3]. O poeta Homero [...] dizia que o Olimpo era rodeado de um ar puro e uma branca claridade, onde os deuses conviviam e viviam uma felicidade tão duradoura quanto a sua imortalidade [...]"

Cada termo sublinhado, pensaria eu, seria a ponte para explicações, indagações, pausas reflexivas de nós todos. Nos cartazes, a minha imaginação imaginação (era sempre fundamental explicitar isto às crianças), a minha visão plástica do que se falava. Para o cartaz 1, por exemplo, um desenho de alta montanha bem no meio do oceano, com seu cimo rodeado de nuvens; para o cartaz 2, o mapa sintetizado da Grécia e o aviso para inserir a coordenadora de Integração Social e as professoras, já que havia aqui itens de conhecimento do "real"; no cartaz 3 a colagem de pequenas ilustrações, retratos dos doze deuses olímpicos com seus elementos identificadores (Zeus com seu raio, Netuno com seu tridente, Hércules com seu capacete e sua lança etc.) — o que permitiria a relação com os símbolos, sua intensificação numa conversa "explícita" e, como consequência, com o "tema gerador", nosso modo de trabalho.

Do início no "concreto" (isto é, figuras representativas, "homens" e "mulheres" — mesmo que ilustrações —, são muito mais concretos para a mente infantil do que os conceitos — abstratos — que a mitologia me obrigava a abordar), preparava o terreno

para as conversas sobre as abstrações de que palavras como mitologia, mito, deuses etc. estavam preenchidas. Assim, semelhantemente aos povos de que falávamos, as crianças personificavam os conceitos abstratos, tornando-os concretos através da sua representação como pessoas.

Das eram muitos deuses, muitas divindades. Eram tantas! Então, o fio condutor escolhido foi destacar os que eu considerava mais significativos para o mundo infantil (baseada muito na intuição, é claro, mas já tentando anexar aos meus conhecimentos sobre aquele especial universo, o tempo que já tínhamos vivido, convivido; uma variável constante, sendo que a qualquer momento poderia haver mudanças, ocasionadas pelos desejos infantis). E falar nos outros, conforme a oportunidade.

Mais um cartaz, então, para o mural da biblioteca: divindades com seus nomes gregos e latinos (o que ensinava conversas sobre o poderio Romano, aculturação versus domínio, vencedor e vencidos, enfim, questões sobre o poder, como velho conhecedor dos outros temas operados).

Este modo, com destaque imediato para Zeus, o deus dos deuses, foi montado e vinco o esquema seguinte:

1. Zeus (Júpiter): sua história (destaque para o seu nascimento e a forma como destronou Cronos (Saturno), seu pai, fazendo-o vomitar seus irmãos Poseidon (Netuno) e Hades (Plutão), que havia engolido); assim: Zeus (céu), Netuno (mar), Plutão (profundezas da terra). Sua característica de grande "maiorador"; suas metamorfoses em animais para conquistar suas amadas; seus inúmeros filhos (deuses e semi-deuses). Seus elementos: o raio, o sétro, a águia. Na Astronomia.

2. Apolo (Febo): o sol, a luz da vida e da morte; a expulsão do Olimpo por ordem de Zeus: a transformação em mortal. O retorno. O seu templo em Delos; o oráculo de Delos. Em Roma, o seu templo tinha uma biblioteca (!). A eterna juventude. Seus elementos: a coroa de louros, as flechas, a lira, o carro com quatro cavalos brancos. Na Astronomia. Netuno (Poseidon): o império dos mares; seu culto na Grécia, país de navegantes; o temor que ele inspira; suas metamorfoses (ver Zeus); namoro com Medusa. Seu elemento: o tridente. Na Astronomia. Plutão (Hades): o reino das profundezas, dos Infernos; sua fúria, sua solidão; o rapto de Proserpina; sua autoridade audentadora. Seu elemento: o capacete da invisibili-

dade. Na Astronomia.

3. Nereidas: ninfas do mar. Naiades: ninfas dos rios, das fontes. Gracas: Aglaia (a brilhante), Talia (a verde-jante), Eufrosina (a Alegria da Alma) - ver estátua na Praça de Botafogo; mencionar Oxum, Iemanjá. Musas: deusas dos poetas. Maiagnas: mulheres guerreiras; exultadas por heróis - mencionar Jansã. Ninfas: a eterna juventude; sua característica de previsão do futuro.

4. Vênus (Afrodite): deusa da beleza e do amor; seu nascimento; sua presença no Olimpo; seu casamento com Vulcano, o mais feio; sua característica de grande "maionadora"; seu amor por Adônis; seus filhos famosos. A Vênus de Milo. O quadro famoso sobre seu nascimento. Seu elemento: o cinto. Na Astronomia.

5. Faunos (Roma) e Sátiros (Grécia): semideuses mortais, "espantalho das crianças que se divertem em quebrar os galhos das árvores" (P. Courcelin, p. 143); peludos, chifres, orelhas e pés de cabra; a flauta (ver Saci Pererê, Caipora). Usar bolero de lãvel, como no desenho de Dierney, Fantasia (mencionar às crianças).

6. Pã: deus dos pastores e das florestas; pã = tudo, a natureza; alegria, diversão; muito feio, cabeludo e barbudo, tinha chifres e corpo de bode da cintura para baixo; seu maior prazer era estar no meio das ninfas; sua característica de previsão do futuro (vide ninfas); gostava de assustar com um grito selvagem quem passava

se muito fundo nas flautas (isto "pânico") (ver Jaci lererê e seu astorio).
Seu elemento: a flauta.

7. Dionísio (Baco): deus do vinho, da vida; filho de Zeus com uma mortal; guardado na cova de Zeus para escapar aos ciúmes de Juno; criado pelas Ninfas; viveu uma guerra com Ambrósio e um grande cortejo de homens e mulheres, em lugar de armas e soldados; a embriaguez; "Évoé, Baco!"; as Dionizíacas (relacionar com as Trilópiadas). Seu elemento: a taça.

8. Marte (Ares): o "bravo", deus da guerra sangrenta, proz; seu nascimento (de uma flor!); sua voz, seu "gênis"; deus favorito dos Romanos (pai de Rômulo e Remo; poderio bélico); seu namoro com Vênus, o castigo da sentinela adormecida / o galo cantando todas as manhãs; sua característica de ramador, filhos fúrios (os gêmeos de Roma, Remos (o Terror) e Rômos (o Recio) etc.). Seus elementos: escudo, capacete, espada, medalhão da Medusa. Na Astronomia. Mínerva (Pallas Athena): deusa da sabedoria, das Ciências, das Artes, da guerra (vide Marte) e da paz; seu nascimento; sua disputa com Netuno; sua castidade. Seus elementos: Capacete, escudo, lança, medalhão da Medusa (vide Marte), a coruja.

9. Solfeu: deus do sono e dos sonhos; filho do Sono e da Noite; "misteriosamente penetra em nós quando estamos cansados e nos faz esquecer as fadigas, as mágoas do dia, recuperando novas forças"; "estar nos braços de Solfeu"; sua morada. Seus elementos: a boia boleta (!), a papoula (!)

10. Mercurio (Hermes): o mensageiro dos deuses; condu-

zia, ao Inferno as almas dos mortos; Deus da Jala (!) e dos viajantes; o mais ocupado dos deuses; veloz como um raio; seus furtos; sua característica de mau humor. Seus elementos: volta, asas (no pé ou no capacete), caduceu. Na Astrologia.

B) 1. Discórdia: deusa maléfica; expulsa do Olimpo; semie-
confusão, vício; o "pomo da discórdia".

2. Erídias: ambição; o "toque de Erídias"; ventura e des-
ventura; juiz entre Apolo e Zeus; velhas de ouro; suicídio (!). (Sua-
tar com música que Betânia canta, de Cântaro e Yauz; Arab, "Eri-
das"; vide o estribilho - angústia).

3. Narciso: a extraordinária beleza; o adivinho Tirésias
e sua profecia (aqui, usar o "gancho" sobre Tirésias e preparar, mes-
mubar, instigar para Édipo Rei); paixão por sua imagem vista na
fonte; transformação em flor. Leto: filha do Ar e da Terra; vingança
de Jans: o silêncio e a repetição só das últimas palavras das frases;
paixão por Narciso; o deslizar e só restando-lhe a voz.

4. Sísifo: rei; 1.º delação e castigo de Zeus: descida
ao Inferno; enganou a Morte e 2.º castigo; enganou Plutão e 3.º
castigo: rochedo montanha acima e rochedo montanha abaixo; "fábula
de Sísifo".

5. Prometeu: do limo da terra Zeus criou uma criatura
(vide comemoração cristã; vide Frankenstein(?)); liberdade e o sopro da in-
teligência; ida ao Olimpo e roubo do fogo divino para entregar ao

homem; 1.º castigo: expulsão (ver Lóicifer, o "anjo caído"); 2.º castigo: vingança de Zeus: Pandora e sua caixa (veja história); 3.º castigo: atado a um rochedo, a águia devora-lhe o fígado que sempre renasce e novamente é devorado, e novamente, e novamente (lembrar que águia é elemento de Zeus)

c) 1. Aquiles: herói da Iliada (ver Guerra de Tróia); assassinio de Hektor; a invulnerabilidade, o mergulho nas águas do Estige sobro por um calcanhar: o "tendão de Aquiles"; o pseudo filho por Vulcano; sua morte por uma flecha envenenada. (79)

2. Ulisses (Odiseu): herói da Odisseia, rei de Ítaca; os subterfúgios para não lutar na Guerra de Tróia; as aventuras e perigos da volta.

3. Hércules (Heracles): o maior de todos os heróis; seu nascimento; "hercules"; os doze trabalhos (ver bibliopíadas). Os 12 trabalhos seriam os 12 signos do zodíaco, o ano, percorrido pelo sol? os 12 deuses principais do Olimpo? (falar sobre as crenças com os números)."

Neste esquema, uma tríplice divisão que possibilitasse conversas sobre: a - deuses, semideuses e criaturas mitológicas com, muitas vezes, entrelaçamentos entre si, ensejando um entendimento mais completo da cosmologia grega, culminando com a figura do mensageiro, espécie de ponte entre os deuses divinos e os personagens do i-

tem seguinte, os "transgressores", podemos assim dizer; b - criaturas e seus "destinos" impostos pelos deuses, ou apelar dos deuses, culminando com Prometheus, marca do humano confronto, da criatura transgressão; c - os heróis, o desejo do homem comum - os de, alguma forma, deuses, como bem o percebiam logo de início aqueles meninos e meninas ávidos pelo tema: "Um herói é aquele que consegue vencer os obstáculos" - Mônica, T. 132; "é quem vence coisas impossíveis" - T. 121; "quem, em toda lenda, vence um monstro. Um monstro não, o Mal." - T. 132; "Ah, um dos nossos 12 trabalhos vai ser ir à Grécia Antiga tirar o rochedo que o Hércules levou em cima da Hidra de Lerna. E não vamos de avião, vamos pela imaginação." Diego, T. 132.

Ainda, a chance de suavizar o excesso de informações, nomes, fatos, entrançamento dos vários mitos, dando destaque depois àquelas que interessarem mais às crianças. A declarar, entrossim, a covardia em falar sobre os sacrifícios de animais, comuns nos cultos às diversas divindades e heróis, fazendo mínimos comentários a respeito, e bem depressa e com a voz bem baixa. Que também eu tenho minhas lutas com os deuses.

Então, aproveitando a intencionada aproximação da concepção de mundo grego-romana, a mitologia do índio brasileiro nas au-

las requintes. Para que se pudesse verificar as semelhanças nos mitos, um modesto livro à alma humana e em outros assuntos. Um cartaz introdutório, via-se um menino grego em frente a um menino índio, ambos diferenciados (identificados) basicamente por suas vestes; uma lista de deuses e mitos da teogonia indígena; uma coluna incitadora à pesquisa; e pequenas frases informativas:

- Tupã ——— (…)
- Iara ——— (…)
- Guaraci (sol) — (…)
- Iudá ou
Ierudá (amor) — (…)
- Iuhangaí (pro-
tector da casa e
dos campos) ——— (…)
- Caspura (defensor
dos animais) — (…)
- Uiana (protectora
dos peixes) ——— (…)
- Sumé (mensageiro
divino) ——— (…)

* O índio brasileiro, assim como os gregos e os romanos anti-
gos, também tem a sua mitologia.

* O deus mais importante na mitologia indígena é
TUPÃ, senhor dos trovões, das tempestades, do fogo e dos raios

- * Tupã é parecido com Júpiter
 - * na mitologia indígena há deuses "bons" e "maus"
 - * os deuses "bons" protegem a vida, favorecem as colheitas, acalmam as tempestades
 - * os deuses "maus" causam muitas dificuldades aos homens
 - * na mitologia indígena, principalmente, a natureza aparece sempre (por que será?)
- ⇒ Você pode pesquisar mais nas enciclopédias, no Dicionário do Folclore Brasileiro, do Câmara Cascudo, no Manual da Faça & Mine, do Walt Disney, no nosso catálogo. ETC."

Boa conversa foi a que tivemos sobre a formação do mundo como a vimos a mitologia grego-romana, a mitologia indígena e a mitologia cristã. Na comparação, os elementos formadores sendo identificados, surpreendidos, espantados. Faltei-vo: o conhecimento da mitologia africana, constatação das ausências de nossa formação, mas alguns de seus deuses foram mencionados (Orala' seria semelhante a Zeus? Obaluaiê a Plutão? Kungô a Marte? ...)

Destaque para Yara, a zuniã, a mãe d'água, sua lenda; eo boto, seu possível parâmetro com os faunos, sua característica de sensualidade, elemento introdutor do item a

seguir: os "animais" mitológicos.

Que atração irresistível! Sereias (a sedução, o canto, seu papel na história de Ulisses); a Quimera (que, enorme ironia da palavra, vai reaparecer na aula sobre "monstros"); a Fênix (pobre! muito mais do que heroína para as crianças); grifos, centauros etc. etc. etc. Destaque para Lígias, que reaparecerá na história da Medusa. Aqui também o entrelaçamento dos mitos favorecerá as crianças. É a oportunidade de conexão com o folclore brasileiro, especialmente na figura do bumba-meu-boi e sua Zebelinha, relacionado com os centauros.

Enfim, no cartaz feito pelas crianças, resultado de suas pesquisas, apareciam - ao lado das ilustrações de Andrômeda no rochedo, Perseu e a cabeça da Medusa olhando fixo para o monstro marinho; Belerofonte montado em Lígias; Orfeu chorando Eurídice; Zeus, sob a forma de chuva de ouro, visitando Dânae; Hércules e a coroa de pés de bronze; Jasão, Medéia, Édolo, Lóaro; e Piquetão com sua Galatéia - , apareciam palavras de resumo, ou seja, de síntese: "A religião dos gregos, os deuses eram como os homens, com a única diferença que não morriam nunca. Eram capazes de amar e odiar. Acusava muitas vezes de um deus ser protetor de um homem, enquanto outro tudo fazia para prejudicar. Cada deus era dono de

um pedaço da vida e protegia esse pedaço da vida humana. Cada um tinha sua casa, mas todos se reuniam no grande palácio de Zeus, o maior, o rei dos deuses, no Olimpo."

Portanto estão estavam então para as Artes, as Artes, e simultaneamente causa e efeito da mitologia. O mesmo no mesmo introduzia o capítulo com as "Musas: nove irmãs, filhas de Júpiter e Memória; educadas por Apolo; senhoras de todas as manifestações das Artes e da inteligência; muscu, em grego "local consagrado às Musas"."

Falaríamos da Pintura nos vasos e da outra variação que a mitologia e a Grécia Antiga sempre representaram para os pintores de todos os tempos. Exemplo? O "Nascimento de Vênus", de Botticelli. Vasos gregos desenhados em transparências para retroprojetor tentavam mostrar o colorido vermelho e as linhas de equilíbrio numeradas. O convite à pesquisa tornava-se constante.

Na Arquitetura, dois tipos de interesse: um, nos "palácios de Creta (decorados com afrescos, escadarias suntuosas, colunas, portais, pincinas (!), depósitos, escritórios, pátios internos)"; o outro referia-se aos templos, "morada da divindade que nele se acha presente

sob a forma de estátua; os romanos faziam os templos com dimensões
 enormes; os templos mais importantes, como na Grécia, eram cercados
 por muralhas guardadas de altares e estátuas." As crianças con-
 tribuíam até mesmo com pedacinhos de sua própria história. (80) Ex-
 emplo maior, o lanternão foi brilhantemente mostrado com uma ilus-
 tração de obra de Monteiro Lobato que trazia Dona Bentinha nas sca-
 derias, apreciando a magnitude do templo de Minerva. As colunas
gregas, marcas de harmonia e equilíbrio, testemunha da civilização
 grega, e que serviram belamente de ponto de ligação com as aulas
 de Artes Plásticas (81): as crianças fizeram templos gregos de papel
 machê, de cartolina, de barro, e as dificuldades em equilibrar har-
 monicamente as suas colunas serviram de constatação do que se fala-
 va sobre a excelência grega. As janelas, aparentemente prosaicas, des-
 pertaram viva curiosidade, talvez por tratar-se de assunto do esti-
 diano de suas vidas. E pesquisamos, então, e desenhamos diversas
 de janelas, por toda parte do mundo inteiro, de todos os tempos, es-
 piamos a vida e deixamos entrar o sol. Em seguida, as cidades
 e seus monumentos arquitetônicos. Foi assim que, dando uma vista
 d'olhos nas obras de referência, deparamo-nos com Alexandria! E
 sua Biblioteca! A oportunidade de tomar um atalho e discurrer so-
 bre aqueles pequeninos, aqueles primeiros biblioteconômicos. Encantamo-
 nos todos com as informações colhidas e nossas suposições acerca do
 passado (comparação com a "biblioteca do futuro" feita como exercício

plásticos durante o tema "Visão Científica"; indagações do tipo "o livro morrerá..."). O "estado de pesquisa", aquele envolvimento curioso em busca do que se quer saber, conduziu, levou-nos à escrita, ao alfabeto, ao papiro, ao escrito. Para iniciar, então, o processo de entendimento sobre a evolução da escrita, foram distribuídas "cartas enigmáticas" (jogo que consistiu em decodificar uma mensagem, escrita basicamente por imagens que substituíam algumas palavras ou partes delas) entre os grupos. A decifração do enigma que era cada palavra logo nos empenhou na discussão sobre símbolos, o que ajudou e foi ajudado pelo entendimento do novo modo de trabalhar através deles, com eles. Na explicação inicialmente feita por mim, retirava de uma "cartela mágica" cartazes com símbolos, sinais, marcas, logotipos conhecidos do universo infantil (por exemplo, logotipos de fábricas de brinquedos, marcas de fábrica de sorvete, de revistas infantis, de editoras de livros para crianças). Do meio destas imagens, as que identificavam até agora, nessa biblioteca foram imediatamente reconhecidas, os alunos antigos dando grandes explicações aos novos (me vi dada para "concertar" a explicação de um aluno que atribuía intrincadas semelhanças entre a "máscara grega" e uma certa libholicária), exigindo conversas sobre a relatividade ou não dos símbolos, sua apropriação por parte do emissor e/ou do destinatário da mensagem, o "ruído" da comunicação etc. eci-

ta e tal, numa rica aula sobre a Comunicação humana. Houve, naturalmente, o encaminhamento das discussões para o conceito de Biblioteca e Museu, agora não mais somente guardiães da cultura humana, porém transmissores, multiplicadores, possibilitadores. (gostaria de ter a chance de juntar às crianças os alunos de Introdução à Bibliotecologia, Produção dos Registros do Conhecimento e tantas outras disciplinas de nosso currículo, para, no mínimo, tornar nossas informações mais divertidas, mais prazerosas. E, portanto, mais facilitadoras de conhecimento).

Na Escultura, ênfase para as estátuas de mármore, destacando primeiro a representação dos deuses nos templos, para ligá-las ao elemento religioso da arte grega. Depois, a perfeição autônoma, a harmonia dos músculos, a nudez. Estudamos, comparados, a Venus de Milo. E exercitamos no desenho a tentativa de perfeição das linhas do rosto grego. Como passávamos muito pelo bairro onde a escola se localiza - eu, Rafaela e o carrinho - descobria muitos exemplos da escultura caracteristicamente grega pelos arredores. As crianças foram instigadas a considerarem seus pais e responderam à altura: fizeram um verdadeiro rastreamento dos "tesouros gregos do Flamengo, Ipanema e Catete", listando-os como um belo guia turístico do Rio de Janeiro (estátuas dos jardins do Museu da República, colunas da igreja do Largo do Aflhado, esfinge do portão do Largo Quinle etc.). Ficou para depois um planejamento com a área de Arte grega social, que

se proferia como *ómnis*.

A Música grega deveria ser conjecturada através do uso da "flauta de Pã", da "lira de Orfeu" — objetos expostos no novo *Museum* —, da visão de Orfeu desvendando os animais e acalmando a Natureza com sua música encantadora, e do estudo da letra de "Mulleres de Atenas" de Chico Buarque e Augusto Boal, chegando-se de prova fática e, portanto, profunda, ao conhecimento das mulleres daquela civilização (com o auxílio do estudo do discurso fático através das diversas rimas para a palavra *Atenas*: "serenas", "sirenas", "morenas", "morenas", "uilenas"; "penas"...). Rosa, uma das mães, estudiosa de língua e literatura gregas, discutiu com a Bibliotecária a visão ainda machista do assunto. Mas os versos "mirar-se no exemplo daquelas mulleres de Atenas / secam por seus maridos, o galho e raaça de Atenas" já tinha sido prechido pelas crianças como um duelo entre o que se diz e o que se pretende dizer, principalmente pela metáfora do termo "secam" num contraste com o verbo mirar-se que quer dizer, inclusive, refletir-se (pensar-se). Portanto, não tivemos muitos conhecimentos sobre a música original, grega, assim, plátemos sobre a possível herança. E dela conseguimos alguma luz.

Para estas questões, mas agora pela visão romana, conversamos sobre a arquitetura, excelente manifestação artística, falando sobre as cidades e as catacumbas (informação trazida por Cláudia, da T. 131, e rapidamente, como um castilho, espalhou-se por todos). Como exemplo da cidade romana, Pompeia, a que foi destruída (?) pelo Vesúvio; e, como exemplo arquitetônico, o Coliseu. Misteriosos bráquios meus que nos encaminharam para o estudo de uma civilização através somente de seus aspectos de ruína e morte. (Estávamos na vertente dos que desprezavam a civilização romana pelo que ela significou à cultura grega? Viamos com tapa-olhos? Se sim, "culpa" da bibliotecária, de certo) Como exercício, a pergunta "Por que morrem as cidades?", ao lado das atividades solicitadas à disciplina de Artes Plásticas (construir as ruínas de Pompeia, Cartago etc. em barro), mostrou riquíssima, pois oportunizou conversarmos sobre... "Guernica", de Picasso (!): os horrores da guerra em todos os tempos, a destruição das civilizações, das culturas, o sofrimento, a dor, a "ressurreição" através da Arte, a linguagem artística que, utilizando elementos "comuns" (o cavalo, comum às civilizações grega e romana e os cavalos de Picasso), transcende, aprofunda, diz, e, dizendo, possibilita o real conhecimento.

Para a música, na versão romana, sua representação através das trilhas sonoras de épicos hollywoodianos como Ten-Hut.

O capítulo sobre Costumes subdividiu-se em: alimentação (pesquisas sobre a videira, a oliveira, o uso do mel etc.); habitação (a casa; os caldeiros - sua ligação com as divindades -, os alçobates; o mobiliário - grande foi o interesse despertado pelas cadeiras!); os soldados (seu instrumental de luta e conseqüente transformação em instrumental dos jogos, do esporte: clava, arco e flecha, dardo, as quadrangas); os esportes (que seria aprofundado no projeto Bibliopíadas); as festas (sua origem religiosa e sua evolução pagã); as vestimentas (que virou um capítulo à parte, dado o interesse despertado. As túnicas, o manto - que assume a condição quase de insígnia, o "qui-ton", traje para ambos os sexos (quanto "papo" despertou), as jóias, as botas semi-abertas, as sandálias, o andar descalço (que proper curir sobre isto! Olhinhos maliciosos se preparavam para a argumentação futura quando fossem exortados a vá se calçar, menino! Que usaria de andar descalço!...), os penteados. A bouquinha de papel, rosa companheira desde o início, pulou cerca de leuros, sandália de tiras amarradas na perna, vestimentas enfeitadas com gôças, cintos variados e um manto.

Agora deveríamos estar prontos para o entendimento da civilização grego-romana. Então, "obedecer" ao esquema traçado no caderno (é claro que delimitando um primeiro contato e, possivelmente,

mostrando uma visão ingênua). " A) Grecia - o mapa (destacar o relevo, os mares Mediterrâneo e Negro); o mar ("zaída"; o comércio (artesanato); as guerras); a família (elás): o homem, a mulher, a criança; Esparta e Atenas; as guerras; o cavalo - muito mais nas guerras do que na Agricultura; a pólis (Acrópole; água; porto); Hé-lade → helenos; o aparecimento da escravidão; a religião (mitos, práticas religiosas); os filósofos, os historiadores (Homero; Filosofia ≡ Ciência; Filosofia - a Natureza); os bardos (≡ trovadores da Idade Média; o bardo em Astérix!; lendas de Homero). B) Roma - o mapa (a "bota"; o relevo; o mar); Rômulo e Remo; a Agricultura, o comércio (artesanato); a escravidão; as famílias; a urbs; as leis (o Direito); Meenas; Roma e Cartago; as legiões romanas; o Império Romano; a influência dos conquistados - aculturação (mencionar uma fusão de índios, brancos e negros); o Cristianismo (enquanto duelo entre escravidão e liberdade)."

Como medida avaliativa, a encenação feita pelas crianças representando Homero (tal qual um Tirésias!) contando a um bardo, para que ele "espalhasse aos quatro cantos", como seria a história e a disputa entre as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, num roteiro semelhante ao que ele tinham captado, com substituições e acréscimos que faziam inveja ao melhor historiador.

De todo este contato, construímos juntos um "Museum" (vide nota 76) — objetos e elementos destas civilizações vistas, mantidos e informados como seus símbolos, num entendimento do que seja uma civilização e do que seja um museu, assim entendendo eu. Eis algumas peças de destaque: pomos de ouro das Hespérides ("quem os provava virava imortal, foi um dos 12 trabalhos de Hércules"); o pomo da Lisírdia; o olho do ciclope (ensanguentado, com a lança de Ulisses do lado); incenso para os deuses; um pedaço do tapete de Psílope; o fio do destino das 3 brancas (a se notar que a criança doadora escolheu uma lã preta e deu alguns nós no fio); ervas ("mágicas"); ambrosia (feita de uma substância estranha, semelhante à "glicia", e que era inspecionada toda manhã para ver se dava "filhotes", compreendeu?); uvas de Baaco (de papier maché, por que não?); garrafa de nictar ("a bebida dos deuses"); a cornucópia; um búzio ("Cuidado! aqui dentro tem o canto das sireias!"); as mãos de bronze e os dentes ("naus afiados que as penas do javali") da Medusa; mordas romanas ("é emprestado porque é do meu pai"); arpitonas cretenses; suspiro dos deuses (que, comprado na padaria da esquina, resistiu só uma semana); uma pena da asa de Ícaro (pobre pauzão branco!); trigo e cevada; o monte Olimpo (em barro, pe-sa-dis-si-mo, que quase derubou como Museum, recorrendo a frase "castigo de Zeus!"); a caixa de Pandora (ainda com um gostoso cheirinho de charuto); a lira de Orfeu; a flauta de Pã;

um óbolo (que Caronte não descobriu até hoje ser uma moedinha trabi na antiga, porque seuão ...); coroa de louros; um paetinho de estereos das cavalaria de Augias (o terrível maguicavelio do doador para ver se eu aceitava - não conhecia ainda o estoicismo desta raça a qual pertence, a dos bibliotecários -; depois, a revelação: raspa de bolo de chocolate que a mãe tinha feito, misturada com terra, água e mostarda, sem um livre!); a tábua que Netuno pintou o mar; as 12 Tábuas da Lei de Roma; o caduceu; uma sandália romana; um fio do cabelo da Medusa (nossa cobra de laboratório); outro fio do cabelo da Medusa (uma centopéia resequida); pedras das escavações de Pompéia; um papiro da Biblioteca de Alexandria. Todas essas peças museológicas, feitas muitas vezes em papel maché, em folhas laminadas, em sucatas, lembravam-nos a todo momento, ali na nossa Biblioteca, aquele mundo revivido. Nosso tema gerador.

E porque para aquela civilização o teatro era fundamental, fomos a ele. Foram motivos de conversa: sua origem nas festas inicialmente de cunho religioso - as dionisíacas (possibilitando-nos todo um paralelo com os jogos, as olímpiadas, as nossas Bibliopiadas); o anfiteatro grego e o Coliseu de Roma (suas arenas); o papel do ator - embaixador das musas e das negociações diplomáticas; as emoções descritas pelo texto e o uso das máscaras (que, pelo interesse suscitado, tornou-se um capítulo à parte), do coturno; a função primeira de

catarsis da Trágua; o "estar em face dos deuses"; a força do destino (Moira), da fatalidade; a culpa e o castigo; a dor. Rosa, mãe do Artur e da Teresa, honramente contribuiu selecionando trágias que considerava capitais e fornecendo uma análise sucinta das mesmas para que a biblioteca pudesse trabalhar com elas. (88) Édipo e Medeia foram escolhidos, então, como parâmetro para o herói trágico. Que horror e pânico diante daquela mulher atirada, daquela feiticeira e sua dor, e, face ao infanticídio, o grito - Mas, por que? Por que as crianças? -, traduzindo a perplexidade diante dos deuses que nada fazem assim como antes, assim como agora ("por que não ajudaram, não são deuses?" - T. 141; "igual ao pobre que bate no filho porque não trouxe dinheiro pra casa, porque não tem emprego e a mulher e as crianças ficam apertando" - T. 141). Medeia, confundida e identificada com Medusa (as duas, vítimas e algozes, "monstros", como as crianças já desodificavam); Medeia, a errante, a seu passo, seu desejo. Como Édipo. (Quanto a Édipo... Ah! isto é um outro capítulo.) Porém, ninguém conseguiu, no "Projeto Traduzindo" (que objetivava incentivar na criança a criatividade, através do trabalho com as linguagens artísticas, especialmente a cênica), ninguém conseguiu escolher dramatizar a história de Medeia, porque "não sei, mas acho que é por causa daquele pedaço das crianças, é demais, é horrível, não consigo" - T. 141. Não poderíamos entender, assim, como uma avaliação?

Máscaras, persona. Mistério sedutor, porque nos meanti-
 nha aos pensamentos sobre nossa identidade. Mea culpa (até um cer-
 to ponto!), pois este é um dos meus assuntos queridos: há de ter "sai-
 do pelos poros" esta minha paixão. (Mas não só minha: alguns olha-
 res eram de interesse despertado, mas, outros, ah! não sou ego!, eram
 de... imanação transcendental — por que não "delirar" com as palavras,
 se é exatamente isto o que quero dizer?) Tinha-me iniciado esta ques-
 tão, acho agora, com o blaquelundum, no Mundo do Terror. Pois
 ele nos forneceu momentos de conversa sobre o que poderia estar es-
 condido atrás, detrás daqueles olhos diabólicos, daquela boca escar-
 ruinha, daquela maquiagem verdolenga. Quem se escondia ali?
 E ali, respondendo, sabendo quem era, quem escolhera aquela máscara
 e não outra, não poderíamos deduzir como era "por dentro" aquela
 pessoa? Seus sentimentos, seus desejos, suas coragens, seus medos?
 Seu modo de ser, seu ser, enfim? Portanto, o cartaz com o jogo
 de palavras pode muito bem aparecer no mural, que as crianças sa-
 biam do que se estava falando: "A MÁSCARA esconde a face
 da pessoa. O ESPELHO mostra a face da pessoa." Tanto sabiam, que
 me mandaram colocar um ponto de interrogação ao lado dos verbos.
 Pois as crianças — danadas! — intuam o fantasma entre estes dois e-
 lementos: a máscara, o espelho. (Hoje, enquanto meovo e respondo aqui
 e ali a curiosidade de Kapela (que há um ano atrás exatamente, enquan-
 to nascunhava este trabalho fazia oito anos, e hoje, enquanto "passo

a lição", prepara-se para mais um aniversário), tendo sua corroboração de que a memória não me traiçoa tanto assim; ela, aos oito anos, ao saber deste trecho que me fazia suspirar e suspirar, tomar cento e dezesseis copinhos e fumar cento e dezesseis estragados Charms, ao saber destas pérfidas e incorregidas palavras, diz: "Mascarar não é só tapar a cara, mascarar é também mostrar o lado de dentro, você não diz que o teu síndico era um mascarado?" - lançando-me de vez no poço sem fundo da semiótica. E lá vai ela embora para suas bonecas, certa de que ajudou esta pobre mãe a provar ao mundo acadêmico que não conta improbabilidades sobre crianças.) Sem braços de Medusa e seu espelho (mas, como mostrar o lado de dentro de um ser que está escondido pelo lado de fora, ou seja, por sua feitura - sua feitura externa sendo como uma máscara veladora do seu lado de dentro; assim como com Frankenstein, não é?); lembranças de Flóres e sua imagem-edução e de Drácula e sua não-imagem ou imagem-não ("Ah! é porque ele não tinha o lado de dentro!" - T.133). Escutando-nos no labirinto da biblioteca, Borges e sua (im) possibilidade de ver (n) o espelho a máscara, a imagem.

Para estimular a apreensão dos conceitos, além das ricas conversas, transparências com ilustrações sobre o assunto; cartazes com os "produtos" e motivos de pesquisas: "Na Ásia, a MÁSCARA tinha sempre um papel religioso. Na Grécia os mortos levavam MÁSCARA. Mas só os homens; as mulheres eram, na maioria, enterradas com o rosto des-

coberto. No Egito, os vivos não usavam MÁSCARAS, elas eram só
 para os múmias." ; entãzes incentivando, instigando à reflexão:
 "O capacete do guerreiro seria uma evolução da máscara de
 guerra?" "Por que o carrasco que executa a pena de morte
 aparece quase sempre com uma máscara escondendo toda a cabe-
 ça?" Ou compendo-se das perguntas infantis: "Existia de cara-
 mento? Existia máscara de se unir? - 3ª série". Exercícios com
 a máscara "vazia", na qual as crianças desenhavam expressões so-
 licitadas, tradução de sentimentos diversos, tais como: raiva, riso,
 pranto, desprazo, dúvida etc., uma tentativa de imitação das
 máscaras do teatro grego, de sua função. É a "aula" - delícia
 em que esta bibliotecária que vos fala aparece com a cabeça co-
 berta por um saço de papel, desde a porta de entrada, e fez
 vários tipos de vozes para diferentes situações: Sentem-se já-já no
 Cantinho da Inquiria! Quem poderia me ajudar a pendurar estes de-
 senhos? Vou contar uma história muito terrível... Duma concreta
 demonstração de que a voz, a palavra, o verbo são tão mágicos
 quanto a máscara, que até mesmo podem substituí-la. (Ou seria
 exatamente o contrário?)

Iniciou-se também com este assunto, a propagação
 das "apostilhas", reunião dos tópicos já conversados e que eram

considerados mais relevantes. (83)

As histórias e exercícios iam acontecendo, alguns já programados, outros ganhando vida, e sendo necessários conforme os direcionavam as crianças. Com o ímã das histórias, a biblioteca atraía, era assim: uma entrega. Por isso, desde o começo pretendem-se utilizar as narrativas como ponto-chave deste tema tão rico delas. (84)

Quando foi contado o mito de Prometeu, um personagem despertou muito interesse e foi preciso a promessa de voltar a ele, para que o fio da meada do momento não se perdesse: Pandora. Lecturando-se sua semelhança com Eva e o papel de provocadora de transgressão, foi percebida, da mesma, como autora do pecado (abrir a caixa e deixar escapar os males, flagelos da humanidade) e, portanto, passível de castigo. Entendiam que "caixa de Pandora" designava aquela que a possuía, que era a dona (não a que tinha somente trágico) e, logo, sujeito da ação, do crime: assim sobre ela deveria cair a punição. Aqui aconteceu o duelo, revelado tão cedo, entre meninos e meninas. Duras acusações provinham da compreensão de uns e outras sobre ter sido ela ou não a infatora. Era interessante observar o julgamento infútil para

Epimeteu, para Pandora, pois nele estavam contidos muitos (po) conceitos que ajudavam a compreender meu currículo, sua formação para a vida, as influências benéficas ou os perigosos de que era alvo. (Este duelo, por sinal, estaria à flor da pele durante o tema Lomance, dois anos depois.) Como atividade proposta, além da confecção de "caixas de Pandora" nas aulas, junto com Peter, uma enquete sobre quais os males que gostariam de resolver na caixa antes de tranca-la para sempre. O resultado obtido foi levado ao S.O. R. para reflexo do intercâmbio entre nossas duas áreas, diretamente envolvidos que estávamos com estas questões filosóficas. Muitos diversos foram "trancados", tais como: fome, abandono de crianças, doenças várias, pobreza, poluição, desmatamento, provas de Matemática, times facetas de futebol, ninho de avóia, um ou outro de nós com quem estavam zangados, o prep da cantina etc.

Logo a seguir, falamos dos argumentos. Heróis típicos, intensificaram com suas aventuras a ansiedade para conhecer os dois poemas épicos de Homero, especialmente sua Odisseia. Revisamos, nesta coleção de peripécias, Hércules e Ulisses e reintroduzimos com Orfeu, aquele cuja arma mais poderosa era a música; Orfeu que reunem trancamos num tema operador mais adiante. Lili foi a inspiração para o cartaz — "Uma coisa pode ser utilizada para o BEM ou para o

MAL. Sepulchro de quem a usa. A lira foi tocada por Orfeu para adormecer Cérbero, o cão dos Infernos. A lulya da melodia venceu o monstro. A lira foi tocada por Nero enquanto Roma ardia. O horror do incêndio da bela cidade era celebrado ualdosamente pelo imperador" —, derivado de conversas sobre quais os elementos que constituíam um herói.

Escrevia em relatório para o CPs do 1º bimestre do 2º semestre que "o tempo é pouco para as histórias por causa de tanto interesse, de tantas perguntas. As crianças discutiam sobre o uso do tempo na biblioteca, não querendo sair quando o tempo terminava, fazendo tentativas de soluções, como a que se solidificaria no ano seguinte, representativa por demais do tema então trabalhado: quando eram histórias longas, eu as dividia em duas "aulas" (ou mais) e parava num trecho bem instigante, murmurando para a turma em suspiro: "Aguardem o próximo capítulo!" (shuuu!)

Chegamos, então, às histórias de Homero. Uma pequena introdução foi feita para que ampliassemos nossa percepção sobre o poeta, a sua fala e o objeto do qual falava. Tópicos de amplitude geral foram abordados para que, através desta visão cinematográfica, pudéssemos depois distinguir melhor o clou-up representado, num certo sentido, pelo texto. E, no contraponto do aprendizado, pudéssemos — a partir dessa tomada-

voltar-nos à grande angular que nos permitiria a compreensão. Um a-
 paulado do que se pretendia falar com as crianças foi passado à
 boa parte da equipe docente, desde o ano anterior, para que, assim como
 a biblioteca, os professores pudessem ler sobre os itens a abordar. (10)

Nestes rascunhos anteriores, de preparação do assunto, equan-
 to pesquisava e escrevia, aprendia as belezas da Literatura e torcia
 para conseguir interligar o papel de guia da biblioteca naquele mun-
 do que víamos peregrinar juntos, através do tema gerador. "Fazer um
 paralelo entre homens e deuses; falar sobre as batalhas e as vitórias
 que eram relatadas e passavam de pai para filho nas longas nar-
 rativas que mesclavam o relato de fatos realmente acontecidos com
 lendas, com descrições de lugares e cidades, de costumes; falar sobre
 os poetas (seu valor perante o povo e perante os governantes). Os dois
 textos principais: a Iliada e a Odisseia - poemas épicos; Homero.
 A epopéia ("poemas longos em que se faz a narração de ações grandio-
 sas e heróicas. ")."

Alguns exemplos básicos já podiam ser feitos:

1. " Iliada (Homero) — Grécia
- Odisseia (Homero) — Grécia
- Ramajana — Índia

Eneida (Virgílio) — Roma
 Caneão de Rolando — França
 Paraíso Perdido (Milton) — Inglaterra
 Divina Comédia (Dante) — Itália
 Jerusalém Libertada (Tasso) — Itália
 Os Lusíadas (Camões) — Portugal

MUNDO ANTIGO

MUNDO MODERNO

O Uruguai (Paulo da Gama) — Brasil
 Henriáda (Voltaire) — França
 A Lenda dos Séculos (Victor Hugo) — França "

2. " Epopéia = épos = palavra, verso, discurso
 +
 poíeo = fazer

- . tem início, meio, fim
- . a forma de literatura mais antiga
- . os heróis das epopéias eram os heróis reais

mais de cada povo e o resultado de sua história e de sua fantasia
 . conta, geralmente, um acontecimento histórico que tem sempre um herói protegido dos deuses
 . na uma maneira de ensinar: através de uma história

→ EPOPEIA = LITERATURA
 +
 HISTÓRIA "

3. "A Iliada (1ª obra da literatura europeia) e a Odisseia: os dois grandes clássicos da literatura grega

. Iliada, Odisseia - 1.º) por transmissão oral
 2.º) escritos em pergaminho

. Iliada, Odisseia - Homero contava uma ação do herói, depois os cecos, os bardos (ou o povo) iam acrescentando outras ações na história."

À preparação dos cartazes, juntara sempre sugestões de trabalho para a biblioteca substituta (86). Naquela momento, usei bastante a obra O herói, o mito e a epopeia, de Luís Toledo Machado, as edições dos Clássicos Cultrix (para a Odisseia) e Clássicos Jannier (para a Iliada), as mais belas histórias da mitologia, de Sérgio T.

Faendo e Mitologia grega e romana, de P. Courmelin.

Assim, plausos de Homero e da Guerra de Tróia para introduzir as duas grandes histórias — o "x" da questão. "Pulsas" abundantemente ilustradas com desenhos (copiados e adaptados) — cavalos, soldados em suas vestimentas de luta, domes em ruínas e punhados espadas, em olhares perdidos dentro de elmos reluzentes, naus frágeis enfrentando mares bravos, mulheres guerreiras apontando suas armas, fregues — entusiasmavam principalmente os meninos, que perguntavam, pesquisavam, desenhavam batalhas, exércitos, estratégias. Era a Guerra de Tróia perto de nós, misturando-se ao real e ao lendário, algumas já vistas, como a do "pomo da discórdia". Era o cavalo de Tróia, embasbacando a todos nós com sua artimanha. E, para os incrédulos, a interpretação sobre "Schliemann, cientista alemão, em 1870, suas escavações, sua menor, as ruínas, as muralhas de Tróia." E depois equos nosso aprendizado com as peças de Loua Fenta. Seguindo, foi, e depois inútil apresentado desde a erigite sobre o que esperavam de sua mitologia: "Contar a história do cavalo de Tróia. Ela é assim ou assim: o rei de Loua mandou fazer um cavalo oco de pau para os soldados entrarem em Tróia. O cavalo era um presente para o rei troiano" — 1.122.

Grande batalha acorticia também no momento da adap-

tação de uma obra como esta. Meu Deus! Quem sou eu, hein? Mas se não for assim, como fazer? Hábita e terrível palavra: "adaptação". A solução seria só trabalhar com a dita literatura infantil? Ou seja, na visão mais comum, com aqueles livros de temática espontaneamente dirigida ou emanante do universo infantil? Abandonar o prazer — estético, intelectual, emocional etc —, o prazer possível, porque às crianças normalmente é vedado o conhecimento, o convívio com obras como esta, já que "não lhe são próprias"? Ora, acreditando justamente que a literatura infantil é a literatura como um todo, com divisões somente sistêmicas; acreditando que, assim, todos os temas são temas a tratar com o ser humano criança, e que há é a necessidade de operar intensamente com a forma; reforçada pelo incentivo constante daquela ruminada que me exortava a organizar uma coletânea intitulada desde já e por ela mesmo de "Histórias que os adultos acham que a gente não gosta", lutava para trazer a história até eles. O que, daquele mundo de intuições, deveria ser relevado? Como, resumindo, sintetizando, ainda assim, preservar o toque do gênio, a autoria? O que "retirar" em nome da facilitação do entendimento, em nome do tempo de concentração da atenção infantil, em nome da organização de um esquema de trabalho? Em última análise, o que "deixar de fora", mesmo que houver o constante convite (explícito e implícito) do contato direto, pessoal, de cada um com a obra? Por entender que

no discurso do profissional bibliotecário, do educador, portanto, as palavras ganham o "peso da verdade" (o trabalho com crianças tem esta característica um dos mais fortes motivos de responsabilidade), havia que tomar um cuidado redobrado com o que seria dito e com o que seria relegado (pelo menos de imediato, no processo de contar a história), pois a ausência — neste momento — poderia significar, leus no livro, um erro de bomenos importância, aliando — quem sabe — o que deveria ser engrandecido.

Procurando um modo que permitisse contar a história num tempo e linguagem condizentes com a criança, adotaram-se, ao mesmo tempo, mecanismos que possibilitassem entrar a exclusão do discurso poético geral, daquele discurso poético em particular, tais como: contos, com relações entre o real histórico e a ficção; com relação de personagens e alguns de seus pontos significados (acatando, obviamente, aqueles significados trazidos pelas crianças: uma sereia desenhada contando "do ré um fa sol lá si" e um homem na água não são representativos suficientemente?); exercício de busca de palavras que compusessem uma rede de sinais que nos encaminhavam para a percepção de símbolos significativos daquele discurso, da compreensão depreendida dele (por exemplo, a palavra mar e sua "rede" captada num capítulo da obra, que era distribuído em xerox para a turma dividida em grupos — ao mesmo tempo, mostrando somente as páginas em questão e apontando tais termos); observação so-

bre a estrutura narrativa, sobre a construção dos personagens, sobre a linguagem escolhida. E assim por diante, procurando, constante e ardentemente, construir a ponte (um pedaço dela) entre a literatura e a criança. A biblioteca como a estrada de tijolos amarelos.

Buscando ampliar a percepção sobre a epopeia, foi narrada também a Enéida, de Virgílio. Sua forma e conteúdo servindo como ponto de contato, ou demonstração, da influência da literatura, da cultura grega na formação cultural de outras civilizações.

Como medida avaliadora mais imediata sobre os objetivos terem sido alcançados, lembro aqui a intervenção das crianças pedindo que se contasse histórias da Bíblia, significando, no meu entendimento, que elas tinham se apercebido das causas subjacentes ao tema gerador. Após relatar duas destas histórias (Daniel na cova dos leões e Davi e Golias), e sem deixar escapar a oportunidade de fazer pontos de convergência entre esta mitologia e a de que tratávamos,izei o privilégio de trabalhar com aquela cujo infante para a Sanezi do S.O.R., que naturalmente estava muito mais preparada para se embrenhar naquela estrada.

Os exercícios, as atividades, resumos de início, pirâmide

parte, afinal, do planejamento numa quantidade suficiente, mas não exagerada — pretendia-se — para solidificar as novas informações de cada tema gerador (porém, não se perdia de vista que a função era o caminho adequado, sempre). Foram acrescentados, alterados ou motivados pelos autores inputs. Aparecerão mais comumente neste trabalho separados em diversos momentos, mais eis aqui três exemplos que poderão servir de amostra para se avaliar sua intenção primeira de subsidiar progressos ao tema gerador:

• "O jogo do Olimpo:



À semelhança do jogo da amarelinha, conhecido do universo infantil, a criança vai saltando, com um pé só, de obstáculo em obstáculo, até chegar ao Olimpo, de onde sairá vencedora. Era

cada quadrado, deverá identificar o deus e seu nome grego ou latino, conforme o caso. Da identificação farão parte uma síntese do mito e, principalmente, a menção dos seus elementos essenciais, ou seja, seus símbolos. As três etapas "do mal" - Caronte, Cérbero, Hades - não deverão ser pisadas, caso em que o jogador deverá sair do jogo e começar tudo de novo. Menção: a) sorteia-se quem vai começar; b) "plúvio" aos vencedores: uma coroa de louros; c) e todos saudarão o vencedor: "Vale, César!"

• "Levar em transparências para retroprojetor os vários deuses com seus elementos identificadores, seus símbolos. Dividir a turma em dois grupos. Projetar os desenhos. Cada grupo deverá escrever num papel o nome do deus e do que é divindade (por exemplo: Netuno, deus do mar). Aquilo grupo que somar mais pontos será o "campeão em mitologia"."

• "Mostrar ilustrações de quadros de pintores famosos sobre temas mitológicos; conversar, apontar detalhes." (Aqui, lembro de alguns risinhos marotos à vista do "Nascimento de Vênus", e, a observação da turma na aerea da expressão triste do ciclope Polifemo em outra tela, e um dos colegas dizendo: "Pauze desenho de criança".)

Chamariz também utilizado para a reconquista do 2.º semestre, a "aula" sobre os monstros estava sendo há muito preparada.

Foi divertido e inspirador confeccioná-los em papel machê e foi instigante e enriquecedor pensar sobre eles. (87)

De posse dos bonecos, deliberadamente temerária e misteriosa, falava — por que negar? — dos meus assuntos. Usava caras e bocas e vozes para dizer daquelas personagens avassaladoras, radicadas em suas crenças e simbologias. Conversas e mais conversas, opiniões, dúvidas, ansios: "[Caronte] é castigo pra ele porque ele era mau. Morava no Inferno" — 1.121. Habitantes constantes do nosso mundo, apenas com outras roupagens, os Titãs, as Górgonas, as Fúrias, as Erínias, as Hárpias, o Sono, a Noite, o Tormento — o mal em suas diversas máscaras —, possibilitando-nos a catarse e, tão fundamental quanto esta, a "compreensão" sobre o lado da sombra e o lado da luz — primeiros passos para nosso entendimento do humano, de nós mesmos. A "individualização".

Uma ilustração publicada no Journal do Brasil mostrando um mitólogo e sua incrementada noção levou-nos a conversar sobre os Centauros dos dias de hoje; o conhecimento sobre a Hidra de forma e sua característica de regeneração, além da "morte", impulsionou a vinda de uma estrela do mar e de uma lagartixa. E, como não sabíamos, fomos conversar com os professores de Ciências para que eles nos dissessem se é verdade mesmo que, se uma estrela do

mas perder uma parte de si, ela se renova, se recupera; que, se a lagartixa perder uma perna, nasce outra no lugar. Dividas exploradas, doamos a estrela e a lagartixa para o Sae, do laboratório. E falamos tanto sobre como seria bom se nós... Ai, as crianças lembravam do mundo do Futuro, dos cyborgs, da possibilidade de que no futuro, quem sabe? E ai discutiam e discutiam se valeria a pena e até que ponto. Frankenstein, o exemplo para as questões do todo/parte, veio à baila. Abrimos, portanto, uma brecha para outros temas operados já visitados por nós, mas sempre à espera de um pouco mais, na certeza de que a literatura é um mundo, vasto mundo onde todas as estradas se cruzam. Foi bom observar as crianças falando sobre novo processo de trabalho com conhecimento de causa. As crianças partiram para a pesquisa de outros monstros da mitologia grega e romana e prepararam aulas para falar sobre eles.

Uns destes monstros destacaram-se sobretudo e deles falamos após: Minotauro, Cíclope, Medusa.

Lechamos este item com uma atitude de descobrir qual o nome do monstro, escrito de forma enigmática, em diversos cartões e jogos que a criança portava. (Este jogo é facilmente encontrado em revistas de palavras cruzadas; eis aqui um exemplo:

Nitra de relad que, desembralhando-se as letras, volta a ser "Linda de Berna"). E também com um jogo baseado no costume "atirar a bola na boca do palhaço": desenhava-se um monstro mitológico com a boca escancarada e tínhamos que acertar nela uma bola de meia. Este jogo, depois, em sua forma menos desastável, feita na carpintaria, passou a compor o acervo de nossa Jogoiteca. As três lareiras boquiabertas espionavam-nos, a partir de então, melifluamente tentando que esquecemos tudo o que aprontáramos. Mas, qual, se bobearmos, zés!, bola nelas para deixarem de fazer maldades. Que desgraça!

E, por causa dos ciclopes ferreiros, monstros gigantes de um olho só, que vivem trabalhando com metais, sem parar, debaixo da terra, habitantes das profundezas do Monte Etna, por causa de suas falas sobre as erupções do vulcão, que na vida real estavam em evidência, naquele ano, com reportagens em vários jornais e revistas. Diante, então, de fatos dos "rios de lavas", pudemos associar este "inferno domado" — como uma reportagem o chamou —, com o que estávamos tratando, surgindo desta ocasião uma interessante pesquisa sobre os "monstros da realidade".

Aproveitando o ganho fornecido pelas crianças, mais um item foi anexado ao planejamento inicial: uma discussão sobre

os monstros da literatura x os "monstros" da realidade. Na "aula" estão
 preparada para abordar aspectos plausíveis às crianças, já que títu-
 mos a medida do seu envolvimento e percepção do assunto depreendida
 desde o Mundo do Terror com as formas decididas por elas para
 "dar o troco" às "monstruosidades" countidas pelos monstros da rea-
 lidade (veja o acontecimento intitulado "Cala a boca já morreu" e
 o filme feito com o sepultamento de um membro da equipe
 docente). Ou melhor dizendo, desde o Mundo da Fantasia, nos li-
 dos com as bruxas e outros personagens das sombras. Assim foi que
 iniciando a sistematização do assunto, lembramos Drácula, person-
 gem que, conforme pesquisas, foi baseado em uma figura real, o
 Conde Dracul. Esta volta momentânea ao Mundo do Terror, tema
 gerado visto anteriormente, permitiu a segurança dada por um co-
 nhecimento já adquirido, facilitando o diálogo. Propomos - nos tam-
 bém no futuro da biblioteca e seu processo de trabalho e imagina-
 mos os monstros com que nos deparávamos no Mundo da Idade Média,
 por exemplo, e estreivimos nas brumas da imaginação o terror da In-
 quisição e a cruel inomia sobre onde estaria o Mal: nas "bruxas" ou
 nos seus perseguidores. Porém, como tratávamos de mitologia Grega e Ro-
 mana e daqueles tempos, buscou-se na história de Roma, na sua pra-
 tidade, os seus monstros: Síla, Calígula e Nero.

Com uma introdução (como deixar escapar tal oportuni-
 dade)

de?) sobre o papel da Supremacia, da Documentação e, conseqüentemente, da Bibliotecária, falou-se do que a História e a Literatura nos fez conhecer sobre eles. O filme Calígula, tão discutido e pouco visto ao cinema, serviu de ilustração para essa aula: seu belíssimo cartaz que trazia numa moeda romana a efígie do cruel imperador com os olhos cerrados sangue, incitou boa discussão e aprendizado sobre a História e seus documentos e a parte. Uma única cena do filme em questão, e que me impressionara para toda a vida, foi relatada e, tal qual para mim, ficou sendo o registro, o documento maior sobre as "monstruosidades" de Calígula: a queda da morte. Seu cavalo Incitatus, conselheiro por ele nomeado, serviu para discussão sobre nossa atual situação de falada questão do poder, serviu para ilustração a respeito dos usos e costumes - assunto já abordado - e o papel do cavalo na cultura civilização. Utilizando um cartaz com a figura de Nero desenhado por ele, com olhos libidinosos e coroa de louros que se assemelhavam aos chifres do diabo, falamos sobretudo de sua participação no martírio dos cristãos na arena; novamente vimos o Coliseu, agora não mais para nós uma obra de arte arquitetônica só, mas para sempre um lugar de martírio.

O interesse despertado, as ricas afirmações e indagações infantis transformaram esta aula em mais uma oportuna distribuída pela Biblioteca Infantil, oportunizando conversas também com os pais. (88)

No lado do registro de palavras infantis piyorosas sobre o assunto, na apostilha citada, foi confeccionado um grande cartaz com as crianças nele escrevendo um título quache suas opiniões sobre os "monstros" da "realidade". Eis algumas: "Hitler - foi aquele que matou um monte de pessoas, e quase conquistou o mundo" (Ma Veriza, T. 141); "Lelpus - Maldade: aumentou a dívida externa." (Geraldo, T. 141); "Judas quando traiu Jesus" (Patrick, T. 141); "Judas: traiu Jesus por causa do dinheiro, fez uma maldade terrível" (Joyce, T. 141); "A mesandão." (Gustavo, T. 141); "Batila - Cortou os cabelos de Luísa" (T. 131); "Fernando da Opra está matando." (Silo, T. 131); "Jack, o estripador." (Bernardo, T. 131); "Briçola. Ele é um terror no Rio de Janeiro." (Gláucia Maron, T. 131); "Por que será que todo imperador é louco?" (4ª série); "O homem mata por matar." (3ª série); "Calígula que cortava a cabeça do inimigo só para se divertir." (3ª série). Este cartaz, mais uma caixa de Pandora, despertou a curiosidade de muitos alunos do colégio e das freldades que passavam diante de nossa vitrina. Uma noite, estando eu ainda na biblioteca para ultimar umas coisas, alguns das freldades bateram na porta e, quando tudinho, quiseram saber o porque e o como do cartaz, das atividades, daquela biblioteca.

Os três monstros que se destacaram - Minotauro, Cíclope e Medusa --, continuaram "ambos" à parte, dado o interesse infantil. Para

o Ciclope, fez toda uma menção no último momento da conversa sobre os monstros, mostrando silenciosamente um grande cartão que dizia:

"Da próxima aula, a biblioteca vai se transformar num ciclope! A biblioteca vai se transformar num ciclope, pessoal!"

Muito! Pela seguinte não faltou ninguém. Entre nós e outros boquiabertos ele operava a metamorfose. Ora, acontece que eu tinha a cabeça, um despertar. Por causa e através dela eu despertava para muitos aspectos da vida, inclusive o de transformar cada simples momento em grandes descobertas, em momentos singulares. Intuitivamente, a convivência com as crianças me fascinava, e eu ficava cada vez mais pessoa atenta. Assim, um dia, num abraço apertado, encostei meu nariz no nariz da minha filha e minha testa na dela e nos olhava intuitivamente. Eureka! (Sempre quis passar por uma situação onde pudesse dizer tão apropriadamente esta palavra que habita as histórias em quadrinhos.) Eureka: um ciclope! Um gigante de um olho só! Que tal fazer isto com as crianças e formar a biblioteca de ciclopes? E também o que será uma boa oportunidade de reviver aquela questão sempre conversada entre nós a respeito de termos, aqui dentro, o Bem e o Mal! ... Ah! eureka! eureka!

Foi estúpido. Depois de perceberem num átomo o xis da "transformação", como ficaram importantes! O aprendiam e saíam, meus ciclopes, pela escola, auxiliando no mistério: É mesmo! Eu vi! Ela se transforma mesmo! Fizemos depois um boneco quadrado de papel pardo com um sulco alto (o elemento principal do monstro, esculpado como símbolo através desta brincadeira também). E até hoje estou procurando o esqueleto que saíam uns olhos na cabeça do monstro, além de servir numa seta apontada em sua direção: "Nomeciclope". No fim, depois de sermos informados por um aluno da T. 142 "Enciclopédia é a biblioteca dos ciclopes", a turma 111 classificou-o "Squal ao King Kong". E parece que não era só pelo tamanho ou proximidade, porque, à semelhança do exemplar hollywoodiano, Polifemo também sofre de amor, de rejeição. E, assim, mais uma vez, nós os compreendemos, ao monstro. Diante do seu olhar triste, perdido no horizonte (numa pintura contemporânea), nos lembramos de sua sorte, assim como com a de Frankenstein. Recordou-nos a afirmação em voz tranquila de um aluno da T. 121: "Nesse tempo não era nada bom ser criança."

Enquanto alguns faziam para oferecer à biblioteca a "morada do ciclope" em barro nas Artes Plásticas, adentrávamos nós outros pelo precínio da Medusa.

Nosso boneco-símbolo (89) está de junto da porta de en-
 trada da biblioteca e ficava ao nosso lado no Continho da leitura
 na hora em que histórias d'onde que veio, pela primeira vez, para ilus-
 trar a "aula" sobre si. Este boneco, feito com madeira, plástico, pa-
 pira machê, papel crepom, lâmpadas queimadas de flash e fúrpúria
 (os olhos!), falou a significar tanta coisa para nós que - diabos! -
 as crianças quando saíam da biblioteca ao final da aula, da-
 vam beijinhos nela ("tchau, Medusa!") e, não, em mim! Este
 monstro desbarcou Minerva, que a tinha espietado, no coração das
 crianças, e estas, de pinça, passaram a chamar a deusa ciumenta
 de "Minerva fo". Por que seria tão grande o prejuízo, hein? Porque
 já haviam decodificado os monstros, desvendado, e não se assustavam
 nem mesmo quando viam a Medusa repetida num mundo, pintada
 por Caravaggio, com seus olhos de fúria, sua boca de grito uedonho,
 as serpentes? Porque ela habita os lugares ermos, as solidões, en-
 fim, a "obscuridade de onde vêm os novos instintos", conforme
 afirmou alguém que já não lembro quem seja? Porque o medo e o
 primitivo existem para que nos sintamos vivos? Porque, também ela,
 tem o seu espelho (assim como Drácula e Narciso e Forgas) e assim per-
 mitia-se sua revelação, seu lado de dentro repetido e nele a terrível
 solidão dos monstros? Os diferentes? Os transgressores? Não sei. Não
 sei. Algumas crianças, tentas pela sedução, caminhavam no limiar
 entre imaginação e realidade; outras, mais velhas, já tendo topido

alguns dos seus raios de fogo, nem mesmo penetrando as linhas limítrofes, entravam no fogo — este, seu domínio. Como o menino da 4ª série que um dia encontrei com o braço em torno dos ombros dela e sussurrando ao seu ouvido: "Que tal se você fosse lá na diretoria e arranjar bem firme para algumas pessoas de lá?"

Sobre ... Minerva, vi-me como sua defensora, ilustrando-me a defesa com seus feitos de amor, seus enfeites para os homens. Mas, qual, foi condenada pelo que tinha feito principalmente à Medusa (além da transformação de Anaene e da aquisição de Yini'sias) e as crianças nem queriam ouvir falar dela. À tarde, biblioteca cheia, no intervalo dos seus compromissos com a escola, era comum ouvir-se: "Vamos visitar a Medusa? M. César. [significando sim!]" Os mães, os pais, os tios, os primos etc. engrossavam as fileiras de amigos pela Medusa e enviavam dinheiro dela para a biblioteca; as diversas visões distacavam um olhar muito mais leal, ou sonhador, do que realístico. Medusa foi até desenhada de mais por uma aluna da 2ª série!

Desei um tempo, nem mesmo com minha apostilha de praxe (90), a ênfase pelos alunos era dada sempre à Medusa: o herói que a derrotou — Perseu — ficou em segundo plano. A entrevista que fiz com ela, reportada como atividade, revelou mais do que tudo

sua fregada de nito entre as crianças. Aquelas que coube o papel de representarem-na e responderem as perguntas das outras, representando os jornalistas, diziam coisas e faziam sobre a deusa ou, mais comumente, contavam de seu sofrimento, de seu castigo pela feiura, pela dor de não poder olhar para ninguém, nem por ninguém ser olhada, pela solidão forçada de figuras de pedra. O contraponto foi fornecido pelo filme Fúria de titãs, que apresentava uma medusa horrenda, numa cena de alto impacto para os corações e ouvidos de nós todos, e que eu não perdi a oportunidade de enfatizar, contando com a porta fechada e as luzes apagadas e uma lanterna para ser acionada no momento exato em que o monstro aparece na caverna para desafiar o herói, que quase é dominado por seu olhar egípcio. Daquela noite — como poderia ser diferente? — todos tinhamos medo. Na "fúria", estão, talvez os personagens com as perguntas espalhadas, a cada dia, no mural da biblioteca: "O nome medusa não parece que vem da palavra medo?", por exemplo. E foi bastante enriquecedor ficarmos todos diante da ilustração de uma medusa — habitante do mar — a pensar sobre a significância (a armadilha) das palavras.

Por a verdadeira constatação da importância da medusa, de sua valorização pelas crianças, chegou com a mudança do tema ao final do ano. Por isto é um outro capítulo, não?

E chegou a vez do Minotauro, monstro metade gôti, me-
 tade touro, que habita o labirinto, lugar de inextinguíveis corredores.
 Muitas as personagens deste mito, cada uma delas um mito em si: Dídalo
 e Sócrates (o louvor da inteligência - domo humana, em contraposição ao
 castigo pela soberbia, o orgulho exacerbado que só poderia pertencer aos
 deuses?); o rei Minos (a desobediência, a traição (feminina?), a ver-
 gonha?); Ariadne (a astúcia, o amor, a possibilidade?); Theseu (o
 herói e suas façanhas, o eterno errante?) e o Minotauro (símbolo das
 forças instintivas que o homem não consegue controlar? a angústia da
 prisão? a luta pela liberdade? a solidão?). Na "aula" anterior-
 mente preparada, as ilustrações feitas para o retroprojetor mostravam
 diversos modelos de labirintos: para falar do monstro havia que se fa-
 lar na representação do seu em torno - as paredes, as impossibilidades.
 Labirintos feitos de alto ouro, de pedras, ou feitos de cortantes spi-
 nhos, ou feitos até de vento enlameado (o poderespinho): como ou
 tormento? A fera acuada. A inacessível saída. As crias, para
 tornar leve, lembraram o labirinto percorrido por Didi - herói Tya pallão
 - em uma de suas aventuras televisivas (era um labirinto de espe-
 lhos (!) que levava ao centro, ao prêmio: a cantora Kafi de belém,
 cantando, sedutora. Aproveitando a deixa, falei do labirinto percorrido
 pelo Opdo e o Magro no filme e sua hilariante entrada em Ox-
 ford, e daquele, sutil, feito pelo sutil Jacques Didi em Play Dime.
 O conto de Marina Colassanti Um mês e a noiva no labirinto de ven-

to exemplificou belamente para nós do que podem ser feitos os labirintos. Foi
 quando subido, na realidade, pesquisou-se sobre o século XIX, Sir Arthur
 Evans, suas escavações em Cnossos e o encontro do palácio minóico com
 seus corredores e salas complicados — o labirinto? Falou-se sobre os
 rituais no dédalo, através do qual a filha do rei conduzia o preten-
 denti para que ele pudesse realizar sua proeza e suplantá-lo o pai.
 E as criancas se entristeceram, assim como eu, quando apresentei uma
 possível nomenclatura da caça ao Minotauro nas touradas na Espanha,
 no costume do sul brasileiro conhecido como "a ferra do boi". Min-
 teira lobato e o seu Minotauro, para reverter as tristezas, então.

Deliramos na concepção de um lindo cartaz com as asas
 de Ícaro feitas em papel crepom colorido; e quase virou um conceito
 a enorme quantidade de labirintos desenhados pelas criancas numa pro-
 fusão incrível de formas geométricas, entradas e saídas, armadilhas,
 obstáculos (as criancas, não é mesmo?, estão "carecas" de entender de
 labirintos). Como atividades também propostas: mímicas sobre a ação
 dos heróis (como Perseu pegou o Minotauro, como Perseu matou a Medusa
 etc.); Minotauro em barro, labirintos em restos de madeira da car-
 pintaria; labirinto ricado com giz colorido no chão; e a dramatização.

Quem quer ser o Minotauro? E Perseu? E Priadne? E
 o rei Minos? E Ícaro? E Dédalo? Sobre vamos, ainda, eu e muitas

crianças. " Nenhum problema: que tal serem as pedras do labirinto? Certo, então, você, Nanei, que é grande, vai ser a pedra do centro, a que fica bem onde o Minotauro está!" Do meio das giradas dos espartilhos, coubrinados, então, afastadas pernas e cadeiras, começamos o labirinto. Mas quem diz que os danadinhos ficavam quietos? Risinhos, empurrões, cocinas, as pedras se agitavam. Eu, lá, depois da infértil tentativa " Mas, nunca vi pedra gir..." — que ocasionou uma corrente de rios até as lágrimas —, eu, lá, quieta, pensando. Lá, uma voz que nem parecia a minha (pois também eu estava lá naquele labirinto) começou a dizer como era triste ser pedra e ver aquele monstro acuado, angustiado, à espera. O horror de ser pedra e ver os passos vacilantes dos sete moços e sete rapazes que chegavam para o sacrifício... E o silêncio foi-se fazendo e as crianças foram-se petrificando: tudo ficou parado. Até que uma começou a gemer, como só as pedras daquele labirinto mítológico deviam ter gemido e gemem até hoje; mais uma, mais uma, até que todos nós gemíamos dolorosamente, sabendo que o herói viria e o ser monstruoso seria aniquilado mais uma vez. Tereu apareceu, depois de um instante, falando sobre o monstro e falando com ele no meio das almofadas. A toda do tempo mexeu suas engrenagens e despertamos, assim. Nós, as pedras, revivíamos, olhando-nos de olhos brilhantes.

(Aqueles gemidos acompanharão a minha vida.)

Entramos de volta nas ambíguas, enigmáticas mensagens do destino, enquanto nos preparávamos para Édipo Rei. Resolvendo atenuar esta leitura da obra, pois parecia-me a mais rica de significados para o momento, aula e cartazes foram preparados sobre "Enigmas, adivinhações, sonhos, destino". (91) Um grande interesse!

Todos queremos saber, enfim. Viver e adivinhar o viver accompulha o homem pelos séculos, por que seriamos diferentes? As atividades propostas de adivinhação do futuro, as crianças responderam com toda a alma: a) o futuro do Brasil - "Ser dos Estados Unidos, por causa da dívida externa e por causa do Delfim Neto, que aumentou nossa dívida externa." (4ª série); "Ele ficará pobre como sempre e não vai melhorar em nada, em quase nada." (4ª série); "Eu acho que o Brasil se for inteligente, pode subir, mas se não for inteligente, pode ir à falência." (3ª série); "Não vai ter mais florestas." (2ª série). b) o futuro do homem - "Acabar o mundo com as guerras e lutas. E bombas?" (4ª série); "É ser todo mundo igual e não ter pobres e ricos." (3ª série); "Vão matar o mundo!" (1ª série). c) o futuro dos livros - "Vai ser horrível. Vão ser escritos, vendidos, lidos e depois de cem anos numa biblioteca, vão ser queimados numa fogueira." (4ª série); "Vai passar por livrarias por casas. Vai rasgar e vão ter que jogar fora no lixo e depois vai ser queimado na Comlurb." (3ª série); "A Navei vai jogar tudo velho e botar bandait pra trazer." (2ª série). d) da Biblioteca Subutil - "Nunca mais vai acabar com a professora

Nancy, continuará sempre." (3ª série); "Vou trazer os meus filhos e eles os
 filhos e eles os filhos e eles os filhos aqui." (3ª série). e) dos plane-
tas no espaço — "O futuro desses planetas serão a comunicação com
 a Terra e um com os outros." (2ª série). f) do amor — "Tive vai-
 vado, um casamento e depois uma separação depois vai ter uma jun-
 tação de novo e teve um filho." (1ª série). g) dos animais no mun-
do — "Eles não vão ☀️ $\begin{matrix} -2 \\ +5 \end{matrix}$ + reviver se os homens continuarem
 a matar $\begin{matrix} -8 \\ +a \end{matrix}$ + los." (4ª série)

E, ao lado destas, inclusive com a linguagem enigmáti-
 ca já assimilada, uma, pelo menos, peremptória: "Eu não acredito
 em Destino. Se eu quiser me suicidar, eu me suicido; senão, não.
 Eu que decido e não Deus." (4ª série)

Houve relatos de sonhos e foi difícil desobrigar-me de
 banear a deusa que poderia decifrá-los. Mas foi fácil pagar a "pon-
 te" com os picarunistas do nosso conturbado mundo moderno, atual
 não tão diferente daquelas "épocas mitológicas". O homem é igual, mes-
 mo em tempos diferentes (?), compreendiam as crises. Oráculos,
 I Ching, Numerologia, Tarot, jogo de búzios...: a procura e seus ca-
 minhos todos. Meninas da 3ª série trouxeram para a biblioteca O li-
vro do Destino, de Kirchenhoffer, e foi incrível folhá-lo notada de




crianças, olhar os detalhes de conteúdo e forma, sentir seu cheiro de livro guardado com afeto. Me deram de mão beijada a oportunidade de um momento bom com o livro — este nosso objeto e objetivo.

Hafalda, a criatura do Quino, que estava sendo usada, com sua preocupação sócio-política com o Presente, como personagem essencialmente indagadora da vida, e, portanto, perfeitamente inserida naquele mundo de pontos de interrogação, espalhava-se em cartazes pela escola perguntando coisas aos bonecos derretidos — as pitonisas e sibilas. A dúvida sobre a existência "real" destes oráculos, ou sacerdotisas sobreviveu-se (ou aprofundou-se) com a pesquisa feita e que nos respondeu que narrações em Lelpos, em 1892, encontraram obras de arte, e que ... Falei de Pasolini e seu filme onde o oráculo aparece, e a cena fica guardada para sempre em nossa memória porque os artistas com sua genialidade eternizam em nós e para nós a visão daqueles tempos, daquele mundo.

Pitonisas nos precisam. Sacerdotisas, mulheres que falavam com as palavras dos deuses. A atividade proposta de uma carta miguélica para os deuses gregos falando sobre as mazelas deste novo aqui e agora, para que eles pudessem responder-nos através de suas profetizas, requir-se outra, proposta pelas crianças e que, muito mulher, disse-me de sua acumulação do tema quador: "Vamos brincar de oráculo e pitonisa!"

As perguntas eram para os que consultavam apêlharum — que diante das palavras dos deuses há que se ter humildade; as respostas eram os assentos das sibilas que, fechando os olhos e segurando as mãos do pobre mortal (cativante esta compreensão de que o contato fraterno, protetor alivia-nos o empecilho do medo diante do que vamos ouvir), dizia: "Tudo será bom para você. Você será bom." (1ª série); "Se entrares nesta guerra, tua coroa quebrará a ponta." (3ª série); "Se nadares, morrerás." (3ª série). Esquivando-me entre os altares, pé ante pé, para não perturbar os oráculos e ouvi-los sem desrespeitar, não sei se consegui disfarçar a ânsia de registar aquelas palavras maldadoras: "O sibila, responde-me: como fazer a guerra com meu pai, porque ele é muito chato? Sim, se o peixe amarelo for pescado por ti. Se gostares dele quando o comeres, podes guerrear teu pai que vencerás!" (3ª série). E foi saindo de fininho daquela biblioteca que de mim pouco sabia, quando ouvi pitonisa e homem-em-busca na linguagem perpétua e assustadora dos enigmas: "O que é, e que é que pode agarrar nas fozes um mergulho? — Milagre!" (2ª série).

Após uma apertada se fez com as informações e momentos mais relevantes daquele assunto, para que as crianças pudessem levar para casa, registradas, essas informações na biblioteca. Nesta, data courem-se,

além de atividades sugeridas (intervenção de uma linguagem enigmática; desenhos o anho da Sibila; adivinhações tipo o que é, o que é, com o Comité para ver as respostas no Bibliô; questões a serem compartilhadas entre pais e filhos — "As cartomantes, a quironomancia, a bola de cristal, as cartas do Tarot etc. não serão o oráculo do Homem moderno?"; "E os sonhos, heim?" — etc.), a transcrição de falas e escritos das crianças para que se pudesse analisar (e se levantar) seu envolvimento com o tema operador, seu desenvolvimento como pessoa. Exame as "Adultas falavam infantis": "O amigo e amigo de home, vamos ajudar o Brasil porque os políticos não estão com nada!" (4ª série); "Os  da  não são !" (4ª série).

Com cuidado de não deixar descontrolar com excessos de interpretação sobre a enorme variedade de formas de adivinhação do futuro, e, aí, ficarmos longe da intenção do que se queria dizer, o contraponto oferecido pelo Mundo da Mitologia grega foi a figura do Destino. Filho do Lar e da Noite (por não?), era uma divindade muito poderosa e misteriosa, a mais antiga de todas; seus desígnios eram gravados num livro de bronze, e os deuses podiam retardá-los, mas nunca (outra palavra sendo "sempre"), nunca anulá-los. E, para estímulo do nosso fascínio, era cego. Que oportunidade para falar das figuras andaluzas e adivinhas que permeiam todo o cotidiano, fadas, profecias, sendo seguidas ou reencantadas; do cantadouro cego do nosso Brasil que expõe nos seus versos

na "visão" são perpetuamente crítica! Discorra sobre um ser como Tiki-
nias. Que chance de falar do "olho da alma"!

Olhos abertos, coração em suspense, estávamos diante, enfim,
da Moira. Pontos, então, para Kdiko Sei.

Pontos? Que duração! Pontos nunca, estaríamos para o impac-
to ocasionado pela beleza. A força de uma obra de arte é sempre maior
do que supomos. Suas raízes enraízam-se em nós e estendem-se nela
para sempre.

Houve burburinho. Tinham medo alguns pais? (Mas isto
é assunto para criança?) Enquanto se armava o cenário na biblioteca,
esta dúvida — que eu já adivinhava — me foi notificada. A Direção do
Colégio, intranquila e coarctada, perguntou: mas isto é assunto para crian-
ça? A biblioteca, atenta, declarou: o foco de interpretação da obra re-
cairá com ênfase sobre a questão do destino, a Moira, que nos traça os
caminhos, as meruzilladas. Mas achou bom que indagueis, devíamos
conversar, vamos marcar uma reunião ampla ou podemos falar tete a
tete — na minha opinião, o melhor modo.

Alguns meses mais praia. Na hora da saída, num canto da biblioteca, dialogamos sobre Édipo. E percebi, então, que as dúvidas representavam muito mais o receio de seus filhos estarem entregues a um profissional inenquente, que os fogria em campos virados e, na hora do perigo, fugiria covardemente, seu olhar para trás. Assim, a tentativa de explicação foi dirigida primeiramente para a explanação dos objetivos gerais do "Projeto Gaudes Clássicos", que permeava todos os temas geradores. Acompanhando as intenções de informação sobre a obra de arte humana, nossa herança cultural, o objetivo explicitado de formação preparou a entrada específica de Édipo Rei, exemplo, entre tantos outros de busca de identidade. Percepção oportunizada a nível de compreensão de uma narrativa, de uma história, que seria nosso objeto a analisar. Neste objeto, em uma de suas partes constituintes, o destino. A história narrada, então, a fim de que pudéssemos, ao lado do protagonista, caminhar os seus passos, que o levariam de encontro ao seu fado, à sua sina. A luta do homem e sua vontade contra os desígnios dos deuses. "E se quiserem uma explicação sobre complexo de Édipo, sobre Freud, sobre sexo?" Diante da angústia enfim revelada pude eu também expressar que muitas certezas eram em relação ao processo de trabalho da Biblioteca; que se a criança fez as relações ao que é mencionado, estudado por nós, demonstra claramente o que se quer encontrar nesta forma de apreensão do mundo; a comunicação se dá, pois que a criança - interlocutor -

torna-se o outro sujeito que fala, que diz a sua palavra. E, em última instância, é esta a essência da Biblioteca para Crianças. (92)

Quanto a Freud, ao "complexo de Édipo" e ao sexo, se pontificassem, seria um sinal de que era assunto merecedor de atenção por parte de toda a comunidade escolar e, neste caso, junto, inclusive, com os Serviços de Orientação, buscaríamos o tratamento adequado à questão. Mas a Biblioteca não se portaria a pelo menos informar, posto a pergunta, das relações existentes com a história, pois a narrativa estaria ali como novo objeto de estudo e prazer, permitindo, inclusive, deixar ver sua força que se espalhava pela vida "real", a ponto de servir como modelo para teorias de compreensão da identidade humana.

Alguns pais sorriam (se aparentavam?), outros passearam pela Biblioteca, tocando os livros com os dedos, olhando o elmo da Medusa, os signos do nosso museu, os cartazes e desenhos das crianças (se indagavam? se recordavam?). Apertamos as mãos (me deram o voto de confiança?).

Quase simultaneamente, teatro do Rio e São Paulo apresenta-

nao a tragédia, numa feliz coincidência em torno da obra que fazia as crianças trazerem recortes de jornais ou os programas das reuniões, se seus pais haviam-nas assistido. Formávamos um dossiê sobre Édipo. Recebemos ajuda dos pais que se interessavam pela civilização e literatura gregas, pelos que se interessavam por teatro.

E a história foi contada. A tragédia abateu-se de novo sobre Édipo e o horror de sua vida sobre nós. Livros, redações, cartões, consultórios inundavam a Biblioteca. E mais e mais as crianças eram encorajadas a pensar sobre o destino humano, através da dissecação daquela história. O enigma da Esfinge serviu de propulsor para inabalantes o que é, o que é, invulnados pelas crianças, em torno da natureza humana, em torno da importância do homem no mundo (até mesmo negativa, quando se referiam à destruição causada ao meio-ambiente). A ênfase dada a algumas frases-chave da história, destacando-as do texto, serviu para montar várias histórias em quadrinhos feitas a partir da tragédia do herói. Corria-se aos murais — que precisavam ser trocados quase diariamente, dado o número de contribuições — para olhar mais um desenho, para responder mais um enigma, para pensar mais uma coisa, já que os cartazes com que as investigávamos solicitavam sempre e sempre reflexões que se tornavam cada vez mais um costume para as crianças da Biblioteca.

Em um deles, colocava-se lado a lado dois rostos de um mesmo ho-
 mem, caracteristicamente grego, sendo que um aparecia com os olhos
 vendados e o outro com os olhos furados. E a pergunta: "Este é
 Édipo?" Dentro cartaz, também lado a lado, Medusa e Édipo e
 seus olhos. E a pergunta: "Por que destes dois os olhos são avaldi-
 çados?" Ainda outro dizia: "Por que Édipo furou os próprios olhos?
 Para não ver nada (do mundo exterior)? Ou para ver tudo (do
 mundo interior)?", fazendo-se o jogo das palavras ser enfatizado atra-
 vés da utilização de cores semelhantes (por exemplo, "nada" e "tudo"
 em quase vermelho e "exterior" e "interior" em quase verde), e um
 do mostrado por uma grande espelha que trazia esta dúvida em um
 balãozinho de pensamento. Foi um, auxiliando-nos no pouco tempo pa-
 ra tanta informação e riqueza, mostrava a "Árvore dos avaldiçados",
 onde, de um tronco só, saíam ramos com os nomes dos trágicos: La-
 ois, Etéocles, Édipo, Polinice, Ismênia, Antígona, Creasta. O conceito que
 o cartaz fazia era no sentido das crianças "arrumarem" os ramos como
 numa árvore genealógica e também nomearem o tronco em comum
 ("Lentius", "Tragédia", "Gregos", "Mitologia grega e romana", e até
 mesmo um "Sufixos" foram alguns dos títulos nomeados para aquele
 tronco que unia aqueles personagens). Outros que mostrava, nos cami-
 nhos que se cruzam em uma encruzilhada, o esquema "Édipo:
 o destino dado pelos deuses X o destino feito pelo homem", onde as co-
 res utilizadas para marcar as palavras-chave (foram substantivos em
 verbos) e o uso de vírgula e minúscula, acentuavam o jogo

semiântico pretendido, como "pistas" para a solução da pergunta adicional que via "puxada" de detrás do cartaz, através de uma tira de cartolina: "Qual destas frases é a mais verdadeira para a história de Édipo?". E, logo do meu piedade, havia uma segunda pergunta que se escondia ainda atrás da primeira: "Você certeza?" Outro cartaz intitulava-se: "ÉDIPPO, o decifrador de enigmas?" e indagava se estávamos certos ao afirmar que ele: "decifrou o mistério dos deuses (o enigma da Esfinge: quem é?) X quem decifrar o mistério do Homem (seu próprio enigma: quem sou?)". Um cartaz que agradou muito às crianças foi o que mostrava "O relógio do DESTINO de ÉDIPPO", onde tiras de cartolina com as frases mais significativas ditas pelos personagens eram coladas no lugar dos números de um relógio e os ponteiros, chamados "deuses" e "Homem", podiam ser mexidos pelas crianças, num jogo de associação com a estrutura da narrativa curada. Por exemplo: o ponteiro "deuses" (que via o dos minutos), apontando para a frase "Se boio e fresta tiverem um filho, ele matará o pai e casará com a própria mãe!"; ao passo que o ponteiro "Homem" (o das horas), apontava para "A morte de boio é a causa de tantos infortúnios. A cidade de Tebas está amaldiçoada, até que o assassino do antigo rei seja punido. Só então cessarão a peste, a fome e o desespero." Aquardavelmente as crianças também procuraram ao ver seus desenhos compondo um grande painel com a história totalmente dividida em ceras, que,

por sua vez, acompanhava os atos da peça de Sófocles. Para conseguir tal façanha, em lugar de solicitar o costumeiro e geralmente contraditório "desenhe a cena que mais gostaram", motivo do frequente fustigo que acomete as crianças depois de uma concentrada fruição às histórias narradas, em lugar desta frase hipocritamente liberal, uma caixinha com papéisinhos, a serem sorteados, que possibilitavam o encadeamento das idéias e acontecimentos da narrativa, tudo sendo indicado através da resposta a uma pergunta proposta. Assim, por exemplo, o desenho que acompanhava a cena final foi conseguido através de um papéizinho onde se lia: "Como se pode desenhar o final da história de Édipo? Depois que ferrou os olhos sua família o abandonou? Ele morreu?" Ao longo sendo convidado, em clima lúdico, a avaliação sobre o impacto do mito em suas sensibilidades tornava-se menos limitadora, ao meu entender. De posse dos desenhos mais representativos (os outros iriam para os murais "comuns"), foi só o tempo de arrumá-los sistematicamente e expor o belo painel "ÉDIPUS REI, uma tragédia de Sófocles" aos olhos de todos.

Compilando o cartaz pesquisador da cobrança sobre a continuação da narrativa (precisávamos ter toda a carga horária só para a Biblioteca), as sínteses enviadas pela "mãe do Arthur, da turma 142 e da Jurea, da turma 132", com o dizer "Esta é a continuação da tragédia de Édipo: ANTÍGONA e ÉDIPUS EM SOLO-

NA." É a pergunta: "Por que não convidamos o Arthur e a Teresa para contarem?"

E assim, tendo podido preparar umas umas apostilhas (23) e dando-me por satisfeita, pus-me em sossego. Santa impudência! Quanto precisava ainda de preparação para esse ofício com as crianças!

Escrevendo exatamente onde abordeava que não deveria haver erro, "esqueci" por completo que usuário criança compõe-se de vários e de seus responsáveis. A biblioteca para Crianças tem como usuário direto a criança, sem dúvida, mas esta, exatamente pela sua etapa de desenvolvimento como ser humano, é acompanhada; não está intencionalmente só na tentativa de apreensão do mundo. (Não esquecer que este trabalho baseia-se, em princípio, na experiência ocorrida com crianças de um colégio particular da zona sul do Rio de Janeiro. Neste sentido, tais crianças tinham a seu lado um responsável, pelo menos. E com características determinantes, a grosso modo falando.)

Toda obra com o resultado obtido na Biblioteca, lancei no "para você pensar" (item que se tornara obrigatório nas novas apostilhas que eram lidas para casa, deixando entrever um pouco

do que se passava na biblioteca, como uma prova de avaliação e "prestação de contas" às famílias), pois é, lancei ao mundo a seguinte questão: "O que é? O que é? INEXORABILIDADE?" E, ainda não satisfeita, querendo escarafunchar mais, perguntei: "Você já reparou na palavra nordestino? Você já pensou no destino deles? Pode ser mudado ou é inexorável? Depende do que? Depende de quem?"

Menino!...

3.6.1.1 OS NORDESTINOS E CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE: UMA TRAGÉDIA A LA GREGA

No telefone, que atendi às pressas, dado o adjuízo com que veio acompanhado (disse que é urgente!), a voz, identificada apenas como "mãe de um aluno", verificava. O que eu pretendia com aquilo? Quem é que me tinha dado licença para falar daqueles assuntos com as vicieiras? Quem eu pensava que era? Tentei argumentar, vermelha pelo impacto, para obter um pouco de seriedade para a situação a fim de estabelecer uma conversação,

mas, qual, a voz não admitia réplicas, queria desabafar. Assim, não tão calma como pode parecer nestas palavras, cali-me para dar vez à catarse (palavra bem constante naqueles tempos de mitologia grega). Uns bons minutos-séculos. Numas brechas, indaguei: Mas de que assunto eu especial a senhora está falando? E a voz, interrompida: "Dos verdetinos! Da inexorabilidade! Sou amigávelíssima do Carlos Drummond de Andrade e até ele, quando me ouviu, achou que é um perigo!" E antes de qualquer outra coisa, bateu o telefone na minha cara.

Azinharre, vinagre, fel. Não pude evitar este gosto na boca; a orelha ferida, o coração acelerado, a cabeça galopando. Mas por fora, eu = mulher de bot.

Onde estava exatamente o ponto que eu devia pincar para entender o que ali me estava sendo oferecido? O que responder às perguntas dos colegas à minha volta? O que indagar a mim própria?

Enaghiçada, encorregava para o "como", e via e revia um modo. Num atimo, julguei ser melhor destruir aquele modo-

lo e, qual arrependido, ou covarde, filho pródigo, retornar à prisão da 7.5 por 12.5, às pesquisas - cópia - e - colagem, às estantes arrumadinhas, aos livros de páginas coladas esperando a classificação de Dewey, às gavetas da escrivaninha cheias de fichas para serem datilografadas, aos cartazes "silêncio", ao balcão-barreira, à face empedrada, aos cuidados novos, aos muros. Socorro! meus livros; acesseme! meus mestres; ajudem-me! meus pensamentos! Tal qual personagem de história em quadrinhos ou desenho animado, sentia a lâmpada do criador ir apagando seus traços.

(Uma vez li um conto da Clarice Lispector em que há uma mulher caminhando tranquila, em momentânea paz existencial, pelo calçamento da praia do Leuzer, quando, de repente, seu pé calcado com audácia leve pisa num rato morto. Foi assim minha levitação: queda.)

E (mesmo não lembrar aqui) fui para o burburinho chorar. De repente, olhei-me no espelho.

Dia seguinte, procurei o Laruel do S.O.R. e contei para ele, na porta da biblioteca, enquanto o burburinho vivo se fa-

zia ouvir lá de dentro, as crianças inquietas para começar. Ele sorria. (Que surpresa!) E porque essas tarefas não aguardavam, falou depressa de uma coisa bem longa e demorada de perceber. Falou de opções, de riscos e de aprendizado. Lembrou-me de muitas vezes fiapada contando que a mulher "ameaçou" vir pessoalmente à biblioteca me "enfrentar". Lembrou que senti um certo desconforto quando ele — acertado, talvez, pelos difíceis assuntos com que lidava no cotidiano —, ele foi indo embora para sua luta própria e falando: — Se você quiser, me chame na hora...

Fazer uma tese é mesmo muito difícil: contar estas coisas, o aviso sobre os perigos do discurso na 1ª pessoa do singular mais presentes do que nunca... Salaria traçar, camuflar, mostrar de outro jeito o protagonista deste momento para argumentar favoravelmente sobre o modelo e, por consequente, sobre sua criação e criador — o bibliotecário. Mas, tendo escolhido "compôr a intimidade de da vida cotidiana" — como diz instigantemente Pedro Demo (não fosse este o seu nome!) (DEMO, 1987, p. 49) —, prefiro erguer o crescimento e revelar aquela (Poliana? Lúcia Lou?) que precisava certamente ainda muito trilhar os meandros do labirinto, pois que ainda se confundia — tudo na claridade de uma curva de corredor, a porta de saída. Assim, eis aqui um "nel mezzo

del comunim di nostra vita", com seus elementos etóricos (lembra a fuga "fuirina" para o choro no banheiro) a construir este modelo aqui explicitado.

Houo sume! Agora que esto para trás, esta frase deixa de ser como um pedido de desculpa (lembra de novo a fuga para o choro) e passa a ser uma constatação. É ponto capital na concepção teórica do modelo visto aqui. O modelo foi e será construído por pessoas. Assim, tanto do "lado de lá" (as crianças, seu usuário), quanto do "lado de cá" (o bibliotecário, seu co-autor), ocorrem oscilações nos seus elementos, já que, ativos, estão em constante mutação e são diferentes em suas constituições.

Nesse sentido, tomoo esta escritura meu padre Karras e, à guisa de relato "objetivo", pratico o exercício.

É como presuntia, tal qual o autor de Pergrinação através da Escócia, do plebeo Capitão Grose, 1793 (comprou lido em lançamentos & livros, de Epica Song), como presuntia que "há uma criança entre nós, tomando notas", preocupava-me sempre com o "por que" na constituição de uma biblioteca para Crianças. Assim,

reflexão, num certo nível, pus-me a pensar e, o que naquele tempo pareceu-me uma indagação pertinente sobre os acontecimentos, hoje ratifico mais sistematizada mente nesta dissertação:

Em Édipo Rei quis-se, dentre a multiplicidade de significados, destacar da narrativa o aspecto do homem sob o seu Destino. O que talvez não fosse totalmente conscientizado, percebido na sua vasta extensão, é que este ângulo narrativo, afinal, não passa de uma outra forma de dizer "quem sou?" estava lidando com componentes essenciais, mais uma vez lidando com a busca humana da sua identidade (já trabalhados nos temas quadros de antes). Do entanto, teria mesmo aprendido a lição? Édipo Rei era mais um portigo para o vultoso de este leit motiv, era mais um indício de que no âmbito deste modelo aqui apropriado está a possibilidade de encontro com o Eu tão buscado. E que, se assim for, o indivíduo em processo constante de busca e, portanto, de luctamento, passa a ser um componente mais perfeto para o grupo, o social. Estaríamos — profissional e instituição Biblioteca — preparados para esta novidade? Seria toda aquela pla só "da boca para fora"? Só em relação ao usuário — a criança em constante e mais transparente mutação? Seria, talvez, ir mais em busca de mim — um dos componentes da equação? Seria aprender muito mais sobre um usuário, pertencente a uma determinada classe social, com suas próprias certezas e incertezas, com seus medos próprios, com suas próprias buscas além das humanas, gerais? Seria conscientizar-me mais da

força propulsora do tema gerador, pois a literatura (havia esquecido?) for-
 ra-nos a todos sujeitos e, não mais, objetos? Conhecera suficientemente
 meu instrumento de trabalho — aquele que direco aqui e outro como
 o mais apropriado? Realmente sabia sobre a literatura, sobre o Sua-
 gário nela simbolizado? Este modelo de instituição, que já não se
 quer mais "contemplativa, complacente" — como disse alguém (que ago-
 ra me escapa) —, mas geradora de conflitos, "inexorável" do interior
 nosso, este modelo é capaz de ser captado em sua real magnitude,
sabido, muito mais do que conhecido, pelo profissional atualmente for-
 mado? Ele é capaz de se apropriar da complexidade dos elementos
 constituintes deste modelo, compreendendo em sua grandeza a transfor-
 mação daí resultante? Estaremos mesmo prontos para, a partir da or-
 dem, possibilitar a des-ordem (como dito por Louis Milanesi — MILANESI,
 1986)? Enfim: olhamos suficientemente o contexto? O Outro? E o de
 dentro de nós? E esta nossa Casa, a Biblioteca, foi já suficientemente
 olhada por nós?

"O quadro representa Perseu no exato momento
 em que ergue a cabeça decepada da Medusa.
 Mas o espelho ainda viu, imune a seus poderes, o
 rosto do monstro, ainda fez a seus pés. Nesse
 espelho, muita, muita, muita coisa."

(Lewinski. Agora é que são elas.)

A mulher? Nunca aparece, nunca sabe quem era ela. Mas como agradeço este presente que ela deixou... Quem sabe fosse também — ambiciosamente — julgar que foi a Biblioteca que lhe possibilitou ler as suas (in)certezas, sua voz, sua identidade?

...
 Enfim, Spartacus. Uma lição de liberdade. E que proporcionou um "gancho" muito bom com a história de Zumbi dos Palmares.

Foi preciso começar com o contra-ponto de dois assuntos complicados: a escravidão, o Cristianismo. Algumas falas baseadas em pesquisa conjunta e o auxílio de cartazes introdutórios espalhados no caminho para a Biblioteca, com certa antecedência, iam instigando a curiosidade inútil para a história que viria em seguida: "Mas tarde, quando o homem começa a perceber que os deuses também falham, começam a surgir novas religiões e novos mitos. Desaparece, então, o antigo herói. Foi como aconteceu na época do Cristianismo; "O herói que vamos conhecer em seguida, era de "carne e osso". Muito diferente — e, ao mesmo tempo, muito igual — aos heróis que a gente já conhece: Perseu, Hércules etc. (Como é que pode? Quem será?); "Começam a surgir novas religiões e novos mitos..." (Você sabe do que este autor está falando? Já conversou com a Jéssica, de História, ou com a Danci, do S.O.P.?). E assim por diante.

Porque se falou que, naqueles tempos, a fonte primordial de escravos mais importante foi a guerra, reviramos o que conhecíamos sobre os exércitos e soldados romanos. Podíamos pensar sobre os dois lados da moeda: o poderio de Roma, suas armas, suas estratégias de guerra, e as consequências. Falamos sobre a estrutura da sociedade romana escravagista e sobre o que é um escravo. Dissecando a palavra e seu significado, falamos sobre os diversos tipos de "escravos", em todos os tempos.

Considerando o momento adequado, percebendo que a-briam-se para a problemática, lancei Spartacus no meio de nós, para queoubinemos, através do conhecimento de sua história, o que foi aquela vida, aqueles sonhos, aquela luta.

Baseada fundamentalmente no livro de Howard Fast, deste também aproveitei a dedicatória, numa cartaz em forma de uma grande chave ("Por que será, hein?"): "Dedico este livro à minha filha, Raquel, e a meu filho, Jonathan. É uma história de homens e mulheres corajosos que viveram há muito tempo, mas cujos nomes jamais foram esquecidos. Os seus heróis amaram a liberdade e a dignidade humana, e a sua vida foi nobre e bela. Escrevi-a para que os que a lerem, os meus filhos e os outros, possam encontrar nela a força bastante para empurrar as perturbações do nosso futuro incerto e lutar contra a opressão e o mal — de modo que o sonho de Spartacus seja uma realidade ainda no nos-

do tempo."

Algunas imagens, porém, roubei do filme de Stanley Kubrick, de 1960, com Kirk Douglas.

Ênfase à dor de ser escravo, ênfase à lealdade, sentimento tão bonito, ênfase à força da união, ênfase à fortaleza feminina, ênfase à coragem de tudo enfrentar por acreditar num sonho. Momentos fortes enquanto descrevia-se as mulheres lutando às vezes mais fermente que os homens; enquanto víamos os cadáveres dos escravos como sentinelas; enquanto delirávamos com as "armas" de Spartacus e seu exército enfrentando a supremacia romana (a T. III batia palmas à cada batalha ganha); enquanto presenciávamos a revolta na arma porque amigo não queria matar amigo e porque o homem nasceu para ser livre e, não, escravo.

Varínia (este nome rolava lindamente em nossa boca), a guerreira, a doce amada de Spartacus e de todos nós; Spartacus — o que nos estaria significando? Na turma 133 atinxi para a expressão de mais de uma criança quando falei que chamavam Spartacus de "pai", porque ele era forte e doce ao mesmo tempo. Da 1ª série ouvi: "O meu pai não é nada bom, é muito

mau." É aí, bibliotecário? Como proceder numa situação assim? Bem-
 bro, da mesma forma, na biblioteca do Ciep, cumprindo planejamento
 do Projeto de Organização e Linarização da Sala de Leitura da Es-
 cola Geraldo Reis, feito pela UFR, lembro que enquanto estava a
Norma Torta, precisei explicitar a palavra "cafuni". Depois, recebi
 a avaliação escrita, por mim solicitada às professoras colegas do pro-
 jeto e que assistiam a "aula". Numa delas, zangando, Lucy falou
 que estremeceu quando eu expliquei que "por exemplo, cafuni é
 coisa que não faz na nossa cabeça, carinho, agado", pois que, na-
 quele auditório (de crianças pobres, em sua visão), quantos teriam
 mãe? Ou mãe que fizse ou pudese fazer cafuni? É aí, bibliotecário?
 Não contar as histórias? Não responder às perguntas? Desprezar o mun-
 do? — Ah, criança, você está falando da boca para fora. Todo pai é
 bom. Ou pelo menos deveria ser. Vai ver, criança, você não está en-
 tendendo ele. — Ah, criança, "cafuni", deixa ver aqui no dicionário,
 é "ato de coçar levemente a cabeça de alguém para fazê-lo ador-
 mecer". É aí, bibliotecário? O que me respondeu? (Eu? Fiquei
 calada, quieta, ouvindo o desabafo daquela criança que, abrindo-
 -se à emoção, disse de si. Fiquei silenciosa, à espera, por um pouco,
 para que a palavra ("pai", "cafuni") marcasse a ferro e fogo, e
 soprasse sua doce brisa sobre nós.)

"Tinha criança uma vida horrível?" (T. 134); "Ai, me
 diz logo, a Valéria vai morrer?" (T. 134); "Eles não queriam a arma

tingida de sangue? Por que não pintavam logo de tinta vermelha?" (T. 134); "Toda vez que for à praia, vou me lembrar da arena cheia de sangue." (T. 134); "Por que a gente não faz uma luta de gladiadores aqui e aí decide sempre o polegar para cima?" (T. 113); "Si, esta história aperta o coração..." (T. 122); "Por que a cidade de Roma agora é uma cidade tão fraca? Por que é só uma cidade?" (T. 121); "Se eu fosse gladiador e tivesse que lutar com um amigo, eu preferia que ele me matasse." (T. 121); "E tinha gente pra se divertir vendo gente morrer?" (T. 123); "Se eu fosse imperador, eu só fazia assim [faz gesto de polegar para cima]" (T. 114). Ao lado destas palavras iniciais carregadas de emoção, as palavras ditas em Spartacus declaram, nos cartazes da Biblioteca: "— Gladiador, não sejas jamais amigo de outro gladiador!"; "Spartacus, para que nasce um homem?"

Porém, aquela que, cheia de preta e de sonho, conquistou a todos nós e que originou desenhos de desenhos e cartazes e possibilitou o paralelo com a história de Zumbi dos Palmares, foi "Valkari earei milhões!" Ao olhar nos desenhos da Via A'pia marcada com os nomes de 6.000 escravos crucificados, os liderados de Spartacus, vencidos na batalha final com o exército romano, quando Spartacus morreu, ao olhar nos aqueles homens, pensávamos "Valkari earei milhões!" Ao ver o cartaz que colocava lado a lado a escultura de Edipo Rei ("duas estradas que se cruzam e selam o destino de um homem") e a Via A'pia ("uma estrada-destino que leva a duas cidades — Cápsua e Roma"), tínhamos nos olhos uma

espécie de corteza. Que foi exteriorizada no belo cartaz oferecido à biblioteca por uma criança: enfeitado pela jói introjetada num saque, um desenho mostrava duas mãos estendidas ao alto com os pulsos amados de correntes partidas.

Quem foram essas mãos libertas, ou foram aquelas vozes guerreiras, ou ainda o sentimento amargo do aprisionamento dos sonhos, ou a frase - esperança. O que foi, afinal? Tudo junto, com a corteza. E lembramos de Zumbi. E traçamos as linhas paralelas entre as duas histórias. Os vencidos e os vencedores (quais seriam?), o líder carismático, houve um comum, escravo, representando o desejo da dignidade de vida; a areia, a súplica; os quilombos, as matas - paisagem dos esconderijos; os estúdios, o cotidiano; a cana, o auro, o café - as correntes. Zâmbi (deus da guerra), ou Zombi ou Zumbi e sua "Mãe negra", como descreveram alguns autores. (Várias coincidências, pois o homem é eterno e o mesmo em seus desejos.) Aprendemos um pouco da nossa história com outros olhos e mais uma frase veio juntar-se à de Spartacus: "Zumbi está vivo!" E nós a compreendemos. Assim, a biblioteca interagindo com as disciplinas de Integração Social, fazendo a transição do aprendizado a fim de fornecer o sustento para muitos milhões. (Não é este, afinal, o objetivo do Conhecimento?)

E enquanto caminhamos para o término do tema, gera-

dar, pode-se inquirir — agora, nesta dissertação —: as histórias, muito mais colhidas no "acervo adulto" (foi difícilissimo, quase impossível, achar livros para compor o caixote "eis aqui o novo tema"; encontrei alguns publicados pelas edições de Ouro, porém com linguagem ainda pouco voltada ao público infantil), as histórias foram, neste tema, muito mais necessitadas de adaptação (o que exige um esforço imenso de pesquisa em várias fontes e um cuidado redobrado com a questão da palavra única — isto é, as variações verbais que se só de mim as versões dos mitos. Além, se eu "errasse", o "erro" se propagaria com foros de verdade; qual a outra palavra, de quem o outro discurso para "duelar", confrontar-se com o meu?

Poder-se-ia, portanto, indagar sobre o Imaginário. Neste modo, assim recolhido do mundo adulto, como dito acima, seria correto sustentá-lo como pertencente à discussão permeada nesta monografia — que envolve basicamente o Imaginário "infantil"?

Por, esta questão não proporia um falso problema? Além de já termos discutido sobre a Literatura Infantil ser somente um rótulo sistematizador, não havendo, na verdade, possibilidade de divisões na sua essência, que é a da fruição; no momento em que se reconhece a criança como ser humano completo em sua etapa específica de seu desenvolvimento (assim como o adolescente, o adulto, o idoso), e não um "vira

ser" (a criança como o homem de amanhã e, portanto, hoje, ainda, "na da"), através desta compreensão da criança, recorre-se em seu Simbolário muito mais um sistema de símbolos que, em sua essência, permanece o mesmo daquele do adulto. O que há é uma sistematização desenvolvida obrigatoriamente neste trabalho (o que é uma dissertação de doutorado sobre a obrigatoriedade de sistematizar dados, idéias?), e que, portanto, privilegia alguns fatores sobre outros, a fim de uma "objetivação" argumentativa. Nesse sentido, a aparência é de que se dissociam fadas e bruxas e feiticeiros e deuses e príncipes e vilões e monstros e heróis. Contos de fadas versus mitologia greco-romana; histórias infantis versus histórias adultas. Mas é só aparência. Pois o que se tenta é falar de um eixo, um vetor que, ambiciosamente, poderíamos denominar apreensão da psique humana: um "lugar" primeiro onde se formariam os símbolos, que são de todos — homens e crianças.

Socorro-me em Jung quando ele diz que "quanto mais o símbolo for arcaico e profundo [...], mais se torna coletivo (isto é, universal)" (JUNG, Psicologia und Alchemie, apud CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, p. xxxvii); "coletivo" e, portanto, uma especificidade indelével quanto a fixas etárias. O que haveria, então, para o mundo infantil — em se tratando de histórias que comumente lhe são vedadas —, seria uma "linguagem nova, [denunciando] ressonâncias imprimitas,

[revelando] sentidos antes despercebidos. [...] A narrativa e a imagem [...] vibram em níveis diferentes (grifo meu) de consciência e de percepção [...]. (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, p. XL)

E se aqui é percebida, reconstituída a obra de arte humana como a linguagem por excelência dos símbolos, nela se vão buscar as representações, as imagens que são de todos. For um, numa literatura — a obra de arte humana, por excelência, da Biblioteca — seu "indicação por faixa etária". Poderíamos até acrescentar nesta argumentação que seria, deste modo, um dos trunfos do modelo proposto: acrescentar ao universo infantil personagens, cenários, situações comumente identificados ao imaginário "adulto" (varios chamá-lo assim); isto é, possibilitar as tais "ressonâncias imprevistas", que se amalgamam às relações constituidoras dos símbolos. E, pois, adicionar, "enriquecer" os símbolos e, assim, torná-los todos mais unificados.

Revelada, então, a psique humana nos seus símbolos (claro que já falado de arquétipos?), seria coerente interpretar a mitologia grega como representação das funções desta mesma psique ("as figuras mais significativas da mitologia grega [...] representam, cada uma, uma função da psique e as relações entre elas exprimem a vida psíquica dos homens, dividida entre as tendências opostas que vão da

sublimação à perversão [...] Todas as contições, sublimes ou perversas, do psiquismo, são assim suscetíveis de encontrar sua formulação figurada (aríformu)" (CHEVALIER & GHEERBRANT, 1988, p. 611) e, além de interpretar assim a mitologia grego-romana, ainda, visualizar tais representações (os mitos) como herança autorgada através da "transmissão" destes símbolos, com o passar dos tempos, de uma cultura a outra. Mas herança, é bom que se diga, na sua acepção etimológica de "adquirir", isto é, com os acréscimos que lhe foram sendo acrescentados através das "reinterpretações imprevistas" desencadeadas.

Coopera, portanto, a Biblioteca para Crianças, no modo-lo dito aqui, com este processo de enriquecimento do ser humano, por meio da herança da herança adquirida (a face "cultiva", social da transmissão do conhecimento) com a interpretação individual, ou seja, a percepção pessoal, única.

Édipo, Spartacus, Anotaurus, Medusa, Polifemo, Ulisses, Hércules etc. são aqueles que nos chegaram, que nos transmitem, mas também são outros agora. São, nesta compreensão, o Outro e Eu mesmo, pois, através desta Biblioteca pode-se interagir como sujeito e, aprendendo (d) o que foi mostrado, compreender. E compreendendo, saber.

3.6.2 AS BIBLIOPÍADAS

Ausência não aconteceu a Festa dos Deuses. Problema, principalmente, de verbas, acrescido de outros tantos: a necessidade de recondução dos trabalhos após a volta da licença de gravidez, estando ao tempo, portanto, uns poucos. quatro meses; e, até, a prontidão total para o trabalho estar muito diminuída em virtude das "horas extras" agora serem substituídas pelos cuidados com Rafael recém-nascida etc. Apesar de haver sido planejada e divulgada em formulários oficiais e submissa à Coordenação da área acadêmica da escola; apesar das expectativas ("vai ter festa e a tia vai empinar a sala com roupas de antiquamente e a festa vai ser toda colorida e eu vou vir com meu cavalo de pau e com duas asas." (1ª série); "e se tiver festa eu vou vir de Medusa. Eu gostei muito porque foi mitologia grega." (1ª série)); apesar de em xarunchos até falar fantasias para mim e meu recém, a festa não aconteceria.

No entanto, era preciso substituí-la, foi que liquifera a demais o momento de avaliação (informal), constante em todo processo de trabalho.

Assim, aproveitando a oportunidade da atividade anual de Educação Física — as Olimpíadas Benettonenses — e motivando-nos com o jogo de palavras (e intencões) encontrado numa aventura do Rio Patuê, as "Patapiadas" (isto é, as Olimpíadas em Patópolis) —, foram criadas as Bibliopiadas (isto é, as Olimpíadas da Biblioteca). Valendo-nos da motivação das crianças para os esportes, resolveu-se, então, juntar os esportes e contribuir para uma maior integração entre as áreas pedagógicas.

Cantares pelo colégio perguntavam: "BIBLIOPÍADAS — o que será?" Nos bastidores, reuniões com a equipe de Educação Física (que propunham anualmente competições de judô, vôlei, ginástica rítmica, futebol etc.); com o SOR, SOE, SOR, P.E. e Artes Plásticas, preparavam os caminhos que integraria os trabalhos das áreas (por exemplo, as atividades esportivas, propriamente ditas, em Educação Física; as atividades de pesquisa e entendimento sobre as Olimpíadas, seu histórico etc. nas "aulas" de Biblioteca).

A história de Hércules e seus doze trabalhos já havia sido planejada para servir de fonte para o entendimento das Olimpíadas gregas (94). Foi questão, então, de reforçar as atividades de pesquisa e jogos e brincadeiras. A biblioteca, colaborando na compreensão

dos primeiros olímpicos dos Jogos Olímpicos: "Mas, as coisas boas um dia acabam. E assim, também aconteceu com as Olimpíadas da Grécia antiga. A Grécia entrou em guerra com outros países e, ao longo, seus usos e costumes foram enfraquecendo. Naquela altura, os romanos, com um império muito grande e poderoso, já dominavam o mundo. E, eles começaram a incorporar à sua cultura as tradições que os gregos tinham perdido. Só que não era a mesma coisa, sabe por quê? É que os dois povos tinham duas idéias bem diferentes a respeito do esporte: para os gregos era participação; para os romanos, entretanto, o mais importante era o espetáculo em si, quer dizer, o esporte valia mais como uma festa para se assistir. Foi esse conceito que nasceu o circos romano [lembram-se das arenas? do Coliseu?]" (Nisbet, Walt. Manual dos Jogos Olímpicos) Quanta discussão em torno da verdade histórica e dos desejos humanos "contribuindo" com a Separação até que ela se transforme em Conhecimento! As diversas visões da História, tal qual as diversas versões das histórias que vivemos sempre comentando!

Partays com as várias modalidades dos jogos lado a lado com outros mostrando os jogos e brincadeiras das crianças romanas instigavam à pesquisa e planejamento de como poderíamos fazer novas Olimpíadas. Assim, recolhidos pelas próprias crianças, organizamos nossos jogos, que aconteceriam paralelamente com as Olimpíadas do

do colégio: "Modalidade Bolinha de Gude", "Modalidade Elástico" (uma modernização complicadíssima do pular corda e só conquistado entre meninas, apesar dos meus protestos), "Modalidade Pingue-Foque", "Modalidade Dá-cu-Dentê" (ou três-marias). (Um acréscimo que um "ingênuo" membro da equipe docente sugeriu uma "modalidade de conhecimentos gerais", tipo pergunta-e-resposta, algo assim como "O céu é o limite". Preciso contar o que aconteceu? Quase foi preciso recortá-lo de baixo do manto da Medusa (que quando sobe, também quis transpuni-lo em pedra)... O entusiasmo era grande e a movimentação entre as disciplinas fazia com que nós nos animássemos, os educadores, arrebatados também, alguns com aquela alegria toda e com as possibilidades que aquela ocasião proporcionava. As crianças trouxeram fotos de referência para me fazer novo acervo a respeito do assunto e fizeram um jornalzinho intitulado Você sabia?, onde apresentavam regras das competições, informações sobre os Jogos Olímpicos e uma e outra notícia sobre os jogadores etc. Espalhavam cartazes, com os símbolos das diversas modalidades, inventados por eles. Como não ficar preso?: em todos, a bola, como elemento-chave; até mesmo na "Modalidade Elástico", onde as competidoras foram transformadas, foi, afinal, "pareceu uma bolinha que pula".

Em Artes Plásticas fizemos uma figura de argila representando o Discóbolo que, incorporado ao novo Museu, passou a comandar nossas Bibliotecas. Que se iniciaram quando foi colada na porta

da biblioteca, uma linda tocha olímpica "apeirando" em laminação de metal, coral e dourado, rodeada pelos cinco arcos coloridos, símbolo das Olimpíadas. Foi bonito reunir-nos no pátio, ao lado das virrubas de pingue-pongue e das bilieas cavadas no chão para, nunca só vez (treinada entre as quatro paredes da biblioteca) fazermos o "sermão" Olímpico do Atletas: "faremos participar dos Jogos Olímpicos como concorrentes leais, respeitando os regulamentos e decididos a competir dentro de um espírito esportivo, pela honra de nosso país e pela glória do esporte!"

Francisca pediu licença para colar no novo mural um anúncio feito pelas crianças para ela: "FAMENGOOS! VASCOOS! FLUMINENSES! BOATACOOO! São laços de crochê com pompoms nas cores do seu time. As Francisca Suspetora." As vendas foram um sucesso! Até eu e Medusa assistíamos às competições com os cabelos enfeitados, um laço para cada time, que não somos bobas.

Aos vencedores, claro, uma coroa de louros, uma faixa de comemoração "vencedora" (foi errou relíquias do curso Museum) com o lema "CITIVS - ALTIUS - FORTIVS", e a glória inenarrável de ser fotografado ao lado da Medusa que, nos jogos decisivos, nos tinha acompanhado todo o tempo, lá no pátio, com um apito pendurado no pescoço.

Depois, já era hora de se iniciar a campanha para o tema

gerador do ano seguinte. De confeccionar os cartões de Natal (95), de avaliar com as crianças, com a escola, com os pais o processo de trabalho daquele ano.

Do Projeto Memória Bennett, comandado por D. Albertina, o comitê para integrar a equipe coordenadora, o que resultará em reuniões diversas e um documento oficial, elaborado pela Biblioteca, com as primeiras providências, reforçando nossa divulgação junto à comunidade.

Do SOE e SOP, o comitê para integrar a equipe avaliadora para a entrada de novos alunos no 1º segmento do 1º grau da escola. A biblioteca caberia planejar e executar avaliação qualitativa, através do uso da ficção, em relação à sua expressão criadora e seu nível de compreensão, compreensão, amadurecimento — na definitiva e oficial melhoria da qualificação pedagógica da biblioteca.

Da Associação de Pais, SOP e SOE, comandados pelas crianças, o comitê para formalizar o planejamento de atuação da Biblioteca para o C.A., a 5ª e 6ª séries. A biblioteca para o C.A. teria como justificativa principal a integração dos dois níveis escolares, objetivando os alunos de alfabetização, além da oportunização do gosto pela leitura, sua adaptação ao 1º grau; para as séries iniciais do 2º segmento do 1º grau,

a continuação de suas atividades técnicas em torno da leitura e a facilitação de conhecimento e uso da Biblioteca Central — o que levou este projeto a intitular-se "rito de passagem".

Na área de Teatro, o comitê para utilização da Biblioteca Infantil aos seus trabalhos, tendo a função de participar na análise e discussões dos textos literários ou próprios recolhidos pelos alunos de 2.º segmento do 1.º Grau e 2.º Grau, num "laboratório" anterior aos cursos propriamente ditos.

No curso de Formação de Professores, o comitê para palestras às professorandas sobre o papel da Biblioteca no sistema de ensino-aprendizagem e o pedido de estágio, na Biblioteca Infantil, para as professorandas do 3.º ano do Magistério, na carga horária da disciplina didática.

Além disto, a avaliação que me faz sorrir de prazer toda vez que a leio ou lembro é: "Por que você gosta tanto de colocar pontos de interrogação na nossa cabeça? É pra gente não parar de pensar?" (3.ª série).

É assim, cheios de pontos de interrogação na cabeça,
mergulharíamos fundo no tema operador vindouro que — coincidência? sinal? — seja dele seu principal elemento identificador:

?????